

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPESP
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF – FILO**

LAERTE DE STEPHANO E AGUIAR

INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE FILOSOFIA EM NÍVEL MÉDIO

MANAUS

2020

LAERTE DE STEPHANO E AGUIAR

INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE FILOSOFIA EM NÍVEL MÉDIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação do Curso de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Núcleo UFAM, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Rubens de Souza Costa

MANAUS

2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A282i Aguiar, Laerte de Stephano e
Intertextualidade no Ensino de Filosofia em Nível Médio / Laerte de
Stephano e Aguiar . 2020
128 f.: 31 cm.

Orientador: Carlos Rubens de Souza Costa
Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. filosofia. 2. existencialismo. 3. educação. 4. poesia. 5.
intertextualidade. I. Costa, Carlos Rubens de Souza. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

AGUIAR, Laerte de Stephano e. intertextualidade no ensino de filosofia em Nível Médio. Dissertação apresentada ao Prof-Filo, para obtenção do título de Mestre em Filosofia .

Aprovado em: ____/____/____

BANCA DE EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Rubens de Souza Costa - Presidente

Prof. Dr. Esteban Reyes Celedón - Membro Titular

Profa . Dra . Valcicleia Pereira da Costa - Membro Titular

Prof. Dr. José Alcimar de Oliveira - Suplente

Prof. Dr. Luiz Fernando de Souza Santos - Suplente

Dedicatória

Para Maria das Graças, eternamente.

Para o Gualter e o Laerte, sempre.

Para os amigos, sinceramente.

Para todos, humildemente.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe e ao meu pai, *in memoriam*.

A Minha mulher,
Maria das Graças Carvalho da Fonseca,
eterna marca
de amor verdadeiro,
do qual são herdeiros legítimos,
(Aos quais muito agradeço,
pelo companheirismo):
Gualter e Laerte, nossos filhos.

Aos professores, todos, que tive ao longo da vida,
pelo carinho, a paciência e a persistência de ensinar.
Aos professores do mestrado,
pelos mesmos motivos
e os momentos compartilhados.
Ao meu orientador,
pelo que não foi silenciado.
Aos colegas,
pelo o que foi vivenciado.

“[...] o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define.”

Jean-Paul Sartre

“As coisas estão no Mundo / Só que eu preciso aprender”

Paulinho da Viola

RESUMO

A filosofia, a ciência e arte são conhecimentos que se completam, porque são igualmente criadores e trabalham com o pensamento. A questão é saber como trabalhar com a filosofia no Ensino Médio, qual a sua tarefa nessa modalidade de Ensino. A proposta presente buscou identificar no existencialismo, a partir da obra *O Existencialismo é um Humanismo*, de Jean-Paul Sartre, uma possibilidade de fazer com que os alunos desse segmento escolar descubram suas individualidades e subjetividades, como condições necessárias para a autonomia. Considerando que o Ensino Médio não trabalha com especialistas, necessário se faz encontrar uma maneira eficaz de trabalhar a filosofia com os alunos deste nível de ensino, nos parecendo apropriado, neste caso, trabalhar de forma intertextual, buscando na literatura, particularmente na poesia e, de forma muito particular, na poesia popular, em especial a de Paulo César Batista de Faria, um elemento facilitador desse esforço, porquanto essa poesia popular seja impregnada do cotidiano retratando, por isso, os problemas da vida e dos indivíduos, possibilitando, mais facilmente a identificação dos alunos com esses problemas, inclusive em suas próprias vidas.

Palavras chaves: filosofia, existencialismo, individualidade, subjetividade, educação, poesia, intertextualidade, cotidiano.

ABSTRAT

Philosophy, science and art are complementary knowledge, because they are also creators and work with thought. The question is how to work with philosophy in high school, what is your task in this type of teaching. The present proposal sought to identify in existentialism, from the work *Existentialism is a Humanism*, by Jean-Paul Sartre, a possibility to make students in this school segment discover their individualities and subjectivities, as necessary conditions for autonomy. Considering that high school does not work with specialists, it is necessary to find an effective way to work philosophy with students at this level of education, which seems appropriate, in this case, to work in an intertextual way, searching in literature, particularly in poetry and, in a very particular way, in popular poetry, especially that of Paulo César Batista de Faria, a facilitator of this effort, since this popular poetry is impregnated with the daily life, thus portraying the problems of life and individuals, making it easier the identification of students with these problems, including in their own lives.

Keywords: philosophy, existentialism, individuality, subjectivity, education, poetry, intertextuality, daily life.

Sumário

Sumário	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO - I	14
1 - Filosofia.....	14
1.1 - EXISTENCIALISMO	19
2 - Filosofia e Educação	26
2.1 - Filosofia no Ensino Médio	34
3 - FILOSOFIA E INTERTEXTUALIDADE	42
4 - FILOSOFIA E POESIA.....	47
4.1 Filosofia e Poesia Brasileira.....	47
4.1.1 No meio do Caminho	47
4.1.2 O Bicho	48
4.1.3 Morte e Vida Severina	50
4.1.4 O Operário em Construção.....	51
4.1.5 Não há Vagas.....	52
4.1.6 Bom Conselho.....	53
4.1.7 Filosofia	54
4.1.8 Filosofia do Samba	55
CAPÍTULO II	57
1 - Quem é Paulinho da Viola?.....	57
2. Por Que Paulinho Da Viola?.....	60
3. A PROPOSTA	75
3.1. 14 Anos – (O Surgimento Da Essência)	78
3.2 - Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida – (A Invenção do Amor sem Corpo) ...	84
3.3 – Comprimido – (Agir sem Esperança).....	88
3.4 - Dona Santina e Seu Antenor – (A Escolha de Não Escolher e a Escolha)	92
3.5 – Coisas do Mundo, Minha Nega – (A Má Fé; A Escolha de Si e do Outro).....	96
3.6. Perder e Ganhar – (É Pela Ação Que O Homem Vive).....	100
3.7. Para Ver as Meninas – (A Esperança Está Nas Mãos Do Próprio Homem)	103
3.8. Amor à Natureza – (O Otimismo Do Homem)	106
3.9. Roendo as Unhas – (O Homem é Liberdade).....	110
3.10. Para não Contrariar Você –(O Outro é uma Liberdade Colocada à Minha Frente)	113
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, construída em duas partes que embora apareçam distintamente distribuídas, são instantes de uma mesma construção que parte de uma determinada realidade observada, e que se pretende estudar para obter respostas que apontem caminhos de soluções para os problemas objetos deste estudo. No caso presente, a realidade para efeito dessa análise é escola de nossa atuação como professor deste componente curricular, mais precisamente a sala de aula, de filosofia, no Ensino Médio. Essas partes a que nos referimos são a teórico-crítica e a prático-propositiva, que a seguir apresentamos.

A parte teórico-crítica é a que faz a identificação do problema objeto de estudo, fazendo inicialmente algumas considerações sobre a filosofia, buscando compreender a natureza deste conhecimento como orientador de vida e de sua aplicabilidade como instrumento válido para resolver situações de ordem pessoal e geral; de como utilizar esse referencial teórico como ferramenta essencial para leitura da realidade, relacionando as coisas que pretensamente parecem separadas em um todo repleto de ligações interdependentes.

Mas sendo voltado para a compreensão da educação de filosofia no Ensino Médio, lançará olhares sobre aspectos filosóficos e legais referentes a essa modalidade de ensino e, neste particular, utilizará como suporte teses do professor Renê José Trentin Silveira (2007), dialogando, ao mesmo tempo, com algumas questões feitas pelo mesmo autor sobre a possibilidade de se fazer filosofia no Ensino Médio, particularmente nas escolas públicas.

Consideramos que o ato de criar, a exemplo do que nos ensinam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), é igual na arte, na filosofia e na ciência e que as ideias podem nascer, ao mesmo tempo, nessas três formas de enxergar os fenômenos, pensamos em fazer a união da arte com a filosofia, com o objetivo de estabelecer um instrumento educativo capaz de responder a algumas dificuldades observadas na sala de aula, na nossa prática docente, de professor do Ensino Médio.

Consideramos, também que a relação de cada um com a arte, a filosofia e a ciência é pessoal, individual, que se manifesta para cada indivíduo obedecendo a algum fator interno, que dispara ao entrar em contato com um elemento externo

provocador do fascínio, do espanto ou da necessidade de querer explicações demonstráveis sobre as coisas.

No processo educativo também é o indivíduo que está no centro da preocupação desse fazer, que atua para oferecer, a cada um, a oportunidade de se desenvolver individualmente, restando-nos então, como tarefa, procurar contribuir com indicações de como isso pode ser realizado, no ensino de filosofia do Ensino Médio, onde atuamos.

Nosso ponto de partida só poderia ser a sala de aula onde escutamos os as queixas dos alunos, sendo que, em relação ao ensino de filosofia, duas merecem destaques: a dificuldade de entendimento da linguagem dos filósofos e a ideia de que a filosofia não trata de aspectos do cotidiano das pessoas. Por outro lado, partindo da sala de aula, levantamos questões nem sempre percebidas de imediato, porquanto sejam difíceis de percepção por estarem escondidas e mascaradas por outras situações que as envolvem, impedindo-as de mostrarem-se. Estamos nos referindo, por exemplo, ao problema de os alunos não agirem como indivíduos autônomos, fenômeno por nós chamado de falta de subjetividade, podendo este fato está relacionado com as dificuldades que os alunos apresentam em relação ao estudo de filosofia.

Por outro lado, observamos que a escola se apresenta como um grande vazio cultural, devido ao foco da educação praticada destinar-se ao conteudismo, visando apenas à preparação para o enfrentamento dos vestibulares. Além disso, na mesma linha de empobrecimento do ensino no que diz respeito às humanidades defrontamo-nos com uma situação de quase impossibilidade da prática e do fazer filosófico, em razão da baixa carga horária das disciplinas das ciências humanas, onde se inclui a filosofia, com carga de uma hora semanal.

Claro que todas essas coisas refletem diretamente no comportamento dos estudantes entre os quais notamos o efeito deletério desta política educacional, notando, também que esses estudantes, muitas vezes não compreendem o papel que desempenham, chegando, muitas vezes, a agirem com total desconhecimento de sua individualidade, com consequências danosas às suas ações como alunos e cidadãos.

A parte prático-propositiva busca responder como enfrentar esses problemas levantados, estabelecendo mecanismos que possam oferecer respostas e soluções educadoras que, com eficácia, transformem a prática de ensino de filosofia no

Ensino Médio, em especial, fazendo do conteúdo do existencialismo uma maneira de oportunizar aos estudantes o reconhecimento de suas individualidades e a importância disto para seus crescimentos enquanto alunos e cidadãos.

Considerando nossas observações e levando em conta o expressado pelos alunos para explicar as dificuldades que encontram nas aulas de filosofia, buscamos um filósofo que trabalhe com essas dificuldades observadas para servir de base filosófica, recaindo essa escolha sobre a filosofia de Jean-Paul Sartre, utilizando especificamente o texto *O Existencialismo é um Humanismo*, para uma adaptação de proposta educativa voltada para o ensino de filosofia no Ensino Médio.

Visando atender às reclamações dos alunos, quanto à linguagem dos filósofos como um complicador para o estudo da filosofia e a ideia de que não seja a filosofia aplicável os problemas cotidianos, recorreremos à intertextualidade, utilizando os textos literários, sobretudo os textos poéticos, como disparador da percepção de temas e problemas filosóficos, escolhendo para essa finalidade análise na poesia do compositor popular Paulo César Batista de Faria, o Paulinho da Viola.

A intertextualidade referida diz respeito à relação entre o texto filosófico *O Existencialismo é um Humanismo* e a obra poética de Paulinho da Viola, com o objetivo de fazer com que os alunos percebam que o filósofo fala de coisas que também estão presentes na poesia do poeta e que essas mesmas coisas estão presentes no cotidiano humano.

Por necessário, esclarecemos que a ideia inicial seria fazer a aplicação prática na sala de aula com a utilização da intertextualidade entre a obra *O Existencialismo é um Humanismo* e a poesias selecionadas para apresentar, posteriormente, em forma de relatório, os resultados obtidos. Ocorre que sobreveio a pandemia da COVID-19, fato que obrigou o fechamento das escolas, impossibilitando essa aplicação, sendo, por isso, a ideia inicial substituída pela criação da proposta pedagógica, como está configurada no segundo capítulo da dissertação.

CAPÍTULO - I

1 - Filosofia

Alguns filósofos iniciam sua jornada questionando a filosofia, no sentido de compreender e explicar, filosoficamente, o que seja isso. Com efeito, vamos encontrar na literatura específica o questionamento em forma de título de livro, como nos casos de Heidegger (2008), com *O que é isto – A Filosofia?* e o de Deleuze e Guattari (2010), com *O que é a Filosofia?* Mas, como já de alguma forma afirmado, essa questão é sempre desenvolvida em um plano acadêmico, voltado para um público especializado, conhecedor e familiarizado com o tema.

No Ensino Médio, uma das primeiras aulas de filosofia, também se inicia com a pergunta o que é filosofia? Contudo, ali não se faz uma explicação filosófica e sim uma localização do que seja esse saber dentro do campo do conhecimento, especificamente para fazer a distinção com a ciência. Agora fazemos questão de ressaltar isso: filosofia não é ciência. E estamos, nesse campo, acompanhados por palavras abalizadas de importantes filósofos que expressam esse pensamento de forma direta: “Quanto à pergunta sobre se a filosofia é uma ciência, precisamos dizer de antemão: não, a filosofia não é nenhuma ciência.” (HEIDEGGER, 2008, p. 16). Também de forma indireta: “Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito.” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 11).

Contudo, sabemos que há cientificidade na filosofia, pois, como diz Heidegger (2008, p. 17):

Portanto, se dizemos que a filosofia não é nenhuma ciência, e se a ciência não é a ideia ou ideal a partir do qual a filosofia pode e deve ser medida, então a tese que recusa à filosofia o caráter de ciência não pode afirmar sem dificuldades que a filosofia está tomada por uma falta de cientificidade.

É inimaginável que a filosofia, enquanto saber totalizante, de visão de conjunto, que visa atingir a realidade total, pudesse prescindir ou desconhecer a ciência, suas descobertas, sua contribuição para o conhecimento, seus postulados, suas leis.

É exatamente essa condição de saber totalizante, que caracteriza a filosofia desde a sua origem na Grécia, período em que tudo era filosofia, todo o saber constituído fazia parte do corpo da filosofia, inclusive as questões físicas, pois, como esclarece Vita (1968, p.13): “A característica comum dos pré-socráticos é a sua

preocupação pelo cosmos e por sua realidade última – a físis -, motivo porque o período pré-socrático é, com frequência, também chamado de período cosmológico.”. Contudo, mesmos os primeiros filósofos tinham a percepção de diferença entre filosofia e ciência, conforme nos ensina Morra (2008, p. 12): “Durante muitos séculos os filósofos também foram cientistas, mas sempre tiveram a consciência de que a filosofia vai muito além dos dados da experiência.”. Por isso que, para chamar a atenção dessa característica de ser a filosofia um saber totalizante é que nas aulas de filosofia do Ensino Médio, ser comum a utilização da clássica definição de reflexão filosófica, de Saviani (1966, p. 15-16): “Com efeito, se a filosofia é realmente uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta, [...] deve ser radical, rigorosa e de conjunto.”. Por necessário e por julgarmos importante, transcrevemos o que seja cada uma dessas características da reflexão filosófica, segundo Saviani (1966, p. 16):

Radical: Em primeiro lugar, exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida a palavra radical no seu sentido mais próprio e imediato. Quer dizer, e preciso que se vá até as raízes da questão, até seus fundamentos. Em outras palavras, exige-se que se opere uma reflexão em profundidade.

Rigorosa: Em segundo lugar e como que para garantir a primeira exigência, deve-se proceder com rigor, ou seja, sistematicamente, segundo métodos determinados, colocando-se em questão as conclusões da sabedoria popular e as generalizações apressadas que a ciência pode ensinar.

De conjunto: Em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de modo parcial, mas numa perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido.

Ao longo da história os filósofos utilizam várias formas textuais, porém na sua origem, a forma usual era a poesia, conforme podemos ler em Gallo (2016, p. 17): “Os primeiros filósofos gregos, em sua maioria, praticavam ensinamentos orais. Aqueles que produziram textos escritos geralmente utilizaram a forma poética.”. Depois, em nota explicativa, para esclarecer, afirma Gallo (2016, p.17): “Na Grécia antiga, o uso da forma poética para criar textos estava ligado à maior facilidade de memorização.”. Pensamos que todos já vivemos a experiência de memorizar um texto em prosa e um texto em poesia, sendo certo que este último é muito mais fácil de memorização.

Por outro lado, há também, quem diga que os primeiros filósofos abandonaram a forma poética e abraçaram a prosa como forma de comunicação de seus pensamentos, sendo a mudança uma clara intencionalidade de distinção em relação aos relatos míticos, que utilizavam a poesia como forma de expressão. Há,

ainda, entre os filósofos, àqueles que renegam a poesia e os poetas por considerar serem estes nocivos à filosofia, porquanto sejam apenas imitadores. Utilizando Sócrates como orador, escreve Platão (2014, p. 405):

‘E de modo idêntico, presumo que diremos de um imitador poético emprega palavras e frases com o fito de pintar figuras coloridas de cada uma das artes. Ele próprio nada conhece delas, porém as imita de uma maneira que outros, tão ignorantes quanto ele, os quais consideram [as coisas tão só] pelas palavras, pensarão que ele discursa sumamente bem acerca da arte do sapateiro, a arte do comando militar ou de qualquer outra coisa, desde que – tão grande é o natural encanto dessas coisas - ele discursar com métrica, ritmo e harmonia, pois se despojares os trabalhos de um poeta de seu colorido musical e encará-los nuamente tais como são, creio que sabes ao que parecerão. [...]’

Contudo, é importante lembrar que grande parte dos escritos dos filósofos antigos se perdeu, chegando aos nossos dias apenas fragmentos e comentários de filósofos posteriores, o que torna difícil, muitas vezes, compreender esses pensadores, muito embora modernamente as pesquisas sobre esses filósofos estejam avançando, no sentido de tornar mais acessíveis e compreensíveis o modo de pensar desses importantes amigos da sabedoria.

No entanto, pensamos ser possível falar que assim como há na filosofia cientificidade, sem que ela, a filosofia seja ciência, há, em alguma poesia, pensamento filosófico porque ela, a poesia, a exemplo da filosofia, é produto do pensamento humano e é por isso que se pode dizer, como o fazem Deleuze e Guattari, (2010, p.11), “Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras [...]”.

Depois, será possível negar a condição de filósofo a Parmênides, autor do poema *Sobre a Natureza*, porque escreveu filosofia em forma de poesia? Pensamos que a história já nos respondeu ser Parmênides um grande filósofo, influenciador direto do pensamento ocidental, particularmente por sua condição de tentar determinar o ser, ao afirmar: “O ser é e o não-ser não é”.

Em Parmênides “O ser é e o não-ser não é” não representa uma contradição, longe disso, representa uma escolha e uma exclusão: o ser é escolhido e o não-ser é excluído, não constituindo, entretanto, a escolha, um processo aleatório, assim também a exclusão não é casual. Parmênides contempla o ser, afirma o ser e propaga o ser, não sendo isso apenas uma constatação lógica, ou, simplesmente a afirmação da identidade, mas a única possibilidade de ser, o único caminho para a verdade, e a única possibilidade de dizer, de expressar, porquanto

não seja possível não-ser, pensar isso, dizer isso. E esse filosofar individual aponta na direção do ser, isto é, da essência, que se encontra escondida pela aparência e inerte, na existência. Como chegar, pelo caminho proposto pelo filósofo à essência? Pelo filosofar, é a resposta que podemos dar, mesmo correndo o risco de sermos acusados de retornarmos ao ponto de partida, acusação que não nos incomoda nem nos amedronta, porque socorremo-nos da palavra do próprio filósofo, conforme trazido por Caballero (1972, p. 31) em Parmênides - fragmento 5: “Pouco me importa por onde eu comece, pois para lá sempre voltarei novamente.”.

Contudo, queremos chamar atenção para um aspecto significativo da filosofia: em qualquer época, o pensamento é sempre pensamento de um indivíduo, o que nos permite concluir que o ato de filosofar é individual, singular, pessoal, subjetivo. Não desconhecemos nem negamos as muitas contribuições dos pensamentos de outros, sempre presente no instante do filosofar, o que queremos ressaltar e ressaltamos, é que as descobertas e soluções dos problemas apresentados por cada filósofo aparecem como ato solitário de reflexão. Pensamos que daí decorre a assertiva sobre a educação filosófica dos adolescentes de Kant (2011, p. 174) afirmando que: “O adolescente que acabou sua formação escolar estava acostumado a aprender. Ele pensa que, de agora em diante, vai aprender Filosofia, o que porém é impossível, pois agora ele deve aprender a filosofar.”. Pensamos que a criação, na arte, bem como a descoberta, no campo da ciência, ocorra de forma semelhante, individualmente, mas aqui estamos tratando de filosofia. São, com efeito, individuais, singulares, pessoais, subjetivos os instantes de “Só sei que nada sei”, de Sócrates; “O homem é a medida de todas as coisas”, de Protágoras; “O ser é e não é o não-ser”, de Parmênides; “Da luta dos contrários nasce a mais bela das harmonias”, de Heráclito; “A existência precede a essência”, de Sartre, apenas para ficarmos nesses exemplos.

Mas há uma pergunta que necessita ser colocada e necessita, também, ser explicada: a quem se destina a filosofia? Uma resposta possível a esta pergunta pode ser: a filosofia se destina aos indivíduos. Sendo uma resposta genérica, nos permite pensar que a filosofia se destina a todos os indivíduos. E isso é verdadeiro. A filosofia só se destina a todos como proposta, como possibilidade, mas como efetivação ela só se dará àqueles que a abraçarem e, corajosamente exercitarem-na no dia-a-dia. O que é que vai fazer com que alguém abrace a filosofia? Um elemento interno, subjetivo, que será despertado pelo espanto, o espanto filosófico. E aí de

novo estamos diante de uma questão individual, singular, pessoal, subjetiva. Filosofar é um ato individual, aprender a filosofar é um ato individual. Porém, esse interesse, esse despertar, o gatilho para a percepção dos temas e problemas filosóficos podem decorrer de uma aula de filosofia, da leitura de um texto filosófico, da leitura de um texto não filosófico que trabalhe com esses temas e problemas e da leitura de um poema que, igualmente, possa refletir sobre esses temas e problemas.

O exercício da filosofia como prática pública que estava acessível a todos ganha um capítulo importante com Sócrates, filósofo grego, que viveu no período de 470 – 399 a.C., considerado o primeiro filósofo a utilizar um método, chamado de maiêutica, que significa parto de ideias. Ele dá esse nome ao método, conforme ensina o professor Gallo (2016, p. 18): "Sócrates dizia que, assim como sua mãe havia sido uma parteira, que dava à luz as crianças, ele queria dar à luz as ideias."

O método da maiêutica, contudo, dividia-se em duas partes: *Ironia* e *maiêutica* propriamente dita. A ironia consistia em fazer perguntas até fazer seu interlocutor reconhecer sua ignorância sobre o tema tratado, era a parte destrutiva do método. Reconhecida a ignorância do interlocutor sobre o tema tratado, Sócrates encaminha o interlocutor a respostas verdadeiras, partejando, assim, ideias novas.

Mas onde Sócrates levava a efeito as suas interrogações? Em lugares públicos, nas praças, nas ruas, nos mercados, nas assembleias, onde quer que houvesse pessoas, ali o filósofo exercia a sua prática de filosofar. Mas com quem Sócrates conversava? Com todos, independente de idade, situação social ou cultural, sendo importante trazer para esse momento o que escreve Xenofonte, traduzido por Andrade (1966, p.58):

No mais, Sócrates sempre viveu à luz pública. Pela manhã saía a passeio e aos ginásios, mostrava-se na ágora à hora em que regurgitava de gente e passava o resto do dia nos locais de maior concorrência, o mais das vezes falava, podendo ouvi-lo quem quisesse.

Contudo, Sócrates fazia dessa prática de conversar com as pessoas independentemente de suas condições sociais, uma atividade afirmativa e rompedora de preconceitos, e, a partir de uma proposta inovadora e revolucionária, demonstrava que qualquer um pode, desde que conduzido corretamente, chegar às verdades sobre as coisas, conforme podemos depreender das palavras de Gallo (2016, p. 17):

Em sua prática filosófica, Sócrates caminhava pelas ruas de Atenas, principalmente pela praça do mercado, onde circulava mais gente, e

conversava com as pessoas. Em geral, fazia perguntas que levavam o interlocutor a cair em contradição e, em seguida, a pensar sobre a inconsistência de sua opinião, inicialmente considerada certa e verdadeira.

É necessário notar, entretanto, que a prática filosófica de Sócrates, ocorre na relação direta com um interlocutor de cada vez, ou seja, o partejamento das ideias proporcionado pelo método socrático diz respeito a um determinado indivíduo, o que faz da Maiêutica um método individual. Por que isso acontece? Porque embora seja o processo conduzido por Sócrates, as respostas de cada interlocutor é que possibilita a cada interlocutor chegar à verdade sobre o tema questionado, sendo de novo, o indivíduo, mais apropriadamente as suas respostas, o caminho para atingir essa verdade.

Por esforço próprio ou conduzido por um método, o indivíduo é, no primeiro caso, totalmente ou, no segundo caso, em grande parte, o responsável pelo ato de filosofar e, sendo isso, como pensamos que seja, verdadeiro, o indivíduo ganha grande relevância no filosofar, porque, como declara, em relação ao filosofar, Heidegger (2008, p. 5): “A filosofia deve tornar-se livre em nós, ela deve tornar-se a necessidade interna de nossa essência mais própria, de modo a conferir a essa essência a sua dignidade mais peculiar.”.

1.1 - EXISTENCIALISMO

Sendo o indivíduo o único com possibilidade de filosofar, pensamos, por tudo que até aqui produzimos, fazer dele, do indivíduo, o nosso ponto de partida para a investigação que pretendemos levar adiante, estabelecendo, por necessário, as bases em que será realizada como, por exemplo, declarando que esta terá como suporte filosófico o existencialismo, uma filosofia do indivíduo, que pode ser, para alguns, devido aos seus temas e a contribuição pessoal sobressair sobre os outros aspectos, conforme lembra Penha (2001, p. 13): “[...] um filosofar, uma maneira de o homem se expor a si mesmo, reconhecendo-se autenticamente nesse ato.”. Além disso, o existencialismo aproxima-se bastante da educação porque tem como proposta a liberdade do indivíduo para agir e a educação, por sua vez, procura dá a esse indivíduo os instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas potencialidades individuais.

Na obra *O que é Existencialismo*, chamando atenção para a possibilidade de se poder falar sobre muitos existencialismo, escreve Penha (2001, p. 13): “[...] vários tipos de existencialismo, cada um correspondendo a determinado autor, à sua

visão individual dos problemas humanos, às particularidades da vida privada do filósofo.”. Chama atenção, também, para o fato de que o existencialismo está presente, de alguma forma, ao longo da história da filosofia e que, por isso, para estudar sua evolução seria necessário recapitular essa história. Finalmente, nestas breves notas sobre a história do existencialismo, pensamos ser importante mencionar que o escritor informa que, enquanto movimento, na modernidade, o existencialismo surge na França.

No texto *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre (1987), reconhece dois tipos de existencialistas, os cristãos que, obviamente admitem a ideia de Deus, corrente em que Sartre destaca Jaspers e Gabriel Marcel e os ateus, corrente a que o próprio Sartre se filia e que nos interessa como sustentação filosófica de argumentação.

Antes de entrarmos no existencialismo de Sartre, porém, gostaríamos de abrir um parêntese e aprofundar um pouco a ideia de João da Penha de que o existencialismo está presente, de alguma forma, ao longo da história da filosofia. Queremos examinar, por exemplo, a questão da eliminação da ideia de Deus, tese primeira e básica sobre a qual será erigido todo o arcabouço argumentativo do pensamento existencialista ateu que, ao novo ver, encontra-se presente na filosofia grega de forma clara, pelo menos no pensamento de um dos filósofos antigo Crítias de Atenas, que elaborou um pensamento segundo o qual, os Deuses, ao contrário de serem os criadores, foram, na verdade, criados pelo homem. Recolhemos e transcrevemos abaixo o fragmento integral de Crítias, conforme trazido por Sanson (1974, p.69), sobre a criação dos Deuses pelo homem:

Houve um tempo em que a vida dos homens era desordenada, cruel e escrava da força, quando nenhum prêmio havia para os bons, nem castigo para os maus. E parece-me que, mais tarde, os homens tenham estabelecido as leis punitivas, para que a justiça reinasse soberana sobre todos igualmente, e tivesse como sua servidora a força; e castigava a quem pecasse. E, como depois as leis impediam que cometessem abertamente atos violentos, eles os faziam ocultamente; parece-me, então, que um homem prudente e de espírito sábio inventou, para os homens, o temor aos Deuses, para que os malvados temessem até no fazer, dizer ou pensar ocultamente... E (com isso) acabou com as violações às leis.

Pensamos ser possível trazer também aqui, considerando que nosso propósito é estabelecer intertextualidade, um exemplo de literatura não propriamente filosófica, posto não tratar-se de nenhum filósofo, o pensamento de um autor russo, Máximo Gorki que, no ensaio *Como me Tornei um Escritor*, apensado ao livro *Três*

Russos, desenvolve um pensamento muito parecido ao do filósofo Crítias, considerando, também, que Deus é uma invenção do homem, como um ideal almejado, pois, segundo Gorki (2006, p.163): “Deus é apenas uma invenção humana, gerada por uma existência penosamente pobre e por uma vaga aspiração de fazer, com sua própria força, a vida mais rica, fácil, justa e bonita.”.

Mas o que no existencialismo defendido por Sartre pretendemos abordar na construção dessa sustentação filosófica que pretendemos levar a cabo? Partindo do texto *O Existencialismo é um Humanismo*, mas trabalhando também outros escritos de Sartre, analisaremos quatro princípios fundamentais: a passagem da existência para a essência, a subjetividade, a escolha e a liberdade. Claro que a elaboração dessa listagem atende a um critério de ordem didática, como resposta provisória e inicial de um plano que, no decorrer de seu desenvolvimento deixará claro que esses fundamentos não são independentes e que sua compreensão só pode se dá na relação direta que existe de cada um com os demais. Ademais, pensamos firmemente que há, para além do valor teórico desses fundamentos, um potencial prático de imenso valor educacional, no exercício da atividade filosófica como disciplina do currículo do Ensino Médio, público a que se destina esse esforço acadêmico.

No texto *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre analisa um objeto fabricado e escolhe para a exemplificação um corta-papel, dizendo que esse corta-papel é fabricado por um artífice, com base em um conceito de corta-papel e determinada técnica de produção, coisas que chama de receita. Afirma que, no caso do corta-papel, a essência, precede a existência. Por que isso é assim? No caso do corta-papel, a essência é constituída, conforme explica Sartre (1987. p. 5), pelo “[...] conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição [...]”. Ora, tais coisas estão presentes antes do objeto fabricado, aliás, são essas coisas anteriores, que permitem a fabricação do objeto. Daí ser possível concluir que no caso do corta-papel, a essência preceda a existência. Assim, conclui Sartre (1987, p. 5): “[...] a presença de tal corta-papel [...] na minha frente é determinada.”.

O filósofo parte da fabricação do corta-papel porque precisa fazer uma analogia com a ideia de ser o homem criado por uma entidade superior, um Deus, ideia que caracteriza o pensamento daqueles que professam alguma crença religiosa de qualquer natureza, com base na existência de Deus. A intenção do filósofo é apontar a falha desse argumento, para, depois, apresentar a defesa do

existencialismo como sendo mais consequente e, também, não poder ser acusado de não ter levado em conta a ideia dos que pensam no homem como criado por Deus. Deixemos, então, que argumente o próprio Sartre (1987, p. 5):

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artífice superior, e, qualquer que seja a doutrina que considerarmos [...], admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, no mínimo, que o acompanha, e que Deus, quando cria, sabe precisamente o que está criando. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina.

Sartre critica o ateísmo dos filósofos do século XVIII, citando nominalmente Diderot, Voltaire e Kant, que elimina a ideia de Deus, sem, contudo, suprimir a ideia de que a essência precede a existência. Aqui, segundo o filósofo, o homem possui uma natureza humana, que sendo o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, significando que cada homem seja um exemplo particular de um conceito universal: o homem. Sobre o tema, em referência direta à Kant, repara Sartre (1987, p. 5): “Em Kant, resulta de tal universalidade que o homem da selva, o homem da Natureza, tal como o burguês, devem encaixar-se na mesma definição, já que possuem as mesmas características básicas.”. Diante do que pensa ser uma incoerência, a essência do homem preceder à sua existência, observa Sartre (1987, p. 5): “Assim, mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na Natureza.”.

Sartre adverte ser o existencialismo ateu ao qual se filia mais coerente por afirmar que não existindo Deus, pelo menos em um ser a existência precede a essência, um que existe antes de ser definido por qualquer conceito: o homem e, citando outro filósofo, acrescenta Sartre (1987, p.6): “[...] ou, como diz Heidegger, a realidade humana.”. É nessa passagem, nesse movimento da eliminação de Deus que se torna possível afirmar que a existência precede a essência, sendo esta uma contribuição individual de Sartre à filosofia, ao desenvolvimento do pensamento humano, porque a partir deste momento o homem passa a ser olhado pela filosofia sobre outro olhar.

Em debate apensado ao texto *O Que é a Subjetividade?* onde Sartre conversa com diversos interlocutores, em resposta a uma determinada intervenção,

sobre a subjetividade, esta é apresentada por Sartre (2015, p. 64) como: “[...] sendo [...] simplesmente o nosso próprio ser, isto é, a nossa obrigação de ter-de-ser nosso ser, e não apenas de sê-lo passivamente.”. A última parte do pensamento de Sartre, em referência à obrigação “de ter-de-ser nosso ser, e não apenas de sê-lo passivamente.”, indica que há movimento no que se chama subjetividade. Compreender o que seja isso subjetividade e compreender essa mudança é importante porque possibilita compreender como o indivíduo faz suas escolhas e como age com liberdade.

No texto *O que é a Subjetividade?* Sartre analisa a subjetividade à luz do marxismo, por isso necessita trazer para a análise pretendida a relação do homem com o mundo material e dos homens entre si a partir de uma transcendência. Essa transcendência implica em um duplo movimento no homem, que é definido por Sartre (2015, p.31) como: “[...] explosão de si mesmo para...”, “ao mesmo tempo que um retorno para si, uma retomada para si.” (SARTRE, 2015, p.31). O homem, como transcendente, caminha para o mundo exterior e, conseqüentemente, abre-se para esse mundo exterior, interioriza esse mundo exterior, o filósofo chama isso de interioridade, alertando tratar-se de uma mediação que, para Sartre (2015, p. 34):

[...] mediação entre dois momentos do ser transcendente. Mas não convém pensar que esses dois momentos são necessariamente distintos em si [...]. No fundo, é o mesmo ser, o mesmo ser em exterioridade, que procede a uma mediação com ele mesmo, que é a interioridade.

Compreendemos, desse modo, que o ser é constituído de uma subjetividade que, pela transcendência, se comunica com o mundo exterior e que, pela mesma via da transcendência, interioriza este mundo exterior, sendo desta forma, sua subjetividade afetada pelo mundo exterior. Assim, as respostas do indivíduo são compostas por materiais internos (subjetividade), mas contaminados pelas informações que recebe do mundo exterior através da mediação transcendente. O mundo exterior é formado por elementos objetivos percebidos e aprendidos pelo ser por via do conhecimento, a subjetividade, porém, é desconhecida do ser por tratar-se de material interior.

O desencontro entre a objetividade e a subjetividade produz situações difíceis e muitas vezes desorientadoras, para ficar num exemplo: alguém pode se declarar não antissemita, como algo aprendido, pelo estudo, pela convivência, pela

militância em um partido político de esquerda, nos movimentos sociais de orientação política de esquerda, mas, muitas vezes, ao ser confrontado com uma situação real, que envolva judeus, a subjetividade desde alguém que antes se declarava não antissemita pode fazer com que tenha atitudes que demonstrem ser ele um antissemita.

No texto *O que é a Subjetividade?* Sartre (2015) elucida bem a questão, contando um caso de antissemitismo envolvendo um operário, membro do partido comunista e um intelectual judeu que frequentava a mesma célula partidária que o operário. O exemplo trazido pelo filósofo é importante não só para explicar a questão do desencontro entre a objetividade e a subjetividade, mas também, porque será útil no seguimento e desenvolvimento deste escrito, no que toca, especialmente, sobre a escolha. Conta Sartre (2015, p. 36):

Foi assim que Morange, um amigo meu de Paris, comunista, há pouco tempo me contou que, bem antes da guerra, ele frequentava uma célula do Partido onde havia um operário que contradizia sistematicamente tudo o que ele dizia, e isso o irritava muito. Não se tratava de uma discussão, mas poderia ter sido. Também não era uma incompatibilidade entre um trabalhador manual e um intelectual, como ocorre às vezes, pois havia na mesma célula outros intelectuais com os quais o operário se dava muito bem. Era de fato, dizia operário, uma 'história de pele': 'Ele me é antipático, e pronto!' Depois, um belo dia, esse operário foi falar com ele e disse: 'Olhe, entendi agora. No fundo, não gostei de você esse tempo todo porque você é judeu, e só agora percebo que foi porque ainda não me livrei de resquícios da ideologia burguesa, eu não tinha entendido direito, e você, ao contrário, dá um exemplo que me ajuda; compreendi que detesto o judeu que vejo em você porque sou antissemita.'

Percebemos, pelo exemplo trazido pelo filósofo muitas coisas que estavam ocultas e que se aclararam no momento que o operário descobre (pensamos que é possível estabelecer, aqui, intertextualidade com os versos retirados do poema *Operário em Construção*, de Vinícius de Moraes (1975, p. 207): "Ah, homens de pensamento/ Não sabereis nunca o quanto/ Aquele humilde operário/ Soube naquele momento!") a sua condição de antissemita: 1. Que sua subjetividade ainda estava contaminada pela ideologia burguesa; 2. Que essa contaminação fazia dele, sem que ele soubesse, um antissemita; 3. Que embora participasse de uma célula do Partido, não era um comunista. Todas essas descobertas foram possíveis, no salientar de Sartre, (2015, p. 36), pela "[...] contradição entre o humanismo comunista geral e uma atitude particular leva à tomada de consciência reflexiva."

No exemplo contado por Sartre e que transcrevemos acima, podemos notar também a importância do processo da escolha. O operário em questão havia

decidido tornar-se comunista, no entanto, essa escolha foi por ele feita de forma externa, isto é, sem o comprometimento de sua interioridade, pois é inadmissível pensar num ser comunista que seja, ao mesmo tempo, antissemita. Quando o operário, a partir da tomada de consciência reflexiva, percebeu esse paradoxo, decidiu, agora internamente, tornar-se comunista, afastando de si essa ideia antissemitista. No texto *O Que é a Subjetividade?* Sartre (2015, p.36-37), esclarece:

Mas o fundo da questão é que ele está bem perto de se livrar do preconceito porque o antissemitismo já não é a construção subjetiva de um objeto, relação do dentro-fora com um dentro que se ignora, o antissemitismo passa de repente a título de objeto diante dos olhos, diante da reflexão de quem o pratica, e, então, o sujeito fica livre para decidir-se em função disso.

No comentário de Sartre, podemos perceber a importância da questão relacionada com a liberdade, porque, no que se refere à condição de “o sujeito fica livre para decidir-se em função disso”, é crucial, porque a liberdade de escolha, a liberdade de escolher, só tem sentido, se aquele que faz a escolha tem presente as possibilidades, tem presente as coisas entre as quais faz a sua escolha. Ser livre para escolher, assim pensado, pressupõe conhecimento daquilo que está em jogo e, sobretudo, daquilo que, ao ser escolhido pelo indivíduo que escolhe, faz desta escolha, uma escolha não apenas para si, mas para toda a humanidade, o que faz com que este indivíduo, na hora de escolher, tenha sobre si, uma responsabilidade enorme, exatamente porque escolhe para a humanidade.

Em Sartre a liberdade está construída sobre dois fundamentos distintos mais igualmente importantes para a compreensão do pensamento e a filosofia deste filósofo. No primeiro momento a liberdade é consequência da eliminação da ideia de Deus, não sendo, portanto, o homem criado, como explica Sartre (1987, p.6): “Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la.”. Por outro lado, o homem, que não foi criado por Deus, também não criou a si mesmo, lançado no mundo, está só, não existindo determinismo e, como declara Sartre (1987, p. 9): “[...] se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordem que possam legitimar nossa conduta.”. Não existindo valores prontos aos quais possa o homem recorrer, e estando só, lançado no mundo, ele necessita inventar a si mesmo a cada instante. Por isso declara Sartre (1987, p.9): “[...] o homem está condenado a ser livre.”. A liberdade é o fundamento mais importante na filosofia existencialista, é a condição primeira para ação do ser humano.

2 - Filosofia e Educação

Todo esforço aqui desprendido, tem como finalidade, buscar, no campo da filosofia, um meio de tornar mais efetivo o fazer educacional de filosofia, melhor dizendo, encontrar algum filósofo cujo pensamento seja adaptável ao processo educativo, mas, para além, que seja o pensamento desse filósofo escolhido, demonstrável, na prática educativa, por intermédio da poesia, no caso presente, da poesia popular brasileira. Certo é que tanto na poesia erudita, quanto na poesia popular encontramos temas e problemas filosóficos que podem ser utilizados nas aulas para melhorar a compreensão dos alunos em relação aos temas discutidos pelos diferentes filósofos. Não é à toa que os professores das mais diferentes disciplinas recorrem à intertextualidade para elaborar e fazer suas aulas. A proposta, portanto, não é nova, novo é o poeta, Paulo César Batista de Faria, a que recorreremos para fazer essa ponte entre a filosofia e a educação. Recolhemos, por apropriado para o momento, os versos retirados do poema A verdade Verdadeira, do poeta amazonense Thiago de Melo (2017, p. 17): “Não, não tenho um caminho novo./O que tenho de novo/ é o jeito de caminhar.”. Pensamos que a ciência caminha pelo caminho da ciência, a filosofia pelo caminho da filosofia e a arte pelo caminho da arte, mas cada cientista, cada filósofo e cada artista, ao caminharem por esses caminhos, têm cada um, um novo caminhar. Numa analogia, todos os professores caminham pelo caminho da educação, mas, cada um com seu caminhar próprio, particular. Forçoso é dizer, também, que esses caminhos, da ciência, da filosofia, da arte e da educação, se cruzam a todo instante. Propomos aqui, esse encontro.

Falamos da relação entre poesia e filosofia, para demonstrar que a poesia pode ser um suporte significativo para auxiliar os professores, particularmente os professores de filosofia a desenvolverem um trabalho profícuo em suas aulas de filosofia no Ensino Médio. Aqui cabe chamar atenção para as questões que pretendemos discutir e, se possível, apresentar caminhos de solução ou caminhos que orientem neste sentido.

A realidade da qual partimos é mesmo a sala de aula, sobre a qual lançamos nosso olhar, por assim dizer, filosófico-educacional com vistas a compreender: por que os alunos sentem dificuldade ao lidar com esse conhecimento chamado filosofia. Qual é a principal causa dessa dificuldade? Está essa dificuldade

relacionada com a vivência e experiência dos alunos, enquanto alunos? Está esta dificuldade, para além, relacionada com a vivência e experiência pessoal que cada um carrega enquanto indivíduo? Há pontos comuns que ligam a dificuldade de cada aluno? Há um somatório de dificuldades individuais ocultas e que se revelam na sala como sendo única? Em que medida essa dificuldade está relacionada com a forma em que é apresentada a filosofia aos alunos? Em que medida a didática empregada na sala de aula é responsável por essa dificuldade? Após estas indagações, a pergunta problematizadora que queremos fazer é: por que os alunos sentem dificuldade ao lidar com esse conhecimento chamado filosofia?

Partimos da identificação do problema, agora queremos estabelecer as bases educacionais que possibilitem atacar esse problema, especificamente no que tange à filosofia, como isso pode ser trabalhado.

Passemos, pois, a definir de que educação estamos falando, que deve ser aqui entendida como aquela praticada pela escola, ou seja, a chamada educação formal, que se orienta pelo conhecimento científico, apropriando-se de todo saber construído pela humanidade, com objetivo de propiciar às gerações futuras maior grau de compreensão da vida e capacidade de resolver problemas pois, com base nas ideias de alguns filósofos e educadores, ensina Brandão (1985, p.61-62):

[...] educação é um meio pelo qual o homem (a pessoa, o ser humano, o indivíduo, a criança, etc.) desenvolve potencialidades biopsíquicas inatas, mas que não atingiriam a sua perfeição (o seu amadurecimento, o seu desenvolvimento, etc.) sem a aprendizagem realizada através da educação. [...] Assim como a própria sociedade é um corpo coletivo formado da individualidade das pessoas que a compõem, e assim como o seu fim é a felicidade de seus membros a quem todas as suas instituições devem servir, assim também a educação, como ideia (a definição, a 'filosofia'), deve ser pensada em nome da pessoa e, como instituição (a escola, o sistema pedagógico) ou como prática (o ato de educar), deve ser realizada como um serviço coletivo que se presta a cada indivíduo, para que ele obtenha dela tudo o que precisa para se desenvolver individualmente.

Ora, da leitura da proposta de educação sugerida pelo autor acima citado, nos chama atenção o fato de que o mais fundamental no processo educativo escolar é o desenvolvimento individual de cada um. A escola deve ser, portanto, um meio eficaz de desenvolver individualidades. Assim, nosso trabalho agora é identificar e apontar na filosofia uma possibilidade de os alunos se reconhecerem como indivíduos e agirem de acordo com suas subjetividades, destacando-se, de qualquer forma, uns dos outros, como é próprio acontecer.

Necessário se faz aqui, uma definição de subjetividade, por isso trazemos a apresentada por Japiassú e Marcondes (1990, p. 230):

Subjetividade [...] Característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável. Interioridade. Vida interior. A filosofia chama de 'subjetivas' as qualidades segundas (o quente, o frio, as cores), pois não constituem propriedades dos objetos, mas 'afetações' dos sujeitos que as percebem. Nenhum objeto é quente ou frio, mas cada um possui apenas certa temperatura. Toda impressão é subjetiva. Por isso, Kant chama de subjetivos o espaço e o tempo, porque não são propriedades dos objetos, não nos são dados pela experiência, mas pertencem ao sujeito cognoscente: são "formas a priori da sensibilidade". Assim, a subjetividade caracteriza a teoria do conhecimento de Kant.

Da leitura da definição de subjetividade, podemos concluir que seja sinônimo de individualidade e, nesse sentido, ligando esta definição à de educação aqui trabalhada, podemos concluir que o papel da educação é, fundamentalmente, desenvolver nos indivíduos, as suas potencialidades individuais e subjetivas.

Contudo, para além da definição de subjetividade como sinônimo de individualidade, existe outra que, ultrapassando a responsabilidade do indivíduo apenas consigo mesmo, amplia essa responsabilidade para com todos os homens, a subjetividade existencialista, como tratada no *O Existencialismo é um Humanismo*, por Sartre (1987, p. 6):

Porém, se realmente a existência precede à essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.

A necessidade de trazer a questão presente é devido ao fato de termos identificado, em nossa jornada como professor de filosofia no Ensino Médio, a subjetividade como um problema importante, a ser analisado, para que os alunos possam ter menos dificuldades com a filosofia, nas aulas deste imprescindível componente curricular.

Seria a falta de subjetividade dos alunos a causa da dificuldade no lidar com a filosofia? A pergunta é plenamente justificável, porquanto assistimos, na experiência da sala de aula, exemplos desse esvaziamento da subjetividade, quando alunos pedem que colegas "assinem", por si, trabalhos a serem entregues ao professor, ou listas de presença ou até mesmo (caso extremo), de alunos que

“voam” pela janela do segundo pavimento, porque querem estar com amigos que estão na prática desportiva no primeiro piso, sem medir as consequências deste “voar” ou de alunos que “voam” pela janela do segundo piso para fugir da aula e do colégio, representando, essa fuga, a busca da liberdade, mas, por não pensarem na consequência desse “voar”, acabam por quebrar as pernas, não atingindo a liberdade pretendida e revelando que a liberdade almejada não é produto de pensamento.

Aqui pensamos ser possível fazermos uma relação entre a educação e a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, filósofo francês contemporâneo, porquanto este desenvolva uma filosofia centrada no indivíduo, como projeto que se lança para o futuro, e nesse futuro “[...] será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo.” (SARTRE, 1987, p.6).

Adverte o tratadista Cox (2011, p.17) ser “A filosofia de Sartre uma rede complexa de interconexões.”. E, o próprio filósofo chama atenção para o fato de que “[...] o existencialismo [...] destina-se exclusivamente aos técnicos e aos filósofos.” (SARTRE, 1987, p.4). Apesar disso, é o pensamento deste filósofo que elegemos como base para o desenvolvimento de nosso presente trabalho, que se destina a alunos do Ensino Médio, sendo duas as razões principais que orientam esta escolha: 1. Ser o texto *O Existencialismo é um Humanismo* extremamente didático, com linguagem, desde que esclarecidos alguns conceitos, acessível aos alunos; 2. O texto *O Existencialismo é um Humanismo* apresenta um roteiro adaptável à formulação de uma proposta pedagógica para alunos do Ensino Médio.

O roteiro a que nos referimos acima, como sendo adaptável à formulação de uma proposta pedagógica para alunos do Ensino Médio, pretende estabelecer uma síntese do pensamento de Sartre, destacando os pontos principais estabelecidos pelo filósofo no *O Existencialismo é um Humanismo*, com a finalidade de marcar, como se fossem pontos de passagem, de um pensamento antecedente para um conseqüente, de forma lógica, que possibilite aos estudantes perceberem a relação entre estes pontos bem como, compreenderem a mudança existente na passagem de um ponto para outro. Este roteiro, parte integrante de nossa atividade prática, pode ser descrito da seguinte maneira:

1. Porque não foi criado, o homem é “[...] um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito.” (SARTRE, 1987, p.6);

2. Assim, o homem, esse ser cuja existência precede a essência, “[...] existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só depois se define.” (SARTRE, 1987, p. 6)

3. Há, contudo, uma condição fundamental para este ser: “[...] se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é.” (SARTRE, 1987, p. 6).

4. Responsável por si, este ser faz escolha e quando escolhe, escolhe pela humanidade porque, “[...] escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.” (SARTRE, 1987, p.6).

5. Este ser que escolhe, faz escolhas valorativas, pois “Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.” (SARTRE, 1987, p. 6-7).

6. Este ser cuja existência precede a essência se quer existir e ao mesmo tempo moldar a sua imagem, “[...] essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época.” (SARTRE, 1987, p. 7.).

7. Assim, a responsabilidade deste ser é maior do que ele possa suportar, “[...] pois ela engaja a humanidade inteira.” (SARTRE, 1987, p.7).

8. Este ser cuja existência precede a essência, que é o homem, e porque não existe determinismo, “[...] o homem é livre, o homem é liberdade.” (SARTRE, 1987, p. 9).

9. Assim, “[...] o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz.” (SARTRE, 1987, p.9).

10. Diante dos problemas o homem só terá como resposta: “você é livre; escolha, isto é, invente.” (SARTRE, 1987, p.11).

Esse roteiro pedagógico referenciado, tendo como suporte teórico o texto de Jean-Paul Sartre, *O Existencialismo é um Humanismo*, justifica-se pelas razões principais: 1. A exiguidade de tempo para fazer a leitura do texto integral, considerando que o número de aulas de filosofia no Ensino Médio está reduzida a uma hora semanal; 2. Ser impraticável entregar o texto integral a cada aluno, por absoluta inexistência desse material para ser entregue para todos, considerando que cada turma possui, em média, 45 alunos. Além disso, quer nos parecer, que a elaboração do roteiro já consiste em esforço acadêmico, sendo possível de ser levado em consideração de recurso didático, porquanto pretenda estabelecer uma

síntese do pensamento de Sartre, destacando alguns pontos principais estabelecidos pelo filósofo no *O Existencialismo é um Humanismo*, constituindo-se, assim em ferramenta a serviço dos professores para trabalhar a filosofia existencialista.

Diante do roteiro estabelecido a partir da obra do filósofo, de que maneira é possível adequá-lo a uma prática educativa, com fins de atender ao conceito de educação que seja destinada ao desenvolvimento individual?

A partir da leitura do texto *O Existencialismo é um Humanismo*, com as explicações que fizerem necessárias (e aqui não podemos dizer quais sejam, posto que só na aplicabilidade da leitura pelos alunos é que poderemos conhecê-las), esperamos que os alunos possam se reconhecer como existentes antes de uma essência.

Após a leitura do roteiro apresentado, deixaremos um tempo livre para ouvir os questionamentos dos alunos, procurando dirimir as dúvidas que por acaso ocorram, esperando que estes possam ter compreendido a questão da escolha, da liberdade e de ser o homem um projeto que ele próprio constrói, a partir de sua subjetividade, mas na relação como os outros, buscando, basicamente, reforçar a necessidade da autodeterminação, enquanto estudante e enquanto cidadão.

O que esperar da utilização do roteiro construído a partir da obra *O Existencialismo é um Humanismo*? Além de compreender a tese inicial de que a existência precede a essência, espera-se que os alunos possam, relacionando essa tese inicial com as suas vidas de estudantes, se descobrirem existentes, e que, tomando consciência disso, possam abraçar conscientemente esse projeto, assumindo em essência serem estudantes, assumindo também a responsabilidade deste ato, com clareza de que o fazem por si e, conseqüentemente, pela humanidade. Descobrimo-nos como estudantes, espera-se que estes alunos possam assumir a responsabilidade que existe e exige esta condição: estudar, buscando aprimorar-se nas tarefas concernentes à atividade de estudar: leitura, resumos, comparações de textos, aplicação nas aulas, com participação efetiva, dando opiniões, concordando e, principalmente, discordando, porém enriquecendo o debate, promovendo assim, a finalidade da sala de aula, que outra não é senão a produção do conhecimento. Igualmente espera-se que a partir de se descobrirem como estudantes possam perceber-se como cidadãos, buscando assumir atitudes,

posturas e engajamentos frente às dificuldades e problemas do cotidiano estudantil e da própria sociedade em que estão inseridos.

Depois se espera que estes alunos possam compreender que suas escolhas por serem estudantes é algo que ultrapassa as suas individualidades para atingir a todos que estão na mesma condição de alunos e que esta é uma mudança radical na maneira de encarar a vida de estudante e alcança a própria visão de vida para além da escola.

Espera-se que esta escolha que fazem por serem estudantes, seja compreendida como uma escolha valorativa, porque consideram estudar um bem e que, ao fazerem assim, como escolhem esta condição, o fazem, por si e por todos os estudantes. Que a escolha que fazem, fazem porquanto sejam livres, porque poderiam ter feito outra escolha, mas escolheram aquilo que é mais condizente, importante para fazer, por isso escolheram como escolheram.

Espera-se que as escolhas que escolhem não estão definidas por ninguém fora de cada um, não podem ser aconselhadas por ninguém fora de cada um, porque esta é uma escolha depende de cada um que escolhe, de acordo com as suas liberdades, porque é e sempre será uma escolha marcada pela invenção que cada um fará como proposta de projeto que representa e que se lança para o futuro.

Espera-se, também, que os alunos percebam que o ato de escolher com liberdade não diga respeito apenas às decisões que tenham que tomar como estudantes, mas, sobretudo, às decisões que tenham que tomar enquanto pessoas, cidadãos, em qualquer situação da vida.

Desta forma, este trabalho objetiva estabelecer para os estudantes a possibilidade de, pela educação, experimentar a teoria e a prática, porque esta é a forma correta de aliar o pensamento e a atuação, com vistas a enfrentar problemas e buscar resolvê-los de maneira consciente e efetiva, como esclarece Freire (2015, p.107):

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentem, imediatamente a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.

Tratando-se de uma aula de filosofia, é necessário trazer para o centro deste processo educativo esses fundamentos de libertação e transformação, que parecem estar separados e que muitos teimam em separar, mas que são inseparáveis, posto

que são instantes concomitantes da própria realidade, da própria vida: consciência e ação, como explica Freire (2015, p. 93).

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É a práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Além disso, o que se pretende é enfatizar uma educação que possibilite e encaminhe o aluno para autonomia, isto é, tenha capacidade de resolver problemas a partir de suas próprias experiências, partindo das soluções produzidas por si mesmos, e produzindo respostas próprias e apropriadas, em cada caso concreto e, assim, atingir uma das finalidades do Ensino Médio, definido na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 35 – O Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade:

[...]

III. o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico:

[...]

Isto a que chamamos de autonomia é a educação protagonizada pela escola libertadora que, se é verdadeiro que não possa ser objeto do ensino escolar, posto que seja voltada para o ensino não formal, pode, contudo, ter pressupostos pedagógicos utilizados por professores nas escolas, como ferramenta, para tornar o processo educativo, a educação em algo que, como diz Luckesi (1994, p.64) “[...] questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação – daí ser uma educação crítica.”.

Esta educação crítica, que tem sua origem na condição humana de inacabamento e da conscientização desta condição de ser inacabado, que transforma o homem em um ser de contestação da realidade, inclusive da realidade social e ética, é, como explica Freire (2015, p.108):

A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opções, de decisão. Um ser ligado a interesses e em relação aos quais tanto pode manter-se fiel à eticidade quanto pode transgredi-la. É exatamente porque nos tornamos éticos que se criou para nós a probabilidade, [...] de violar a ética.

Pensamos que após toda essa digressão sobre a proposta de trabalho que tem como objetivo trazer o existencialismo para uma proposta educacional encontra-se bastante, porque não dizer, plenamente justificada e amparada, porque encontra respaldo nos pensamentos e proposta de renomados educadores pátrios como, por exemplo, os citados Luckesi e Freire.

Apresentada a proposta de utilizar *O Existencialismo é um Humanismo* como base para um roteiro que possibilite ao aluno do Ensino Médio, particularmente nas aulas de filosofia, possam ter um encontro com suas subjetividades, trataremos de outras questões sobre a filosofia nesta modalidade de ensino.

2.1 - Filosofia no Ensino Médio

Além da questão da linguagem dos filósofos, observamos que nossos alunos apresentam problemas de leitura e baixo índice de cultura geral, aqui identificada como falta de experiência com a música, teatro, pintura, poesia, cinema e expressões da arte em geral. Não causa nenhum espanto que as escolas estejam vazias de representações artísticas. Não causa nenhum espanto que as escolas estejam vazias de grupos de teatro, de dança, de música, de poesia, de pintura, de cinema, dessas coisas que possibilitam pensar, comparar pensamentos, causar espantos, pensar, inclusive, sobre a cotidianidade, que representa a realidade mais próxima do indivíduo, no caso, dos alunos. O pensamento como fonte criadora está passando ao largo da escola, porque dela foi retirada essa condição de pensar e de expressão do pensamento nas suas mais variadas formas. É nesse espaço, de onde o pensamento e as suas diferentes formas de expressão foram “banidos”, que a filosofia tem que atuar, com carga horária diminuída, sem os interlocutores do diálogo, mas ser capaz de fazer surgir o questionamento sobre as coisas e de ensinar a filosofar. De que nos adianta todo valor cultural acumulado pela humanidade, se este valor não está presente na escola? Ou, como diz Benjamin (1994, p.115): “Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”.

Para oferecer um caminho didático, utilizaremos como roteiro, nesta parte do trabalho, os questionamentos feitos por Silveira acerca da filosofia, mas trazendo para este trabalho os questionamentos que originaram teses melhores aplicáveis ao

Ensino Médio, objeto deste escrito. Assim, recolhemos, como base e início desta atividade, junto a Silveira (2007, p.77):

Todas as pessoas são capazes de filosofar ou só umas poucas, intelectualmente privilegiadas? É possível ensinar filosofia? E a filosofar? Pode-se fazê-lo nas escolas públicas? Como? [...] Há conteúdos específicos para essa disciplina, ou qualquer um pode ser estudado, desde que atenda aos interesses dos alunos e recebe uma abordagem 'filosófica'? É importante ensinar a história da filosofia? Há o que avaliar neste ensino? Como deve ser feita esta avaliação? [...] Quais os procedimentos metodológicos mais adotados? Que materiais didáticos podem ser adotados?

Como podemos notar, são muitos questionamentos que buscam encontrar respostas para fazer filosofia no Ensino Médio. Produto deste questionamento, o professor Silveira procedeu uma reflexão, transformando-a em teses, das quais iremos adotar algumas, que nos parecem mais próximas de nossa realidade, enquanto professores de Ensino Médio. Por uma necessidade metodológica e de ordem prática, citaremos a tese e, em seguida, procederemos com comentários que entendermos pertinentes. Tese 1 do professor Silveira (2007, p. 79), declara: "A filosofia não é uma atividade intelectual acessível apenas aos 'filósofos profissionais e sistemáticos' [...]. Nem por isso é algo fácil, banal, corriqueiro que possa ser praticado de qualquer maneira e espontaneamente."

Esta primeira tese é perfeitamente aplicável ao Ensino Médio, posto que fica evidente não tratar-se, no caso dos alunos deste seguimento de ensino, filósofos profissionais e sistemáticos, mas, isso sim, de estudantes não especificamente de filosofia, e que estão cumprindo uma fase de formação com objetivos amplos e gerais atinentes a todos os componentes curriculares desta modalidade educacional. Entretanto, como são alunos de uma escola, necessitam receber informações de ordem científica e rigorosa, daí, a dificuldade, porque a escola que se pretende científica, está atuando de forma absolutamente contrária à ciência, porquanto tenha se tornado, ao longo dos anos, por força do modelo educativo, voltado apenas para legalizar a conclusão desta modalidade de ensino pelos alunos, sem qualquer preocupação com a aprendizagem efetiva, havendo, na prática, salas superlotadas, de alunos com grandes deficiências de conteúdos e com professores que, muitas vezes, não estão preparados para ministrar os conteúdos a serem ensinados.

Tese 3 do professor Silveira (2007, p. 85) estabelece: "A filosofia se constitui num saber elaborado, erudito, e esse saber abrange simultânea e

indissociavelmente, conteúdo e método. Por isso, ela deve figurar no currículo escolar como disciplina obrigatória e não como tema transversal.”.

Ora, a filosofia é um conhecimento que antecede a todos os demais e que, por isso, dá origem a todos os conhecimentos, mas, contudo, é um conhecimento especial, não se confundindo com nenhum outro. Acumula este conhecimento, muitos séculos, sendo, a contribuição de cada filósofo, importante ser conhecida por quem trabalha com este saber, para transmissão segura deste próprio saber. Como, então, pode-se confundir a filosofia com um simples tema transversal? A filosofia só pode figurar no currículo escolar como disciplina, necessitando, inclusive, de maior carga horária, porque é impossível abarcar tão vasto conteúdo com apenas uma aula por semana, como é o caso presente.

Tese 4 do professor Silveira (2007, p. 90) decreta: “A filosofia pode e deve fazer parte do currículo escolar porque contribui para a realização da essência humana.”.

Considerando que todo saber produzido pela humanidade pretende tornar melhor o ser humano, como prescindir da filosofia no currículo escolar, se esta é a possibilidade de questionar esse saber e o próprio ser humano? Como prescindir da filosofia, se esta é a própria realização do humano? Como prescindir da filosofia se esta é questionamento da própria vida e, por vezes, confundindo-se com a própria vida? Por todas essas razões, a filosofia não só pode como deve fazer parte do currículo escolar, devendo ser a norteadora do tipo de educação se pretende alcançar, com que finalidade e, sobretudo que tipo de homem, que tipo de humanidade queremos.

Tese 5 do professor Silveira (2007, p. 93) dispõe: “A filosofia deve fazer parte do currículo escolar porque é necessária ao cumprimento dos fins da educação nacional.”.

Para fazermos a análise desta tese, temos que inicialmente, trazer para a discussão a Lei 9394 (Brasil, 1996), com ênfase no artigo 22, porquanto seja este dispositivo do diploma legal a primeira relação entre a tese e os fins da educação nacional e, por que, também no disposto pela lei, há relação direta com a filosofia. Assim, por necessário, transcrevemos o Art. 22 desta lei que afirma: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”.

Ora, o Ensino Médio é parte integrante da educação básica, logo, o Ensino Médio também deve desenvolver o educando para o exercício da cidadania. Perguntamos: dos componentes curriculares do Ensino Médio, qual o que melhor prepara para esse exercício da cidadania? A resposta a esta questão só pode ser a filosofia, porquanto seja esta a mais capacitada de inculcar nos educandos, seja pela história da filosofia, seja pela pura reflexão, a capacidade de compreender o conceito de cidadania, como de apresentar elementos comparativos, a partir dos diferentes filósofos, no decorrer dos tempos, o avanço deste conceito.

Para além, há que se observar a relação mantida com o já citado art. 35, inciso III, da mesma Lei 9394 (Brasil, 1996), porquanto ali estão presentes quatro conceitos que são muito caros à filosofia: pessoa humana, ética, autonomia e pensamento crítico. Todos esses conceitos foram estudados, aperfeiçoados, debatidos e estão em eterna análise pelos filósofos nos diferentes tempos.

A Ética é uma disciplina filosófica. A autonomia é a finalidade de todo o desenvolvimento filosófico com vistas ao ser humano. O pensamento crítico é o exercício próprio e permanente da filosofia. Nesse sentido, é importante trazer as palavras de dos autores Sereno, Pisani e Velasco (2010, p. 141), que afirmam: “Os chamados problemas filosóficos caracterizam-se por exigirem que nos posicionemos sobre temas fundamentais como, por exemplo, o ser humano, a realidade, o conhecimento, os valores, a liberdade etc.”.

A tese 7 do professor Silveira (2007, p. 96) preconiza: “A seleção dos conteúdos a serem estudados em Filosofia é de responsabilidade do professor de Filosofia.”.

Existe toda uma discussão acerca deste tema, inclusive pelo próprio professor Silveira com objetivo de descobrir qual seria o “interesse” do aluno para determinar, por parte do professor os conteúdos a serem aplicados. Pensamos que o tema não carece de tanta teorização posto que os conteúdos já estejam previamente organizados pela proposta elaborada pelo poder público cabendo ao professor dizer quais os que devem ser priorizados, numa percepção que se tenha da turma com a qual se trabalhará. O mais importante, contudo, é não perder de vista a necessidade de que sejam esses conteúdos voltados para a consecução de ideais democráticos, de respeito à vida, à pluralidade e liberdade de pensamento.

Finalmente a tese 10 do professor Silveira (2007, p. 108) propõe: “O objetivo do ensino de Filosofia no ensino médio é e, ao mesmo tempo, não é formar filósofos.”.

Claro que a filosofia no Ensino Médio, não pretende formar filósofos, aqui entendido como àqueles que estão capacitados a elaborar teses, escrever artigos, falar sobre questões complexas da vida, da existência, proferir palestras, apresentar pareceres, discutir pensamento dos filósofos, relacionar pensamentos de diferentes filósofos, áreas restritas à especialista, não, nesse sentido, não se pretende formar filósofos. Contudo, ali se pretende lançar as bases para a percepção de que a realidade é algo maior, mais complexo do que se possa supor, do que pode nos fornecer o senso comum; lançar as bases para romper com esse senso comum e, nesse sentido, se não estamos formando filósofos, estamos oferecendo elementos iniciais para que alguns possam ampliar sua visão de mundo, tornando-se, caso seja o caso, filósofos.

Aqui, porém, tocamos em um aspecto essencial do problema da filosofia e o seu ensino: qual deve ser a filosofia no Ensino Médio? Respondemos a esta questão retomando as palavras ditas anteriormente, lançar as bases para a percepção de que a realidade é algo maior, mais complexa do que se possa supor, do que pode nos fornecer o senso comum. Lançar as bases para romper com esse senso comum, oferecendo as visões, experiências e pensamentos dos diferentes filósofos, porém, relacionando tudo isso com o tempo presente e com as próprias vidas dos alunos. Mostrar que a realidade não é estática, mas ao contrário, dinâmica e que está em eterna transformação.

O conteúdo de filosofia no Ensino Médio só terá sentido se oferecer a possibilidade de mudança de comportamento dos alunos não sendo possível, portanto, avaliá-los (e aqui aproveitamos para responder às perguntas do professor Silveira: “Há o que avaliar neste ensino?” “Como deve ser feita esta avaliação?” “Com respostas sobre o que pensou este ou aquele pensador?”). Só podemos avaliá-los nas mudanças que percebamos em seus comportamentos, em suas atitudes, e, no campo cognitivo, na percepção de que possam utilizar o pensamento de determinado filósofo adequando-o ao problema que esteja sendo analisado ou se foram capazes de perceber a necessidade de utilizar a palavra escrita, com logicidade, para expressar o seu próprio pensamento ou de outrem que esteja querendo expressar. Ainda dialogando com o professor Silveira, pensamos que sim,

a filosofia pode ser feita na escola pública e pensamos que seja esse o espaço mais apropriado para o exercício do filosofar, se considerarmos a responsabilidade de professores comprometidos com a verdade, objetivo último da filosofia, se verdadeiramente acreditamos na transformação e se temos o compromisso de, pela filosofia, atingir essa transformação.

Outras questões levantadas por Silveira: “É possível ensinar filosofia?” “É a filosofia?” “É importante ensinar a história da filosofia?”. As três questões estão relacionadas com uma velha discussão filosófica. É possível ensinar filosofia ou a filosofar? Discussão travada por Hegel (1999) e Kant (2011), sendo o primeiro adepto do ensino da filosofia pela história da filosofia, enquanto o segundo é adepto de que só é possível ensinar a filosofar. Assim, esclarece Hegel (1999, p. 107): “Observo apenas, ainda como resultado de quanto dissemos ser o estudo da história da filosofia o estudo da própria filosofia, o que, aliás, não podia deixar de ser.” E, ao se referir ao que deve o professor ensinar aos alunos, declara Kant (2011, p.174): “[...] não deve ensinar pensamentos, mas a pensar [...]”. No plano prático, no que diz respeito aos cursos de graduação em filosofia, essa questão apresenta-se inclinada ao pensamento de Hegel, pois o parecer CNE/CES N°492/2001 estabelece que para o curso de filosofia, no que diz respeito ao perfil dos formandos, “sólida formação de história da filosofia[...]”. Perceba-se, contudo, que esta orientação diz respeito ao curso de formação de professores de filosofia, e o caso que estamos analisando, é de aulas de filosofia no Ensino Médio. Sobre a filosofia com base na história, em tom de crítica, Gallo e Kohan (2000, p.178) comentam que: “É um ensino de filosofia que podemos chamar de enciclopédico, e que não tem muita relação direta com o cotidiano de nossos jovens estudantes.”.

É a partir do cotidiano dos jovens que deve ser organizado o curso de filosofia do Ensino Médio, percebendo suas inquietações, curiosidades e estranhamentos para, de posse da relação de conteúdos, arrumar essas inquietações, curiosidades e estranhamentos, como temas a serem apresentados com aulas, orientadas sempre com a visão de um ou mais filósofos que sejam pertinentes a cada tema recolhido na sala de aula, pois, como ensina Leopoldo e Silva (1986, p. 154): “[...] as filosofias se caracterizam pelo recomeço e pela reposição das questões.”. Desta forma, é necessário organizar as aulas com base no que inquietam os alunos, mas, também, com um plano de desenvolvimento dessas aulas e, sobretudo, com um plano que possibilite, no desenvolvimento das

aulas, acompanhar as mudanças operadas nos próprios discentes, a partir do tema e do pensamento do filósofo.

A educação brasileira passa por uma reformulação, particularmente no que diz respeito à educação básica, onde está inserido o Ensino Médio, modalidade que está sendo denominada de Novo Ensino Médio. O Ministério de Educação e Cultura lançou a *Base Nacional Comum Curricular – BNCC* e no referido documento encontramos as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 9), das quais destacamos duas, por estarem dentro do âmbito de nossa análise:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Na primeira competência encontramos muitos conceitos identificados com a filosofia e, particularmente, com a filosofia existencialista, tais como: escolhas, projeto de vida, liberdade, autonomia, consciência e responsabilidade. Na segunda competência, igualmente podemos listar conceitos caros à filosofia existencialista como, por exemplo: posicionamento ético em relação a si mesmo e dos outros. Todos esses conceitos, que são próprios da filosofia são, a nosso ver, em especial e particularmente da filosofia existencialista, porque dependem da necessidade de o indivíduo se reconhecer como tal, no processo de individualização e na relação com o outro.

Na BNCC (2017, p.8) competência é definida como “[...] conhecimentos [...], habilidades [...], atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. Ora, a leitura do conceito de competência descrito, pensamos ser possível afirmar a necessidade de o professor despertar em seus alunos, a partir de concepções teóricas essas competências, residindo aqui a importância do conhecimento filosófico, em especial o conhecimento da filosofia existencialista, motivo de nossa preocupação.

Mais adiante, preocupado em estabelecer caminhos, orientações e parâmetros que permitam nortear o rumo da educação e da prática pedagógica do currículo, respeitando a autonomia dos sistemas, das redes de ensino, das

instituições escolares, o contexto e as características dos alunos e até a participação das famílias e comunidades, o texto BNCC (2017, p. 17) traz uma lista de ações, das quais duas nos interessam em especial:

Conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
 Selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender.

Vislumbramos aqui a importância deste trabalho no âmbito da educação do Ensino Médio, sobremaneira em sua parte prática, porque atende aos requisitos de motivar e engajar os alunos na aprendizagem que, no nosso caso, consistir em conscientizar os estudantes da importância e da relevância social de ser estudante, bem como apresenta uma preocupação de atender à produção de recurso didático para apoiar o processo de ensinar e aprender, aqui materializado com o roteiro sugerido.

Necessário é, no entanto, lembrar que estamos diante de uma conjectura, devido às incertezas que rondam o Ensino Médio, particularmente o ensino de filosofia nesta modalidade, pois, a Lei N° 13.415/17, que altera entre outras, mais principalmente a Lei n° 9.394/66, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, deixa muitas dúvidas quanto ao futuro do ensino de filosofia no Ensino Médio, isto porque, o artigo terceiro, parágrafo segundo, do referido diploma legal, diz textualmente o seguinte:

Art. 3º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 35-A:

[...]

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia.

A leitura do dispositivo legal, ao falar em estudos e práticas, não explica se isso será feito através de uma disciplina autônoma, com conteúdo, currículo e corpo teórico independente, abrindo margem a interpretações outras, como por exemplo, conteúdos a serem inseridos em outras disciplinas já existentes ou que venham a ser criadas. E, por irônico que possa parecer, a mesma citada Lei, no mesmo artigo terceiro, parágrafo sétimo, estabelece competências claramente da filosofia e que guardam relação direta com a filosofia existencialista, no que se refere a projeto de vida, ao determinar:

Art. 3º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 35-A:

[...]

§ 7º Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais.

3 - FILOSOFIA E INTERTEXTUALIDADE

Um dos nossos esforços é estabelecer o diálogo entre o texto artístico e o texto filosófico, buscando demonstrar que o texto artístico pode discutir temas e problemas filosóficos. Essa condição de abordar temas e problemas filosóficos em textos literários está presente na prosa e, também, na poesia. Por que isso é possível? Porque os escritores, de qualquer gênero literário, escrevem sobre aquilo que lhes são próprios enquanto homens, tratando, portanto, sobre a vida dos homens, suas inquietações, anseios, temores, alegrias, tristezas, certezas e incertezas, seus espantos, descobertas, suas visões de mundo.

Recentemente lemos um livro chamado *A Verdade sobre o Caso Harry Quebert* de Joël Dicker (2014), uma trama policial, que tem como tema central o desaparecimento de uma jovem de 15 anos. Todo o objetivo do escritor é prender a atenção dos leitores em relação ao acontecido com a jovem, não havendo nenhuma preocupação filosófica, posto não ser um tratado de filosofia. Pois bem, neste livro absolutamente despreocupado com as questões filosóficas, em certo momento, tratando a respeito de alguém que larga a universidade para ir combater no Iraque, servindo ao exército americano, surge um diálogo entre dois dos personagens, que está assim construído por Dicker (2014, p. 271):

- Ele tinha razão ou não?
- Não faço ideia.
- Nem eu. Tudo que sei é que a vida é uma série de escolhas que fazemos e que depois precisamos saber assumir.

Está claro que a fala do personagem que trata da questão das escolhas que fazemos na vida, sem qualquer sombra de dúvidas, faz lembrar a teoria existencialista, porque é a fala de um indivíduo, falando de escolhas de vida e da necessidade de assumi-las. Ou isso não lembra Sartre? Ou isso não lembra o existencialismo? Podemos aqui entrar no campo das conjecturas: seria o escritor existencialista? Há nessa fala, o objetivo de fazer uma declaração existencialista? Outras tantas perguntas, nesta direção, poderíamos formular, mas só faria sentido se nos dispuséssemos a fazer uma pesquisa em busca dessas respostas, sendo

que o campo da conjectura perde importância diante de algo que é maior e mais significativo: o poder da relação de ideias advindo de fontes distintas.

O que queremos dizer é que assume maior importância saber se um leitor do livro em referência, sendo conhecedor do existencialismo, ao deparar-se com esta passagem, será capaz de fazer a associação entre o diálogo e o existencialismo. De outro modo, nos interessa saber se alguém que tenha lido o livro, ao assistir uma aula sobre o existencialismo possa, de alguma forma, lembrar-se desta fala, ou, no nosso caso presente, saber se é possível utilizar este diálogo na sala de aula quando estivermos fazendo uma explanação sobre o existencialismo, isto é, fazer a intertextualidade deste diálogo com o existencialismo, no que toca às escolhas feitas pelos indivíduos.

Em outro livro que lemos, chamado *As Aventuras do bom Soldado Švejk*, do autor checo, Jaroslav Hašek (2014), que relata as aventuras do soldado que dá nome à obra e que, por tratar-se de alguém muito natural sempre se envolve em situações as mais variadas, quase sempre produzindo consequências danosas para si mesmo. O livro é de defesa de pensamentos e de tomada de posições frente aos problemas da existência humana, defendendo, claramente uma posição ateuista. Seguindo a ideia de ser Deus uma imaginação da mente humana, comenta Hašek (2014, p. 129): “Os preparativos para a matança de gente simples sempre foram levados a cabo em nome de Deus ou de algum outro hipotético ser supremo que a humanidade tivesse engendrado em sua imaginação.”

Na literatura filosófica, é com Camus, no livro *O Estrangeiro*, que a liberdade existencialista aparece de forma mais característica. E em que consiste essa liberdade? Consiste no total alheamento do personagem central Meursault a tudo que não diz respeito ao seu projeto de vida e que encara com absoluta naturalidade acontecimentos que aos olhos de outros parecem ser extraordinários. É assim que ele vê sua mãe ser internada em um asilo para idosos, considerando o fato como inevitável em razão de uma ordem prática e racional: não possuir recursos financeiros econômicos suficientes para manter a mãe. Mas aqui, forçoso é fazer relação da escolha de Meursault em internar a mãe por uma razão racional e o exemplo de Sartre, no *O Existencialismo é um Humanismo* do homem que pretendia partir para a Inglaterra e alistar-se nas Forças Francesas Livres, para vingar a morte do irmão mais velho que morrera durante a ofensiva alemã de 1940, mas, para isso, teria que abandonar a mãe, que necessitava de seus cuidados.

Segundo Sartre (1987), não existe nada fora deste indivíduo que possa ajudá-lo nessa decisão. Tudo que ele possui é a liberdade para inventar sua escolha, seu caminho. Foi exatamente que fez o personagem de Camus, inventou sua escolha, seu caminho. Ao receber a notícia da morte de sua mãe, Meursault vai sem muita convicção ao enterro, mas, contudo, não chora, fato que escandaliza as pessoas apegadas à tradição cristã de piedade. Meursault rompe com essa tradição e sofre a retaliação por parte das pessoas cristãs, a ponto de o juiz encarregado de julgá-lo por homicídio exasperar-se num dos encontros que tiveram, cena magistral assim descrita por Camus (2019, p. 72);

Bruscamente, levantou-se, dirigiu-se com grades passadas para a extremidade da mesa e abriu a gaveta de um arquivo. Tirou um crucifixo de prata que brandiu na minha direção. E com uma voz completamente alterada, quase trêmula, gritou:

- Será que conhece este aqui?

- Sim, é claro – respondi.

Disse-me, então, muito depressa, e de um modo apaixonado, que ele acreditava em Deus, que tinha convicção de que nenhum homem era tão culpado para que Deus não o perdoasse, mas que para isso era necessário que o homem, pelo seu arrependimento, se transformasse como que numa criança, cuja alma está vazia e pronta a acolher tudo. Todo o seu corpo se debruçava sobre a mesa. Agitava o crucifixo quase em cima de mim.

É nesse mundo impregnado da moral cristã que Meursault vive e com o qual ousa romper para afirmar sua liberdade individual e que faz de forma espontânea, quase inocente, atitude que desestabiliza as pessoas que vivem nas certezas das respostas previamente concebidas, a ponto de um juiz, de quem não se espera em virtude da leitura, dos estudos e da vivência com a ciência, não poder admitir uma posição diferente da sua, da sua crença, da sua visão de mundo. Meursault sofrerá punição, não por conta do homicídio que cometera, mas, sobretudo, porque apresenta uma visão individual, particular, subjetiva, uma visão humana para os problemas com os quais se depara. E essa sua teimosia de indivíduo que afirma e reafirma sua individualidade continua sendo objeto de tentativa de dissuasão por parte do juiz conforme prossegue em sua narrativa, que aqui transcrevemos, por oportuno, Camus (2019, p. 73):

[...] ele [...] exortou-me uma última vez, do alto de sua posição, perguntando-me se acreditava em Deus. Respondi que não. Sentou-se, indignado. Disse-me que era impossível, que todos os homens acreditavam em Deus, mesmo os que lhe viravam o rosto. Essa era a sua convicção, e se algum dia viesse a duvidar dela, a sua vida deixaria de ter sentido.

- O senhor quer – exclamou – que a minha vida não tenha sentido?

Na minha opinião, eu não tinha nada como isso, e foi o que lhe disse. Mas do outro lado da mesa ele já brandia o Cristo sob os meus olhos e gritava de maneira irracional:

- Eu sou cristão. Peço perdão pelos seus pecados a esse aqui. Como pode não acreditar que ele sofreu por você?

Perceba-se que estamos diante de duas posturas absolutamente opostas, a do juiz e a de Meursault. A daquele caracteriza-se por uma confiança em algo externo, que tem como marca, bem observado pelo próprio Meursault, a irracionalidade e a necessidade da aquiescência do outro, no caso, o próprio Meursault, daí a necessidade de ser convencido a todo custo; e a deste que se caracteriza pela racionalidade, convicção interna, própria, e que não tem necessidade convencer o outro. Aquele fala de uma convicção de fé, aprendida pela tradição religiosa; este fala de uma convicção experienciada internamente, subjetivamente, individualmente. É essa experiência individual de Meursault que ele teima em afirmar que vai condená-lo, como o condenou, antecipadamente, o juiz, na continuação da cena, narrada por Camus (2019, p.73):

Como sempre, quando quero livrar-me de alguém que mal estou escutando, demonstrei um ar de aprovação. Para minha surpresa disse, triunfal:
 - Viu, viu? Não é verdade que você crê e vai confiar-se a Ele?
 É claro que mais uma vez eu disse não. Deixou-se cair na poltrona.
 [...] Em seguida, olhou-me atentamente e com um pouco de tristeza. Murmurou:
 - Nunca vi uma alma tão empedernida quanto a sua. Os criminosos que aqui estiveram diante de mim sempre choraram diante desta imagem da dor.

Terminada essa magnífica passagem descrita por Camus, pesamos ter compreendido o título de *O Estrangeiro*, dado ao livro. É que o estrangeiro é sempre alguém que destoa da cultura local, porque vem de fora, trazendo outros hábitos, outros comportamentos, outra forma de ver o mundo, de interpretar a realidade circundante, apresentando, outra cultura, diversa da praticada pelo povo da região. Meursault rompe com essa cultura, apresentando comportamento que contraria esses hábitos, particularmente aqueles que têm como base a tradição religiosa, particularmente o princípio fundamental sobre o qual está erigida essa tradição, que é a afirmação de Deus. Para além, Meursault se apresenta como alheio à moral fundamentada na piedade, outro princípio basilar da cultura em questão, isto é, Meursault, é um existencialista, quebrando todos os paradigmas da sociedade em que vive.

Pois eis que é possível relacionar, de passagem, a fala de Meursault, sobre a sinceridade de dizer e fazer as coisas como elas devam ser ditas e feitas, sobretudo em relação a si próprio, com uma fala de Sócrates, recolhida junto ao texto de

Platão, *Górgias*. No texto de Platão, que tem Sócrates como principal debatedor, encontramos um discurso de Sócrates dizendo considerar que o maior vício seja o da alma e que se os oradores utilizam a retórica para a persuasão sem levar em conta essa realidade, ao defenderem uma causa, o fazem por pura ignorância de que cometem o mal e, por conseguinte, praticam a injustiça sem se aperceberem disso. Dizendo ser a maldade uma doença da alma e comparando a justiça à medicina, utilizando Sócrates como personagem, escreve Platão (1970, p.109):

Caso, porém, venha a delinquir ela própria, ou algum dos entes queridos, deve ir de moto próprio aonde expie a falta quanto antes, saindo em busca de um juiz como de um médico, pressurosamente, para evitar que, inveterando-se, a doença da injustiça se recolha, deixando a alma incurável.

É assim que vamos encontrar Meursault já condenado à pena capital que recebe a visita de um padre, que tem como objetivo fazê-lo compreender que, conforme escreve Camus (2019, p. 122): “[...] carregava o peso de um pecado do qual precisava me livrar.”. Meursault, dizendo não saber o que era um pecado, na mesma direção da fala de Sócrates acima descrita, reconhecendo a decisão do tribunal que o condenara observa, conforme narra Camus (2019, p.122): “Tinham-me apenas dito o que era um culpado. Eu era culpado, ia pagar, nada mais me podiam pedir.”. Meursault fez a sua escolha e assumiu integralmente a responsabilidade dessa escolha. Por essa escolha foi condenado, o homicídio praticado foi apenas o pretexto para a condenação, o real motivo, contudo, foi a escolha de ter um comportamento diferente, que criava embaraços ao modo de vida dominante, que viu na sua conduta, uma ameaça a essa verdade estabelecida, considerando que nem o poder jurídico nem o poder eclesiástico foram capazes de demovê-lo da teimosia de sua escolha.

Contudo, Meursault comete um assassinato e parece que isso contraria toda sua proposta de alheamento, distanciamento com coisas que não lhe digam respeito, não digam respeito ao seu projeto, tratando-se, mesmo, de um gesto absurdo pelo qual pagou com a liberdade e com a vida. Por que será o que ele caiu nessa esparrela? Resposta difícil, podemos apenas conjecturar a esse respeito. A nosso ver, Meursault estava terrivelmente pressionado por apresentar um comportamento absolutamente diverso de todos e sustentou essa condição por muito tempo, e chegou um instante de não mais poder manter esse modo de vida: sem amizade, sem amor convencional, sem laços familiares, sem contradição, absolutamente sem contradição. Modo de vida impossível de ser vivido, porquanto

viva-se com outros. Ele radicalizou nesse modo de vida, sendo finalmente, levado a dar o último passo: experimentar a contradição de um gesto nada racional, na busca de tornar-se igual, dando aos outros o direito de julgá-lo como humano.

4 - FILOSOFIA E POESIA

Essa condição de trazer temas e problemas filosóficos para a literatura está presente na prosa e, também na poesia de autores em todo o mundo, aliás, por oportuno, trazemos aqui, um texto poético que percorre o mesmo caminho do filósofo Crítias de Atenas, invertendo a criação e, para além, colocando na boca dos deuses, o lamento por terem sido criados pelos homens e isso nos lembra, de novo, a proposta existencialista da eliminação de Deus, justificando-se desta maneira, inserção do poema de Antero de Quental (2016, p.55)

DIVINA COMÉDIA

Erguendo os braços para o céu distante
e apostrofando os Deuses invisíveis,
os homens clamam: - Deuses impassíveis,
a quem serve o destino triunfante,

por que é que nos criastes!? Incessante
corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,
num turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor na paz clemente
do nada e do que ainda não existe,
ter ficado a dormir eternamente?

Por que é que para dor nos evocastes?
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
dizem: - Homens, por que é que nos criastes?!

4.1 Filosofia e Poesia Brasileira

A nossa tarefa, porém, é verificar esse mesmo fenômeno de intertextualidade na poesia brasileira, buscando identificar nos poetas nacionais aqueles que trazem em suas poesias esses temas e problemas filosóficos, como demonstração de que há uma relação ou poder haver uma relação direta entre poesia e filosofia. Qual deve ser essa relação?

4.1.1 No meio do caminho

Considerando ser a filosofia uma reflexão sobre a realidade da qual se participa, e tendo em vista que é a partir do questionamento sobre essa realidade

que se exercita o filosofar, todas as vezes que estivermos diante de um texto poético que nos obrigue à reflexão sobre essa realidade, estaremos diante de um problema que nos leva a pensar de maneira incomum, como explica Gallo (2016, p. 11): “Pensar, nesse sentido filosófico, não é algo comum. É um acontecimento que produz transformações em nossas vidas. Quando pensamos já não somos os mesmos.”. É por isso, porque nos obriga a pensar de maneira transformadora, que dizemos não ser possível negar a existência desses problemas filosóficos na poesia em que o autor simboliza as dificuldades da vida, os problemas existenciais, na pedra existente no meio do caminho, versejando, como o faz Carlos Drummond de Andrade (2012, p. 237):

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas fatigadas
 Nunca esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

4.1.2 O Bicho

Segundo Heidegger, o homem pode se encontrar de diversas maneiras com a filosofia e esta, por sua vez, declara o Heidegger (2008, p. 4): “[...] pode permanecer velada ou manifestar-se no mito, na religião, na poesia, nas ciências, sem que seja reconhecida como filosofia.”. Assim, trazemos como poesia impregnada de filosofia em que o poeta se espanta, ao verificar que o bicho que remexe o lixo e devora com voracidade o que encontra de alimento ser um homem. Perceba-se, de início, que o poeta é tomado de espanto pelo inusitado do ocorrido, sendo importante lembrar que o espanto é considerado como condição primeira para se filosofar. O espanto do poeta, por si mesmo já o aproximaria da filosofia.

Além do espanto, contudo, o poema, discorrendo sobre a capacidade humana de lutar contra as situações adversas, buscando uma forma de sobrevivência, ainda que abandonando suas características racionais, assumindo atitudes animais, coisas chocantes para a sensibilidade do poeta, mas que é,

ao mesmo tempo, um problema filosófico, que diz respeito à humanidade, no que concerne a existência de pessoas que não possuem capacidade de prover alimentos pra si próprias. A partir da leitura do poema podemos perguntar: Por que tal coisa acontece? Este problema é individual ou social? Responder a essas perguntas significa buscar as razões desse acontecimento, em outras palavras, significa filosofar a partir do poema. Aquilo que se apresenta com a capacidade de espantar o poeta é motivo de criação de sua obra de arte, por sua vez, no filósofo o espanto também é criativo, na busca da compreensão do problema. O problema aqui descrito é um homem buscando no lixo algo para saciar sua fome, estando, assim, o problema relacionado a esta circunstância. Aqui é possível fazer uma relação entre poesia e o raciovitalismo, doutrina de José Ortega y Gasset, trazendo um comentário no qual explica Vita (1968, p. 193): “A vida de cada um é a existência particular e concreta que reside entre circunstâncias fazendo-se a si mesma e, sobretudo, orientando-se para sua própria mesmidade, [...], autenticidade ou destino.”. Assim, enquanto o espanto do poeta o leva à criação de uma arte que pode ser filosófica, enquanto questionamento da realidade que se apresenta diante de sua sensibilidade fina, o filósofo transforma o espanto em criação racional de compreensão do problema e busca as razões que possam explicar esse mesmo problema. O poeta, pela arte, pode no conduzir à filosofia. O filósofo, pela filosofia, nos conduz aos caminhos da compreensão daquilo em que, sensibilizado, o poeta canalizou para a criação artística em que descreve o acontecimento, como o descreve em O Bicho, Manuel Bandeira (2015, p. 119)

O BICHO
Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Sim, sabemos que o cotidiano está repleto de “bichos” catando comida entre os detritos, mas não é a banalização deste fato que faz com que as pessoas não se importem com isso, mas sim, a ausência de discussão sobre esse fato que leva à

insensibilidade, gerando a naturalização, sendo por isso necessário levar o cotidiano e os seus problemas para a sala de aula, como forma de romper com essa situação.

4.1.3 Morte e Vida Severina

No texto *Que é a Literatura?*, discorrendo sobre a função do escritor e chamando atenção da importância deste para nossa percepção do mundo, esclarece Sartre (2004, p. 21): “[...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.”. Portanto, quando o poeta escreve um poema denunciando o problema cotidiano de milhares de seres desassistidos pelos poderes públicos e que, a despeito de toda desigualdade, apostam na vida, ainda que severina está denunciando a existência desses seres e a violência a que esses seres estão submetidos, denúncia esta que nos impede de alegar o desconhecimento da situação, caracterizando, dessa maneira, aquilo para o que chama atenção o filósofo em referência à função do escritor. Quer nos parecer que isso já é suficiente para considerar o poema como inserido na condição de âmbito filosófico, contudo, a temática relacionada às desigualdades, faz da poesia um documento de identificação e denúncia de um problema perfeitamente afeito à filosofia, posto que identificado com a dignidade humana, ensejando, a partir de sua leitura, pergunta cuja resposta nos leva a filosofar, isto é, a descortinar a verdade, perguntando: por que existe desigualdade entre os homens? Sendo isso o que faz ao escrever o texto *Morte e Vida Severina*, do qual transcrevemos alguns versos, o poeta João Cabral de Melo Neto (2007, p. 147-148):

MORTE E VIDA SEVERINA

[...]

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina

ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

[...]

4.1.4 O Operário em Construção

No mesmo texto *Que é a Literatura?*, declara Sartre (2004, p. 20): “O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar.”. O comentário é perfeito para enquadrar o poema em que o poeta faz um exercício de dialética entre a vida do operário e a do patrão e, sobretudo, que pela constatação dialética o operário descobre que é explorado pelo patrão e percebe, num ato quase de revelação, que toda sua miséria é diretamente proporcional à riqueza do patrão, e que ele operário que tudo produz, não tem na maioria das vezes acessos a esses bens que fabrica com suas próprias mãos. O poeta aqui coloca sua arte a serviço de uma causa, pretendendo, intencionalmente, propor uma mudança na maneira como o operário deve se perceber na relação com o patrão, e, sobretudo de como o operário deve perceber a si próprio, como construtor de toda riqueza e que, em virtude de está submetido, a ideologia do patrão, não pode perceber isso. Esse problema das desigualdades sociais é reconhecidamente um problema filosófico, também trabalhado pelo poeta. Citamos, por necessário, trecho da poesia *O Operário em Construção*, de Vinícius de Moraes (1975, p. 207-208):

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

[...]

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmitta
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia

Era a noite do patrão
 Que sua imensa fadiga
 Era amiga do patrão
 [...]

4.1.5 Não há Vagas

No livro *Filosofia*, destinado ao Ensino Médio, sobre pensar filosoficamente, nos ensina o professor Gallo (2016, p. 13): “Pensar filosoficamente é, portanto, trabalhar sobre os mais diversos problemas e situações ‘partindo do zero’, ou seja, sem aceitar automaticamente os conhecimentos recebidos.”. Por isso, trazemos para esse escrito os versos que transcrevemos abaixo, em que o poeta trata da vida real em contradição àquilo que alguns pretendem que seja a arte poética: uma idealização, deslocada da realidade vivenciada pelas pessoas. De início, o poeta já rompe com essa concepção e ousa falar das preocupações das pessoas comuns: o preço da sobrevivência, exemplificado na alimentação, nos impostos, nos serviços, essas preocupações econômicas vividas e vivenciadas pelas pessoas em qualquer parte do planeta. O poeta, assim, recusa-se a aceitar a ideia de ser a poesia desvinculada da realidade humana, criticando, com ironia fina, aos que pensam só caber no poema “o homem sem estômago, a mulher de nuvens e a fruta sem preço”, ou seja, total irrealidade. Qualquer leitor que se deparar com essa poesia, estará diante de um processo de transformação de si mesmo e do mundo, estando, portanto, no caminho da filosofia, levado pela poesia de Ferreira Gullar (2008, p. 149-150):

NÃO HÁ VAGAS

O preço do feijão
 não cabe no poema. O preço
 do arroz
 não cabe no poema.
 Não cabem no poema o gás
 a luz o telefone
 a sonegação
 do leite
 da carne
 do açúcar
 do pão.

O funcionário público
 não cabe no poema
 com seu salário de fome
 sua vida fechada

em arquivos.
 Como não cabe no poema
 o operário
 que esmerila seu dia de aço
 e carvão nas oficinas escuras

--- porque o poema, senhores,
 Está fechado:
 “não há vagas”
 Só cabe no poema
 o homem sem estômago
 a mulher de nuvens
 a fruta sem preço

O poema, senhores
 não fede
 nem cheira

Ficaremos nesses cinco exemplos de autores nacionais porquanto pensamos ser suficiente para demonstrar a relação estreita entre a poesia e a filosofia, embora não desconheçamos tratar-se de cinco de nossos maiores poetas e que, por isso, alguém poderia argumentar serem homens de vasta cultura e daí, dizer que não serviriam como exemplo. Claro que a argumentação seria injusta, porque o que se pretende demonstrar que temas e problemas filosóficos podem ser encontrados na poesia.

4.1.6 Bom Conselho

Contudo, também na poesia popular, é possível identificar esses temas e problemas filosóficos, conforme se pode perceber, nos versos de Bom Conselho, em que o autor brinca com os ditados populares, invertendo-os, num movimento dialético de contradição. A inversão dos ditados estabelecida pelo poeta é proposital, pretendendo demonstrar que os ditados estão sempre voltados para o imobilismo do indivíduo e, contrariando e invertendo a lógica proposta, o poeta demonstra a intenção existente por trás dos ditados, apontando-nos o caminho da ação, e desfazendo a ideia de ser perigoso semear vento, canta “Eu semeio vento/ Na minha cidade/Vou pra rua e bebo a tempestade”, por isso, aceitando o conselho, incorporamos ao texto os versos de Chico Buarque de Hollanda (1980):

BOM CONSELHO
 Ouça um bom conselho,
 Que lhe dou de graça
 Inútil dormir que a dor não passa
 Espere sentado,

Ou você se cansa
Está provado quem espera nunca alcança

[...]

Faça o que eu digo
Faça o que eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe

[...]

4.1.7 Filosofia

Também é possível perceber esses e problemas filosóficos, no texto apropriadamente chamado de Filosofia, onde os autores apresentam uma afirmação do indivíduo frente à sociedade, à moralidade constituída, transgredindo essa moral, denunciando claramente a existência de classes sociais antagônicas e pregando a subversão da ordem. O texto é claramente existencialista, porquanto descreva a condição de um indivíduo que faz suas escolhas e assume integralmente a responsabilidade pelas escolhas feitas, tendo compreensão perfeita de sua condição de indivíduo não abrindo mão disso em qualquer circunstância, porque tem um projeto individual com ampliação para a humanidade, sendo indiferente a todos e a tudo que possa representear um obstáculo a essa proposta que, como dissemos anteriormente, fundamenta-se em uma filosofia. Recolhemos junto a João Antônio poesia de filosofia, construída em parceria com André Filho, por Noel Rosa (1982, p.70):

FILOSOFIA

O mundo me condena
E ninguém tem pena,
Falando sempre mal do meu nome.
Deixando de saber
Se eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome

Mas a filosofia
Hoje me auxilia
A viver indiferente assim,
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico,
Pra ninguém zombar de mim.

Não me incomodo
 Que você me diga
 Que a sociedade é minha inimiga.
 Vou vivendo neste mundo
 Sendo escravo do meu samba,
 Muito embora vagabundo

Quanto a você
 Que é da aristocracia,
 Que tem dinheiro,
 Mas não compra alegria,
 Há de viver eternamente
 Sendo escravo dessa gente
 Que cultiva hipocrisia.

Note-se que, para além da crítica localizada, contra a marginalização do artista popular, o poeta se insurge contra a diferença de tratamento existente entre os homens pobres e àqueles que têm dinheiro, os aristocratas, reforçando a denúncia à desigualdade social.

4.1.8 Filosofia do Samba

Em comentário sobre o objeto da filosofia, declara Morra (2001, p.12): “A filosofia é [...] um modo diverso e inconfundível de entrar em contato com a experiência, é uma tentativa de ultrapassar a experiência imediata, para colher algo de maior e mais profundo”. Pois quer nos parecer que outro importante poeta popular faz a tentativa de ultrapassar a experiência imediata quando afirma que “cego é quem vê somente aonde a vista alcança”. É possível que o poeta não tenha condições teóricas para demonstrar isso, mas, de qualquer forma, consegue perceber que a realidade, muitas vezes, está muito além daquilo que pode ser percebido pela visão.

Na obra *Que é a Literatura?*, falando sobre os poetas e da relação destes com as palavras, afirma Sartre (2004, p. 18): “[...] o poeta, [...] quando vaza suas paixões em seu poema, deixa de reconhecê-las; as palavras se apoderam delas [...]; não as significam, mesmo aos seus olhos.” O poeta percebe e comunica a pobreza existente nas palavras e da dificuldade existentes nelas para expressar com fidelidade o sentimento poético ao observar que “Mudo é quem só se comunica com palavras” jogando, por isso, seu dicionário fora. Vamos encontrar na filosofia antiga, em Heráclito (Fragmento 8): “Tudo se faz por contraste; da luta do contrário nasce a mais bela das harmonias.”. O poeta, com perfeita intuição, traz para o samba a síntese dessa contradição filosófica e a manifesta em verso, observando: “Pois a

razão/ Está sempre com os dois lados”. É por isso que a poesia pode se chamar, apropriadamente, por Candeia (1971):

FILOSOFIA DO SAMBA

Mora na filosofia
Morou, Maria!
Morou, Maria?
Morou, Maria!

Pra cantar samba
Não preciso de razão
Pois a razão
Está sempre com os dois lados

Amor é tema tão falado
Mas ninguém seguiu
Nem cumpriu a grande lei
Cada qual ama a si próprio
Liberdade e Igualdade
Aonde estão não sei

Mora na filosofia
Morou, Maria!
Morou, Maria?
Morou, Maria!

Pra cantar samba
Veja o tema na lembrança
Cego é quem vê só aonde a vista alcança
Mandei meu dicionário às favas
Mudo é quem só se comunica com palavras
Se o dia nasce, renasce o samba
Se o dia morre, revive o samba

CAPÍTULO II

Na primeira parte apresentamos a relação entre filosofia e poesia, para fazer a defesa da necessidade de utilização de outros gêneros textuais para melhorar a compreensão das aulas de filosofia no Ensino Médio. Neste capítulo, fazemos essa mesma defesa, com uso exclusivo da arte poética de Paulo César Batista de Faria ou simplesmente Paulinho Viola, nome pelo qual é identificado no mundo artístico e cultural brasileiro. Contudo, antes de fazermos essa relação intertextual da poesia de Paulinho da Viola com a filosofia existencialista, necessário é respondermos duas questões básicas: quem é Paulinho da Viola e por que é a sua poesia que deve ser utilizada nessa relação intertextual.

1 - Quem é Paulinho da Viola?

Quem é Paulo César Batista de Faria, o Paulinho da Viola? Compositor de música popular, brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, membro da ala de compositores da Portela, padrinho da velha guarda da escola, da mesma geração de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Hermínio Belo de Carvalho, Paulo César Pinheiro, Capinan, João Bosco, Aldir Blanc, Gonzaguinha, e, devido ser filho de músico, em cuja casa aconteciam, com frequência, rodas de samba, organizadas por seu pai, Benedicto Cesar Ramos de Faria, pode conviver, também, com músicos de outras épocas, com os quais aprendeu e sofre influência, pois, como lembra André Diniz (2006, p. 124):

A casa do menino Paulo era, portanto o reduto de chorões e sambistas, visto que muitos instrumentistas de choro acabavam tocando com renomados compositores ou cantores de samba. Sua formação de violonista e cavaquinista se deu executando o que há de melhor na linhagem dos dois gêneros.

Conviveu muito próximo ao grande Cartola e fez muitas participações no famoso Zicartola, acompanhando sambista como Nelson Cavaquinho, Ismael Silva, Guilherme de Brito, Carlos Cachaca e Zé Kéti. Foi, fruto desse trabalho de acompanhamento desses sambistas que ganhou seu primeiro cachê, das mãos do próprio Cartola. Como que tendo sido contado pelo próprio Cartola, segundo André Diniz (2006, p.123), Cartola, reconhecendo o esforço de Paulinho da Viola em comparecer às apresentações sem nada receber, teria dado dinheiro a Paulinho da Viola, para pagar sua passagem.

Além disso, passa a frequentar a escola de samba Portela, aonde mais tarde viria a se tornar membro da ala de compositores e, neste ambiente de pura musicalidade, convive com importantes compositores como Chico Santana, Alcides Dias Lopes, Ventura, Aniceto, Alberto Lonato, Monarco, Mijinha, Vicentina, Iara, Armando Santos, Cláudio, Antônio Caetano, João da Gente, Manacéia, Candeia, entre outros. Com esses irmãos de samba aprendeu a amar e sofrer pela Portela. Aliás, há um caso curioso sobre a música mais popular deste compositor, que se tornou um hino da escola, *Foi um rio que passou em minha vida*, sendo importante trazer este fato, contado por André Diniz (2006, p.123):

Esse samba redimiu uma certa 'boa mágoa' que a escola guardou de seu ilustre compositor. Tudo ocorreu porque o poeta Hermínio Bello de Carvalho, que apresentou Paulinho ao grupo do Zicartola e acabou por se tornar seu amigo e parceiro, pediu a Paulinho que colocasse melodia em uma poesia que havia feito para sua escola do coração, a Mangueira. Letra de Hermínio, música de Paulinho, uma pitada de sentimento e inspiração, só poderia ter dado na criação de um verdadeiro poema da Verde-e-rosa, "Sei lá, Mangueira". O pessoal de Oswaldo Cruz ficou com ciúmes, e Paulinho se redimiu ao compor o belo samba que se tornou um clássico portelense.

O compositor tornou-se tão importante na Portela que acabou sendo padrinho da velha guarda, acontecendo aí, um fato curioso, que extrapola o âmbito da escola: sendo Paulinho da Viola padrinho, em vez dos afilhados pedirem à benção a ele, ele, Paulinho da Viola é que pede à benção aos afilhados. O episódio ilustra o respeito de Paulinho da Viola pelos integrantes de velha guarda, demonstrando, também, a simplicidade e falta de vaidade do compositor, aspectos que foram lembrados num samba exaltação, de autoria de Monarco e Francisco Santana, com a aprovação de toda velha guarda, a Paulinho da Viola e ao outro Paulo, o lendário Paulo da Portela, fundador da escola, sendo os dois imortalizados no samba de Paulo da Portela a Paulinho da Viola:

DE PAULO A PAULINHO (Monarco / Francisco Santana, 1974)

Antigamente era Paulo da Portela
 Agora é Paulinho da Viola
 {bis}
 Paulo da Portela, nosso professor
 Paulinho da Viola, o seu sucessor
 Vejam que coisa tão bela
 O passado e o presente
 Da nossa querida Portela
 {bis}

Paulo, com sua voz comovente
 Cantava, ensinando a gente
 Com pureza e prazer
 O seu sucessor na mesma trilha
 É razão que hoje brilha
 Vaidade nele não se vê
 Ó Deus
 Conservai esse menino
 Que a Portela do Seu Natalino
 Saúda com amor e paz
 Quem manda um abraço é Rufino
 Pois Candeia e Picolino
 Lhe desejam muito mais.

É esse artista popular brasileiro que vive dizendo que seu tempo é hoje, mais que se encontra eternamente ligado entre as tradições do samba, a ponto de um dia ter reclamado: “Tá legal/ Eu aceito o argumento/ Mas não altere o samba, tanto assim” (Argumento, 1975) e o futuro, a ponto de ter dito: “Tudo bem, eu vou indo/ Pegar meu lugar no futuro/ E você?” (Sinal Fechado, 1969), que faz dele um alguém diferente, único, singular e aqui nos socorremos, mais uma vez das palavras bem colocadas de André Diniz (2006, p. 124):

É aí que entra a diferença da obra de Paulinho. Ele bebe na tradição da musicalidade carioca, mas se manteve sempre antenado às novidades de seu tempo, um mundo pós-bossa nova e tropicalista. Ouve música clássica, jazz, canção sertaneja, Tom Jobim. Sua harmonia é requintada, ao passo que suas letras aproximam-se da poesia moderna. Parece mesmo que usa a paciência e a disciplina adquiridas no hábito de marceneiro para construir cada pedacinho de sua música. O som dos choros e dos sambas que compõem a obra de Paulinho é dos mais vultosos das últimas décadas.

Essas informações careceriam, contudo, de uma palavra mais apropriada, caso não trouxéssemos para esse escrito, fatos que digam respeito à vida pessoal e profissional do artista, por isso buscamos alguns acontecimentos que possam dizer de sua importância para a cultura e, em especial, para música popular brasileira, entendendo que esse registro tem por finalidade ressaltar aspectos relevantes, estabelecidos a partir de uma sequência cronológica de identificação dos fatos, não tendo, contudo, a pretensão de uma biografia, mas, apenas e tão somente elencar passagens significativas da trajetória do artista, possibilitando, com isso, que os leitores possam ter uma visão, ainda que parcial, de seu trabalho e de sua carreira de músico e compositor da música popular brasileira.

O homem nasce Paulo César Batista de Faria, em 12 de novembro de 1942, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, filho do grande violonista do famoso grupo Época de Ouro, Benedito César Ramos de Faria. O nome artístico, Paulinho

da Viola, surge em 1965, e é atribuído a Sérgio Cabral, jornalista e homem de cultura do Rio de Janeiro.

Chega ao Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela em 1964, ano em que entra para a ala de compositores. O primeiro samba apresentado na escola foi *Recado*, que só tinha a primeira parte. Em 1966 escreve o samba enredo *Memórias de um Sargento de Milícia*, que a escola leva para a avenida, sagrando-se campeã do carnaval carioca e o samba recebe nota máxima dos jurados. Sua trajetória de portelense chega ao auge em 1970, quando lança *Foi um rio que passou em minha vida*, hino de amor à Portela, que se transforma em seu maior sucesso, sendo uma das músicas mais conhecidas no cancionário popular brasileiro. Em 1969 vence o último festival de música da TV Record, com a música *Sinal Fechado*, outra obra prima do espetacular compositor. Em 1997 o disco *Bebadosamba* foi o recordista do prêmio Sharp.

Com vinte discos gravados e com participações em outros quatros, tendo mais de duzentas composições, muitas são as listas que podem ser feitas com as suas melhores músicas, dependendo claro, de quem estiver fazendo a seleção. De nossa parte, elegemos como melhores as que apresentamos para trabalhar a intertextualidade com a filosofia existencialista. Ressaltamos, entretanto, que a escolha teve como critério ser a música de autoria apenas do próprio Paulinho da Viola. Lembramos, também, que foi incluída a composição *Sinal Fechado*, que não consta da seleção da intertextualidade. Tentando afastar-se de simples listagem e buscando um efeito estético, criamos um texto a partir dos próprios títulos das músicas, conforme apresentamos abaixo:

Quem já passou dos **14 Anos**, sem ter tido um **Sinal Fechado**, sem nunca ter andado pelas ruas **Comprimido**, **Roendo as Unhas**, disposto **Perder e Ganhar**, não tendo parado **Para ver as Meninas** e sem conhecer a história de **Dona Santina e seu Antenor**, não pode declarar **Amor à Natureza**, não pode dizer à mulher amada: **Para não Contrariar Você**, renuncio às **Coisas do Mundo**, **Minha Nega**, porque você **Foi um Rio que Passou em Minha Vida** (FONTE: Próprio Autor, 2020).

2. Por Que Paulinho Da Viola?

Por que Paulinho da Viola? Para responder a esta pergunta, temos que observar que: 1. Todo aluno traz para a sala de aula uma cotidianidade que deve ser recepcionada pela escola, e fazer-se presente na sala de aula; 2. Da leitura das poesias apresentadas no início deste capítulo, salta aos olhos que todas tratam de coisas do cotidiano, isso que a escola deve admitir como objeto de conhecimento na

sala de aula. Pois bem, Paulinho da Viola é um artista popular e como tal, tem como tema central de suas composições, o cotidiano vivenciado por si e o cotidiano dos outros pelo autor observado. Numa palavra: Paulinho da Viola é um cronista do cotidiano, um cronista da vida. Essa condição de cronista da vida dá a este extraordinário artista popular a oportunidade de desenvolver a primeira das características filosóficas: a observação. Da observação o artista descreve a cena (problema) e, finalmente, relata esses acontecimentos, quase sempre partindo de uma visão individual, apresentando momentos de escolhas, que são assumidas com integralidade pelo indivíduo, que faz essas escolhas com liberdade individual que, a exemplo de todas as escolhas individuais, são escolhas feitas para a humanidade. Esse desenvolvimento todo aproxima o compositor da filosofia, particularmente da filosofia existencialista, oportunizando a utilização de sua poesia na relação intertextual com o existencialismo que é, no nosso caso, a base do desenvolvimento de nosso trabalho. Essa estreita relação entre a poesia do poeta Paulinho da Viola e a filosofia existencialista, será demonstrada quando da apresentação de como pode ser feito isso pelos professores do Ensino Médio na sala de aula.

Por que é possível dizer ser Paulinho da Viola um cronista do cotidiano? Quando dizemos ser Paulinho da Viola um cronista do cotidiano, estamos nos referindo ao fato de que suas composições são carregadas de imagens retiradas de suas vivências e convivências com as pessoas simples das comunidades que frequenta, onde, muitas vezes, a espontaneidade, a sinceridade faz com que os dramas, as alegrias, as tristezas, os sentimentos apresentem-se de forma realística, sem retoques ou máscaras. Atento às coisas que o rodeiam, escreveu um samba, do qual citamos trecho, chamado *Rumo dos Ventos*, em que sintetiza a necessidade de criar observando as mudanças e os movimentos sem, contudo, perder a tradição:

RUMOS DOS VENTOS (Paulinho da Viola, 1982)

A toda hora rola uma história
 Que é preciso estar atento
 A todo instante rola um movimento
 Que muda o rumo dos ventos
 Quem sabe remar não estranha
 Vem chegando a luz de um novo dia
 O jeito é criar um outro samba
 Sem rasgar a velha fantasia
 [...]

Este olhar atento pode está voltado, por exemplo, para um velório, sem perder de vista que ali, embora se chore a morte, pode ser palco de inusitados acontecimentos, considerando que a vida permanece presente nos outros, e que, por ser vida, carrega todo drama, toda comicidade, todo ridículo, próprios dos mortais, e que podem se manifestar, mesmo nessas horas de consternação. É por isso que o autor pode descrever, assim, *O Velório do Heitor*:

O VELÓRIO DO HEITOR (Paulinho da Viola, 1976)

Havia um certo respeito
 No velório do Heitor
 Muita gente concordava
 Que apesar de catimbeiro
 Era bom trabalhador
 Houve choro e ladainha
 Na sala e no corredor
 E por ser considerado
 Seu desaparecimento
 Muita tristeza causou

Quem mais sentiu foi Nair
 Que falava das virtudes do Heitor
 E pelos cantos da memória procurava
 Todo tempo
 Em que ao seu lado caminhou
 Os amigos mais chegados comentavam
 Que não houvera
 Outro cara tão legal
 E muita gente concordou em ajudar
 Uma família que ficara
 Num desamparo total

Pode-se dizer que aquele velório
 Transcorreu na maior tranquilidade
 Até o momento
 Em que surgiu aquela dama de preto
 Trazendo flores
 E chorando de saudade
 Como ninguém conhecia a personagem
 Nair foi tomar satisfação
 E aí chamaram até o Osório
 Que é delegado porque o velório
 Virou a maior confusão
 Porque simplesmente o velório
 Virou a maior confusão

Certo de que a toda hora rola uma história, conhecendo os acontecimentos de uma famosa ladeira, o poeta recolhe esses fatos, alinhava esses pedaços de vida, constrói uma cantiga, dando nome aos personagens, dizendo dos acontecidos, que, como numa película, nos permite ver as cenas, às vezes engraçadas, às vezes

ridículas, dependendo, claro, do ponto de vista, cenas, no entanto, que revelam o lado humano, de qualquer cidadão, que enfrenta *A Ladeira do Chapelão*:

LADEIRA DO CHAPELÃO (Paulinho da Viola, 1981)

Parece que ela não conhecia
A ladeira do Morro do Chapelão
Se ralou vai arder
Se ralou vai arder
Se ralou vai arder
Meu coração

Dizem que dona Maria
Uma senhora de respeito
Escorregou na ladeira
E ficou daquele jeito
Um valente que eu conheço
No Morro considerado
Quando falam da ladeira
Dá tiro pra todo lado
E fica invocado

Me disseram que a Tereza
Que gosta desse pagode
Se ralou lá na ladeira
E com ela ninguém pode
Tem um moço lá no Morro
De cabelo cacheado
Quando passa na ladeira
Diz que fica arrepiado
É muito engraçado

Eu sei que tem muita gente
Que não larga o Chapelão
Onde o samba é muito quente
Mas dá muita confusão
Se você tá curioso
Pra saber desse lugar
Pergunta pra aquele moço
Que ele não sai de lá

O olhar crítico do poeta não poderia ficar indiferente ao drama vivido por muitos neste país: a falta de dinheiro para alimentar a si e aos seus. Sendo um drama, o tema vira samba e desfila toda a peripécia de quem passa por essa situação difícil e que tenta, por todos os meios, encontrar uma saída: pedir dinheiro emprestado, tentar comprar fiado, apostar no cavalo, tudo porque o salário desapareceu. E este samba sincopado, o drama de milhões revela, na cidade e na favela, de gente que todo dia, só *Pode Guardar as Panelas* e dormir de barriga vazia, porque, de novo, o dinheiro não deu.

PODE GUARDAR AS PANELAS (Paulinho da Viola, 1979)

Você sabe que a maré

Não está moleza não
 E quem não fica dormindo de touca
 Já sabe da situação
 Eu sei que dói no coração
 Falar do jeito que falei
 Dizer que o pior aconteceu
 Pode guardar as panelas
 Que hoje o dinheiro não deu

Dei pinote adoidado
 Pedindo emprestado e ninguém emprestou
 Fui no seu Malaquias
 Querendo fiado, mas ele negou
 Meu ordenado apertado, coitado, engraçado
 Desapareceu
 Fui apelar pro cavalo, joguei na cabeça
 Mas ele não deu

Você sabe que a maré
 Não está moleza não
 E quem não fica dormindo de touca
 Já sabe da situação
 Eu sei que dói no coração
 Falar do jeito que falei
 Dizer que o pior acontece
 Pode guardar as panelas
 Que hoje o dinheiro não deu

Para encher nossa panela, comadre
 Eu não sei como vai ser
 Já corri pra todo lado
 Fiz aquilo que deu pra fazer
 Esperar por um milagre
 Pra ver se resolve essa situação
 Minha fé já balançou
 Eu não quero sofrer outra decepção

Este olhar de poeta atento a tudo é capaz de olhar um drama pessoal de quem ama, mais sem ter dinheiro, enfrenta um problema de ter que contentar a mulher amada. Mas como comunicar isso para o universo das pessoas comuns? Só reinventando a linguagem, onde problema vira bode, fuga vira pinote, e a mudança fica por conta da maré. Dinheiro vira grana e, para rimar, mulher vira cubana, que vira avião. Mas no processo de elevação da cultura, traz para o samba palavra nova, porque não caberia ali uma cirurgia, mas cabe na estética do samba e da mulher a lipoaspiração, coisa que faz pintar um bode.

PINTOU UM BODE (Paulinho da Viola, 1989)

Pintou um bode
 Vou sair no pinote
 E pago a conta quando a maré mudar
 Nunca armei pra ninguém
 Um bote não é meu esporte

Nem mesmo em cima de quem me dá

É que me toquei que preciso de grana
 Para ver a minha cubana
 Que fez lipoaspiração
 Ela me avisou que vai mudar seu guarda-roupa
 Pra desfilarmos no próximo verão
 Já causou com tudo isso
 Um rebuliço entre as outras
 Diz que vai virar um avião
 Finjo acreditar para não haver um bate-boca
 É louca mas mora no meu coração

Contudo, se o tema for mais sério como, por exemplo, a questão racial, que exige engajamento, o poeta e seu olhar, sempre atento, logo faz um samba, ora veja, para falar da arte negra, praticada em uma escola diferente, que deixa a vaidade para lá. Mas o sambista é consciente e traz sempre presente sua origem, sua história. Fazer samba não é problema, para quem é quilombola, quem é quilombola não pode negar, diga o tema e samba sai na hora, porque, ora bolas, com um quilombola não se pode brincar. Sem nenhum favor, na hora de se apresentar, um quilombola não pode se negar.

NÃO POSSO NEGAR (Paulinho da Viola, 1979)

Dizem que não tenho muita coisa pra dizer
 Por isso eu quero, sem favor,
 Me apresentar
 Eu sou de uma escola diferente
 Onde todo mundo sente
 Que vaidade não há
 Em termos de arte negra é comigo
 Faço aquilo que posso fazer
 Samba pra mim não é problema
 Se você me der o tema
 Eu faço samba pra você

Você sabe que eu sou quilombola
 E não posso negar
 Quem não é do pagode
 Comigo não deve brincar
 Deixe de lado essa dor
 Para de me provocar
 E mora no meu coração laiá

Para além de assumir sua condição de quilombola, o poeta denuncia as dificuldades que os negros enfrentam numa sociedade absolutamente hostil aos negros. Cria um personagem chamado Zumbido, para fazer jus ao fato de acharem que havia enlouquecido e também para lembrar o outro, o dos Palmares, porque os dois jogaram pelos ares, as coisas que o mundo sabia, mas silenciava, porque, na aparência, na sociedade cordial, não existe desigualdade racial. Mas Zumbido, com

suas negrises, põe fim na cretinice, e usando a arma que tem, faz um samba engajado, pra todo nego engajar, porque “nego tem é que brigar/ Do jeito que der para se libertar/ E ter direito de ser o que é”

ZUMBIDO (Paulinho da Viola, 1979)

Zumbido, com suas negrises
 Vem há tempo provocando discussão
 Tirou um samba e cantou
 Lá na casa da Dirce outro dia
 Deixando muita gente de queixo no chão
 E logo correu que ele havia enlouquecido
 Falando de coisas que o mundo sabia
 Mas ninguém queria meter a colher
 O samba falava que o nego tem é que brigar
 Do jeito que der pra se libertar
 E ter o direito de ser o que é

Moleque vivido e sofrido
 Não tem mais ilusão
 Anda muito visado
 Por não aceitar esta situação
 Guarda com todo cuidado
 E pode mostrar a vocês
 As marcas deixadas no peito
 Que o tempo não quis remover
 Zumbido é negro de fato
 Abriu seu espaço
 Não foi desacato a troco de nada
 Só disse a verdade sem nada temer

O poeta trata do amor, de um homem por uma mulher, amor humano, que tem alegria, dor, tristeza e desengano e que, por vezes, tem separação, tem perdas e ganhos, porque o amor é assim, entre os humanos. Mas no poeta o amor e sua perda são coisas refletidas, podendo haver brigas, dizer coisas para depois se arrepender. Nem é bom falar. Uma coisa só é proibida: obrigar. No amor, obrigar jamais. Perder faz parte do jogo e quem joga tem que saber jogar. No amor humano, a perda traz tristezas, mas abre uma esperança de um novo amor encontrar. No amor humano há que saber perder, há que saber ganhar.

PERDER E GANHAR (Paulinho da Viola, 1971)

Perdi mais uma vez
 Agora quero prosseguir em paz
 Tanto que falei, lutei
 Mas obrigar jamais
 Fazer o que eu fiz
 Nem adianta contar
 Tudo de bom pra você
 Eu desejo porque

Sei perder e ganhar
 Felicidade há de voltar para mim
 Vou me livrar da tristeza
 Com toda certeza
 Um dia ela pode ter fim

Essa consciência manifestada na perda de um amor e compreender isso como sendo parte da regra do jogo, acompanha o poeta no momento de lamentar o afastamento de alguém que conhece de tempos, mas, devido à vida corrida, característica da modernidade, não se veem e que, ao se reencontrarem em meio ao trânsito, tentam comunicar, um ao outro, essa necessidade de encontrar, para falar das coisas, de si, da saudade, mas o tempo é implacável, a pressa, o futuro, não permitem às pessoas a possibilidade desse encontro. Então, no meio da rua, com palavras entrecortadas, tentam, desesperadamente, no instante fugaz do sinal fechado, um diálogo de promessas, de desejos, de planos para um encontro, que fenecem, destruindo as intenções da reaproximação. A perda da relação é uma marca da sociedade humana, o progresso cobra o seu preço, tendo como resultado a solidão na multidão. É a regra do jogo. Há tanta coisa para dizer, talvez o telefone possa diminuir a distância e preencher o vazio que cada um carrega dentro si, o vazio como consequência da ausência do outro, esse outro, que agora diante do outro, fez ressurgir a vontade de voltar no tempo. Por que temos que encontrar alguém que nos lembra um tempo que não volta e que não deve voltar, porquanto isso representaria uma quebra perigosa do comportamento social exigido: cada um com seu vazio, mas aguentando o tranco. O sinal vai abrir! Adeus! O poeta registra um tempo difícil, e, na memória e no sentimento, esse *sinal fechado*.

SINAL FECHADO (Paulinho da Viola, 1969)

Olá, como vai?
 Eu vou indo, e você, tudo bem?
 Tudo bem, eu vou indo correndo
 Pegar meu lugar no futuro, e você?
 Tudo bem, eu vou indo em busca
 De um sono tranquilo, quem sabe?
 Quanto tempo...
 Pois é, quanto tempo...
 Me perdoe a pressa
 É a alma dos nossos negócios...
 Oh, não tem de quê
 Eu também só ando a cem
 Quando é que você telefona?
 Precisamos nos ver por aí
 Pra semana, prometo,
 Talvez nos vejamos, quem sabe?

Quanto tempo...
 Pois é, quanto tempo...

Tanta coisa que eu tinha a dizer
 Mas eu sumi na poeira das ruas
 Eu também tenho algo a dizer
 Mas me foge a lembrança
 Por favor, telefone, eu preciso beber
 Alguma coisa rapidamente
 Pra semana...
 O sinal...
 Eu procuro você...
 Vai abrir! vai abrir!
 Prometo, não esqueço
 Por favor, não esqueça
 Não esqueço, não esqueço
 Adeus....

O poeta também é mordaz, mas a crítica que ele faz é sempre revestida de ironia. Assim, para contar a história de um cara falador, na linguagem popular chamado de fofqueiro, utiliza palavras engraçadas, por vezes cifradas, com sentido escondido, porque, acima de tudo, o poeta é polido. É polido até demais, sorte a do rapaz, cujo nome, por isso, não revela. Pensamos na verdade, que dizer o nome seria dar cartaz, a quem não é merecedor. O importante mesmo é ter o fato narrado, pois quem sabe tá ligado, porque como diz o velho ditado: para o bom entendedor meia palavra basta. Não se deve gastar vela com pouco defunto, é assim com cara chato, que faz com que um assunto até legal se torne um *papo furado*.

PAPO FURADO (Paulinho da Viola, 1970)

Existe lá perto de casa um cara
 Seu nome eu não quero dizer
 Que tem a mania muito devagar
 De correr e contar
 Tudo aquilo que ouve e que vê
 Mas a moçada já sabe de tudo
 Quando ele chega e quer ficar ligado
 Às vezes um papo que era legal
 Tem até que ficar furado

De tudo, o mais extraordinário na obra de Paulinho da Viola é que esta é uma construção humana, desprovida de crendices, crenças, misticismo e sobrenatural, o que possibilita fazer uma leitura existencial, de sua obra que, por sua vez, pode ser o gatilho necessário para despertar nos alunos do Ensino Médio, o interesse pela descoberta do mundo e das coisas que estão no mundo porque,

como diz o próprio poeta, em *Coisas do mundo*, minha *Nega* de 1968: “As coisas estão no mundo/ Só que eu preciso aprender”.

Mas qual é o tempo deste poeta? O poeta, elegendo o tempo presente, responde: “Sem preconceito/ Ou mania de passado” (Argumento, 1975). Contudo, esse tempo presente carrega consigo sempre uma perspectiva de futuro, é o que se pode depreender dos versos seguintes da mesma composição referida: “Sem querer fica do lado/ De quem não quer navegar” (Argumento, 1975). É essa perspectiva de futuro, de projeto, de algo que se lança para frente, que possibilita a leitura existencialista da obra do artista. Não, esse se lançar para o futuro não é uma mera casualidade. Esse se lançar para o futuro é recorrente na obra do poeta. Senão vejamos: “Tudo bem, eu vou indo correndo/Pegar meu lugar no futuro, e você?” (*Sinal Fechado*, 1969); “Uma semente atirada/ Num solo tão fértil não deve morrer” (*Amor à Natureza*, 1975); “Vou me livrar da tristeza/ Com toda certeza/ Um dia ela pode ter fim” (*Perder e Ganhar*, 1971); “Quando eu penso no futuro/ Não esqueço meu passado” (*Dança da Solidão*, 1972); “Posso até fazer quem sabe um dia/ Um samba só de alegria/Pra dedicar a você” (*Sol e Pedra*, 1971); “Que voltarei depressa/Tão logo à noite acabe/Tão logo esse tempo passe” (*Para um amor no Recife*, 1971); “Mesmo sem alegria/Procurando alguém/Que me faça feliz um dia” (*Mesmo sem alegria*, 1970); ou, como em *O Carnaval Acabou* (1976):

Um grande sofrimento
Durante muito tempo
Roubou a minha paz
O carnaval que ela fez acabou
E hoje eu juro nunca mais

Os primeiros filósofos buscavam na natureza um elemento que explicasse a origem das coisas, um princípio universal do qual todas as coisas seriam derivadas. Esses filósofos recebem muitas designações sendo, contudo, usualmente chamados de filósofos pré-socráticos, expressão que marca diferenças, de ordem cronológica e de objeto de preocupação de pensamento entre estes filósofos e Sócrates. No que diz respeito à cronologia os pré-socráticos se situam antes de Sócrates. Em relação ao objeto de pensamento, como já afirmado anteriormente, os pré-socráticos estavam preocupados com a natureza, o mundo físico enquanto Sócrates, por sua vez, procura trazer, como explica Vita (1968, p.18): “[...] a formulação do problema filosófico como questão essencialmente antropológica (do homem) [...]”. Dentre os

filósofos pré-socráticos, Tales, pensava que a água seria o princípio de todas as coisas.

Aproximando-se dessa concepção filosófica, a água é um elemento presente e de grande influência no trabalho do poeta, podendo, metaforicamente, significar o andamento da vida: “Só existe a gente mesmo/ Levando um barco pesado/Apesar do agitado mar” (Rumo dos Ventos, 1982); o amor arrebatador que o envolve plenamente: “Foi um rio que passou em minha vida/ E meu coração se deixou levar” (Foi um Rio que Passou em Minha Vida, 1970); a prudência reclamada diante de um momento delicado e perigoso: “Faça como o velho marinheiro/Que durante o nevoeiro/ Leva o barco devagar” (Argumento, 1975); para expressar o devaneio comparado ao conhecimento: “Sonhando um mar que não conheço/Como não conheço as ondas do meu coração” (Cidade Submersa, 1973).

De onde, contudo, o poeta retira os elementos com os quais cria as suas composições, a sua arte? Retira-os do mundo, mundo físico, onde as coisas acontecem e o poeta experimenta, nessa relação, todos os sentimentos, matéria primordial para a transformação da realidade vivida, experimentada em suas composições, que traduzem essa realidade, mas agora passada pelo crivo e elaboração da sensibilidade, pois, como ensina o filósofo Gallo (2016, p.56):

Ao relacionar-se como o mundo, assim como qualquer pessoa, o artista experimenta sensações boas ou ruins, que o afetam, o mobilizam, deixam nele uma marca. Mas, diferentemente daqueles que não são artistas, ele é capaz de transformar as percepções e os sentimentos em algo – uma música, uma pintura, uma escultura, um poema ou outra obra de arte- que condensa este estado.

O mundo do poeta, o mundo da sensibilidade, representa para a criação, um mundo separado, isolado, de recolhimento, de individualidade, instante necessário para que o processo criativo tenha lugar e possibilite o surgimento, o nascimento, da produção da arte, é um chamamento, como o próprio Paulinho da Viola faz na poesia *Beba do Samba*, onde chama por seus irmãos de samba. Esse recolhimento, esse isolamento, necessário para a criação, desaparece ao final do processo. É o que nos ensina, com poesia e rima o próprio poeta na poesia *Quando bate uma Saudade*:

QUANDO BATE UMA SAUDADE (Paulinho da Viola, 1989)

Vem
Quando bate uma saudade
Triste

Carregada de emoção
 Ou aflito quando um beijo já não arde
 No reverso inevitável da paixão
 Quase sempre um coração amargurado
 Pelo desprezo de alguém
 É tocando pelas cordas de uma viola
 É assim que o samba vem

Quando o poeta se encontra
 Sozinho num canto qualquer do seu mundo
 Vibram acordes, surgem imagens
 Soam palavras, formam-se frases
 Mágoas
 Tudo passa com o tempo
 Lágrimas
 São as pedras preciosas da ilusão
 Quando surge a luz da criação no pensamento
 Ele trata com ternura o sofrimento
 E afasta a solidão

Assim é que o poeta recolhe no mundo as informações que transforma em arte, transforma em música, mas sempre uma relação entre os acontecimentos e a vida das pessoas, proporcionando com suas poesias, reflexões sobre os problemas que nos ocorrem cotidianamente, oferecendo para essas dificuldades soluções em forma de samba, fonte em que bebe e, reverenciando “um mestre do verso”, nos convida a beber:

BEBA DO SAMBA (Paulinho da Viola, 1996)

Um mestre do verso, de olhar destemido,
 disse uma vez, com certa ironia :
 "Se lágrima fosse de pedra
 eu choraria"
 Mas eu, Boca, como sempre perdido
 Bêbado de sambas e tantos sonhos
 Choro a lágrima comum,
 Que todos choram
 Embora não tenha, nessas horas,
 Saudade do passado, remorso
 Ou mágoas menores
 Meu choro, Boca,
 Dolente, por questão de estilo,
 É chula quase raiada
 Solo espontâneo e rude
 De um samba nunca terminado
 Um rio de murmúrios da memória
 De meus olhos, e quando aflora
 Serve, antes de tudo,
 Para aliviar o peso das palavras
 Que ninguém é de pedra
 Bebedosamba, bebedosamba
 Bebedosamba, bebedosamba
 Meu bem
 Bebedosamba, bebedosamba
 Bebedosamba, bebedosamba

Bebadosamba, bebadosamba
Também

Boca negra e rosa
Debochada e torta
Riso de cabrocha
Generosa
Beijo de paixão

Coração partido
Verso de improviso
Beba do martírio
Desta vida
Pelo coração

Nesta fonte do samba em que bebe e aí recolhe os elementos de sua arte, o poeta tem muitos mestres aos quais recorre com humildade de aprendiz, mas, chamando-os carinhosamente de “irmãos de samba”, invoca-os, numa homenagem que dialoga com outras composições de igual magnitude como *Samba da Benção* de Vinícius De Moraes E Baden Pauer (1967) e *Para Todos* de Chico Buarque (1993):

Beba da chama (chamamento)
Chama que o samba semeia
A luz de sua chama
A paixão vertendo ondas
Velhos mantras de aruanda
Chama por Cartola, chama
Por Candeia
Chama Paulo da Portela, chama,
Ventura, João da Gente e Claudionor
Chama por mano Heitor, chama
Ismael, Noel e Sinhô
Chama Pixinguinha, chama,
Donga e João da Baiana
Chama por Nonô
Chama Cyro Monteiro
Wilson e Geraldo Pereira
Monsueto, Zé com fome e Padeirinho
Chama Nelson Cavaquinho
Chama Ataulfo
Chama por Bide e Marçal
Chama, chama, chama
Buci, Raul e Arnô Cabegal
Chama por mestre Marçal
Silas, Osório e Aniceto
Chama mano Décio
Chama meu compadre Mauro Duarte
Jorge Mexeu e Geraldo Babão
Chama Alvaiade, Manacéa
E Chico Santana
E outros irmãos de samba
Chama, chama, chama
Beba do samba, beba do samba
Beba do samba, beba do samba

Meu bem
 Beba do samba, beba do samba
 Beba do samba, beba do samba
 Beba do samba, beba da chama
 Também

Esse dialogar entre os artistas por intermédio de sua arte, ultrapassa as fronteiras geográficas e os limites da própria arte, sendo possível, assim, encontrar esse diálogo entre Paulinho da Viola e o poeta português Luiz de Camões (2017, p. 23), que disse, num poema, “O amor é fogo que arde sem se ver/ É ferida que dói e não se sente”. Pois bem, de sua feita, Paulinho da Viola, também comparando o amor ao fogo, diz: “Amanheceu e o sol reforçou/ Aquele fogo queimando em meu peito” (O TEMPO NÃO APAGOU, 1983). Depois, tratando o amor como ferida, o mesmo Paulinho da Viola, em outro samba, canta: “Quero fechar a ferida/Quero estancar o sangue” (PARA UM AMOR NO RECIFE, 1971).

Sobre a condição da poesia de Paulinho da Viola retratar o cotidiano, recolhemos esse depoimento de Negreiros (2011, p.17): “Paulinho, em sua obra, [...] Tem samba de louvor à vida, [...] sambas que são pequenas crônicas do cotidiano, sambas bem-humorados.”. E recolhemos das palavras da citada autora, “sambas bem-humorados”, outra característica que aproxima Paulinho do existencialismo. Sartre (1987, p.3), ao defender o existencialismo de uma série de críticas que lhes foram feitas, afirma ser o existencialismo uma doutrina otimista, diz Sartre (1987, p.15):

Creio que respondemos, assim, a algumas críticas feitas ao existencialismo. Vimos, portanto, que ele não pode ser considerado como uma filosofia do quietismo, já que define o homem pela ação; nem como uma descrição pessimista do homem: não existe doutrina mais otimista, [...].

Sobre a possibilidade de tratar de temas e problemas em sua arte, apesar de não ser filósofo, apesar de que quando cria a sua arte não esteja buscando fazer um tratado de filosofia ou discutir conceitualmente um problema da vida, da existência ou de qualquer outro tema afeito à filosofia, a arte que produz, nos coloca em contato com esses temas e problemas discutidos pelos filósofos e, a esse respeito, recolhemos, também de Negreiros (2011, p.59), essa lição:

Em Num Samba Curto vamos encontrar um tema recorrente na obra de Paulinho da Viola: a relação entre o samba e a vida. E, se quisermos ampliar ainda um pouco mais esta questão que já é tão ampla, a relação entre a arte e a vida. A arte é espelho da vida? A arte pode explicar a vida? E a vida, pode explicar a arte? A arte é transcendência da vida? Ou é a vida

que transcende a arte? A arte abre novos caminhos na vida? Ou é a vida que escapa à tentativa da arte de captá-la? Longe de sua intenção e da minha dar alguma resposta a estas questões: Paulinho é poeta e não filósofo ou, se o considerarmos filósofo, estaremos entendendo por filosofia uma atitude reflexiva. Paulinho não vai construir uma teoria a respeito da vida e da arte. Mas ele toca neste tema, assim como toca um choro ou um samba no violão: com mestria, com beleza, com alma.

Contudo, queremos dizer alguma coisa além do dito pela autora. Sim, Paulinho da Viola não é filósofo, mas, não há como negar, existe em suas composições temas e problemas filosóficos que são aí expressados e, se chegam ao poeta pela sensibilidade, são, de qualquer modo, refletidos na criação, na sua arte. Contudo, nossa discussão não está no âmbito da estética, mas há algo sobre estética que pensamos ser importante incorporar ao presente texto, porquanto tenha sido tido por Sartre (1987, p.18):

[...] perguntamos: alguma vez se acusou um artista que faz um quadro de ele não se inspirar em regras estabelecidas a priori? Alguém, alguma vez, lhe indicou que quadro deveria fazer? É evidente que não existe nenhum quadro definido que deva ser feito; o artista engaja-se na construção do seu quadro e o quadro que deve ser feito é, precisamente, o quadro que ele tiver feito. Sabemos que não existem valores estéticos a priori; contudo, existem valores que se tornam visíveis, posteriormente, na própria coerência do quadro, nas relações que existem entre a vontade de criação e o resultado. Ninguém pode prever como será a pintura de amanhã; não se pode julgar a pintura a não ser que esteja feita. Qual a relação de tudo isso com a moral? Trata-se da mesma situação criadora. Nunca falamos na gratuidade de uma obra de arte. Quando nos referimos a uma tela de Picasso, nunca dizemos que ela é gratuita; compreendemos perfeitamente que ele se construiu a si mesmo, tal qual é, ao mesmo tempo que pintava, que o conjunto de sua obra se incorpora à sua vida.

Como nos é dado a perceber, o artista ao criar a sua obra, também cria a si próprio e esta arte releva valores que são igualmente absorvidos pelo artista e que, a partir desta criação, podemos perceber o engajamento desta arte e deste artista no mundo em que vive, sendo possível perceber, também, quais valores ele defende, quais as lutas em que se engajou, sobretudo, nos planos artístico e social. E quais são os valores refletidos na obra e pelos quais luta Paulinho da Viola?

Na verdade, a pergunta que devemos fazer e buscar responder é: quais as escolhas de Paulinho da Viola? Sim, escolhas, porque suas poesias revelam grande capacidade de compreensão humana, sendo a humanidade a sua primeira escolha. Depois todas as escolhas decorrem naturalmente desta compreensão e seguindo essa orientação, reflete sobre os problemas humanos propondo, em cada caso, uma solução humana.

É essa condição humana que, sem nos afastarmos do tema da intertextualidade, tarefa objeto de nosso esforço acadêmico, nos possibilita falar do possível diálogo entre Paulinho da Viola com o renomado filósofo Schopenhauer. O diálogo se estabelece por via de um samba chamado *Pra Jogar no Oceano* (PAULINHO DA VIOLA, 1981). Neste samba, o poeta, aproveitando a prática muito difundida entre o povo de que se podem mudar as situações difíceis da vida, lavando-se nas águas do mar, pede ao marujo que leve em seu barco o sofrimento e o desengano do artista, para jogar no oceano. Mas é no meio do samba que ocorre o diálogo entre o poeta e o filósofo, pois, contrariando o filósofo, o poeta livra o amor das dores do mundo.

[...]
 Leva de vez a saudade
 E apaga a lembrança do que se perdeu
 Ficando comigo a chama da vida
 Eu canto a esperança que nunca morreu
 Sei qual a minha sentença
 O vento é quem tira a poeira de tudo
 A gente lamenta e depois reconhece
 Que o amor não se acaba nas dores do mundo
 [...]

Por todas essas relações da poesia de Paulinho da Viola com a filosofia, pelas demonstrações incontestes de que a obra do poeta refletem temas e problemas filosóficos, a partir de percepção desses problemas no cotidiano de todas e quaisquer pessoas e da incrível capacidade que o artista possui de buscar resolver esses problemas de perspectivas e ótica humanas, é que, ao nosso pensar, conferem a sua obra a capacidade de figurar como instrumento facilitador da compreensão do indivíduo humano.

É também nessa condição humana existente na poesia de Paulinho da Viola que reside o primeiro encontro com o existencialismo que, segundo o próprio Sartre, é um humanismo. Fazer escolhas e assumi-las integralmente confere a arte de Paulinho da Viola um instrumento valioso a ser utilizado pedagogicamente pelos professores para explicação, na sala de aula do Ensino Médio, da filosofia existencialista.

3. A PROPOSTA

Após toda a digressão sobre a importância de Paulinho da Viola como compositor, sobre a importância de sua poesia como capaz de perceber, narrar, explicar e até apontar caminhos de soluções para os problemas cotidianos, chegamos ao ponto crucial desta tarefa: demonstrar que a poesia de Paulinho da Viola, por suas características, pode ser instrumento facilitador para o professor de filosofia do Ensino Médio, na abordagem da filosofia existencialista. A poesia, no caso, entra como elemento capaz de: 1. Refletir sobre o cotidiano; 2. Identificar no cotidiano temas e problemas que podem ser filosóficos; 3. Identificar a filosofia com o cotidiano das pessoas comuns; 4. No caso da filosofia existencialista, exemplificar de forma visível, as teses da escolha, consequências dessas escolhas, assumir integralmente as escolhas feitas, as escolhas feitas pelos indivíduos engajam a humanidade, a liberdade para escolher, o homem como liberdade, o homem como liberdade para inventar suas escolhas, o homem como projeto, etc. Sendo isso possível, como pensamos que seja, a poesia de Paulinho da Viola apresenta-se como instrumento pedagógico, a ser utilizado pelos professores de filosofia do Ensino Médio, na abordagem existencialista, transformando-se, desta maneira, em parte da proposta pedagógica a ser utilizada na sala de aula, constituindo-se, assim, em contribuição prática deste trabalho acadêmico.

Esta proposta pedagógica, contudo, deve ser materializada de forma clara, por isso apresentamos, como contribuição prática, a forma que, a nosso ver, se consubstancia esse fazer pedagógico da relação intertextual do *O Existencialismo é um Humanismo*, a partir de suas teses, sendo estas demonstradas no texto poético de Paulinho da Viola. Feita a relação intertextual indicada, por oportuno, apresentamos, no seguimento, um comentário sobre o poema e sua relação com o existencialismo.

No livro *Metodologia do Ensino de Filosofia* (2012) o professor Gallo, discutindo maneiras de se trabalhar a filosofia no Ensino Médio, estabelece quatro momentos didáticos, sendo o primeiro destes momentos, o da sensibilização onde, a partir de um elemento não filosófico, os alunos possam incorporar um problema filosófico. A isso a que chama de sensibilização, o autor diz que pode ser feito a partir de:

[...] uma música, um poema, um quadro, um conto, um filme; ou mesmo um desenho animado, uma história em quadrinhos... Em suma, algo que chame atenção dos estudantes, sobretudo por falar sua própria linguagem, e que desperte seu interesse por um determinado problema (GALLO, 2012, p.96).

Da lição oferecida pelo professor Gallo, podemos verificar ser importante despertar o interesse do aluno, na utilização de linguagem próxima da sua, daí o recurso de um elemento não filosófico e a existência de um problema a ser discutido. Todos esses elementos estão incorporados em nossa proposta pedagógica a ser oferecida aos professores de filosofia do Ensino Médio. Nosso interesse, contudo, ao trazer a experiência do professor Gallo, é demonstrar que a preocupação com a linguagem e a utilização do elemento não filosófico para fazer a explicação da filosofia no ensino Médio encontra defesa no magistério nacional.

A sensibilização sugerida pelo professor Gallo, decorre do fato que ele pretende levar os estudantes se apropriarem de conceitos que lhes permitam enfrentar problemas, e, a sensibilização, no processo da aprendizagem, serve, para que, na opinião de Gallo (2012, p.96): “[...] os estudantes vivam, ‘sintam na pele’, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico.”. Contudo, na proposta metodológica do professor Gallo, esse problema filosófico será investigado por uma busca na história da filosofia, de conceitos que possam servir para pensá-lo. Trata-se, portanto, de colocar um determinado problema sobre a investigação da filosofia em geral. Tanto é assim que, ao referir-se à etapa de investigação de sua metodologia, explica o professor Gallo (2012, p. 97):

Investigação: Trata-se de buscar elementos que permitam a solução do problema. Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que possam servir como ferramentas para pensar o problema em questão. Terá Platão se deparado com esse problema? Em caso afirmativo, como ele o pensou? Produziu algum conceito que tenha dado conta dele? O conceito platônico ainda é válido em nosso tempo? Ele dá conta do problema, tal como o vivemos hoje? E, na modernidade, Descartes ou Espinosa lidaram com o mesmo problema? Criaram seus conceitos? São esses conceitos mais adequados ou menos adequados que aquele criado por Platão?

No nosso caso, o elemento não filosófico, aqui compreendido pelas poesias do poeta popular Paulinho da Viola, além de solucionar o problema da linguagem, tornando-a mais acessível aos alunos, facilitando a compreensão dos problemas, estabelece, também, uma relação direta com os próprios problemas tratados pela filosofia existencialista. O elemento não filosófico, a poesia, aparece como um instrumento pedagógico a ser utilizado pelo professor de filosofia do Ensino Médio, no que concerne à explicação e demonstração prática da filosofia existencialista, tendo por base o texto *O Existencialismo é um Humanismo*. Passemos, pois, à

demonstração de como fazer isso na sala de aula, estabelecendo momentos distintos a serem observados no desenvolvimento da atividade pedagógica.

É necessário lembrar que os alunos já estarão de posse dos conceitos existencialistas, porque receberam aula teórica sobre essa filosofia, tendo em mãos, inclusive, o roteiro sobre o texto *O Existencialismo é um Humanismo*, apresentado na primeira parte, sendo, portanto, elemento integrante desta proposta pedagógica. A tarefa agora é aplicação, a demonstração desses conceitos na poesia. Como fazer? Como iniciar? Como deve proceder o professor de filosofia do Ensino Médio, para utilizar esse elemento não filosófico na identificação das passagens existencialistas nele contidas?

3.1. 14 Anos – (O Surgimento Da Essência)

No momento de fazer a proposta de trabalho para concorrer ao mestrado, a primeira poesia de Paulinho que nos veio à mente foi 14 Anos, que transcrevemos em nossa peça inicial e fazemos aqui, também.

14 ANOS (Paulinho da Viola, 1968)

Tinha eu 14 anos de idade
Quando meu pai me chamou
Perguntou se eu não queria
Estudar filosofia
Medicina ou engenharia
Tinha eu que ser doutor

Mas a minha aspiração
Era ter um violão
Para me tornar sambista
Ele então me aconselhou
Sambista não tem valor
Nesta terra de doutor
E seu doutor
O meu pai tinha razão

Vejo um samba ser vendido
E o sambista esquecido,
E seu verdadeiro autor
Eu estou necessitado
Mas meu samba encabulado
Eu não vendo não senhor

No caso da poesia *14 ANOS*, pode o professor, após a leitura do texto, perguntar aos alunos o seguinte: quando surge em essência o artista, o poeta, o

músico? A resposta esperada será: aos 14 anos. Com essa resposta o professor pode chamar atenção de que só decorrido esse tempo, 14 anos, é que o poeta tomou conhecimento de sua essência, e esclarecer que essa passagem, confirma a tese existencialista de que a existência precede a essência.

Num segundo momento, pode perguntar o professor aos alunos o que possibilitou ao poeta tomar conhecimento de sua essência? A resposta esperada será a necessidade de escolher entre ser artista ou doutor. A resposta abre para o professor a oportunidade de tornar possível explicar que o homem, como ensina o existencialismo, é um ser que escolhe.

Num terceiro momento, pode o professor perguntar: essa é a única escolha feita pelo poeta? Em caso negativo, qual outra escolha é feita pelo poeta? A resposta esperada será não, porque o poeta tem de escolher entre vender ou não o seu samba. Essa nova resposta permite explicar a tese existencialista de que o homem é um ser que escolhe.

Num quarto momento o professor pode pedir aos alunos que identifiquem no texto essas duas teses existencialistas demonstradas. Após isso, segue-se a exploração da poesia como elemento de confirmação de teses existencialistas.

Outra maneira de iniciar seria o professor, perguntar aos seus alunos: a poesia apresenta alguma escolha feita pelo poeta? Neste caso espera-se que os alunos respondam afirmativamente, podendo o professor confirmar a tese existencialista de que o homem é um ser que escolhe.

Depois o professor perguntará quantas escolhas existem no poema? Esperando-se que os alunos respondam que são duas: 1. Escolher entre ser doutor ou artista; 2. Vender ou não o produto de sua arte.

Em seguida, o professor pode pedir aos seus alunos que identifiquem no poema os versos que indicam essas escolhas. Aqui o esperado é que os alunos apresentem as escolhas como estão demonstradas abaixo.

Tinha eu 14 anos de idade
 Quando meu pai me chamou
 Perguntou se eu não queria
 Estudar filosofia
 Medicina ou engenharia
 Tinha eu que ser doutor
 Mas a minha inspiração
 Era ter um violão
 Para me tornar sambista

[...]

Vejo um samba ser vendido
 E o sambista esquecido,
 O seu verdadeiro autor
 Eu estou necessitado
 Mas meu samba encabulado
 Eu não vendo não senhor

Tomemos agora a questão da escolha para todos os homens. O professor escreverá no quadro ou pedirá aos alunos que escrevam em seus cadernos a tese de que o indivíduo escolhe pela humanidade porque, “[...] escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.” (SARTRE, 1987, p.6).

O professor perguntará aos seus alunos como se explica essa escolha para todos os homens? Aqui o esperado é que os alunos respondam que sendo uma decorrência do ato de escolher, a escolha para a humanidade está no próprio ato de fazer a escolha.

Em seguida, o professor pode pedir aos seus alunos que identifiquem no poema os versos que indicam essas escolhas. Aqui o esperado é que os alunos apresentem as escolhas como estão demonstradas abaixo.

[...]

Mas a minha inspiração
 Era ter um violão
 Para me tornar sambista

[...]

Vejo um samba ser vendido
 E o sambista esquecido,
 O seu verdadeiro autor
 Eu estou necessitado
 Mas meu samba encabulado
 Eu não vendo não senhor

Tomemos agora a questão da escolha valorativa. O professor escreverá no quadro ou pedirá aos alunos que escrevam em seus cadernos a tese de que o ser que escolhe faz escolhas valorativas, pois assim explica Sartre (1987, p. 6):

Escolher ser isso ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.

O professor perguntará aos seus alunos se há no poema essas escolhas? A resposta esperada deve ser afirmativa, com a escolha pela arte e a escolha por relações éticas na sociedade.

Em seguida, o professor pode pedir aos seus alunos que identifiquem no poema os versos que indicam essas escolhas. Aqui o esperado é que os alunos apresentem as escolhas como estão demonstradas abaixo.

[...]
 Mas a minha inspiração
 Era ter um violão
 Para me tornar sambista
 [...]
 Vejo um samba ser vendido
 E o sambista esquecido,
 O seu verdadeiro autor
 Eu estou necessitado
 Mas meu samba encabulado
 Eu não vendo não senhor

Tomemos agora a questão do homem como ser de liberdade. O professor escreverá no quadro ou pedirá aos alunos que escrevam em seus cadernos a tese do homem como ser de liberdade: “[...] o homem é livre, o homem é liberdade.” (SARTRE, 1987, p.9).

O professor perguntará aos seus alunos se há no poema essas escolhas? A resposta esperada deve ser afirmativa, pois, a escolha já é a expressão da liberdade. Quando o artista escolhe ser artista ou escolhe não vender o produto de sua arte, o samba, só o faz porque é livre, não existindo nada, nenhuma convenção que o impeça de escolher com liberdade.

Em seguida, o professor pode pedir aos seus alunos que identifiquem no poema os versos que indicam essas escolhas. Aqui o esperado é que os alunos apresentem as escolhas como estão demonstradas abaixo.

[...]
 Mas a minha inspiração
 Era ter um violão
 Para me tornar sambista
 [...]
 Vejo um samba ser vendido
 E o sambista esquecido,
 O seu verdadeiro autor
 Eu estou necessitado
 Mas meu samba encabulado
 Eu não vendo não senhor

Tomemos a questão de que, diante dos problemas, o homem, só tem como resposta: “você é livre, escolha, isto é, invente.” (SARTRE, 1987, p.11).

O professor perguntará aos seus alunos se há no poema essas escolhas? A resposta esperada deve ser afirmativa, pois, o poeta, escolhendo a arte, inventa uma nova forma de se encarar o artista na sociedade, a relevância de seu papel,

como agente de análise do grupo em que vive. No caso de não vender o seu samba, produto de sua arte, o poeta consolida uma posição de crítica à sociedade em que vive, afirmando valores.

Em seguida, o professor pode pedir aos seus alunos que identifiquem no poema os versos que indicam essas escolhas. Aqui o esperado é que os alunos apresentem as escolhas como estão demonstradas abaixo.

Tinha eu 14 anos de idade
 Quando meu pai me chamou
 Perguntou se eu não queria
 Estudar filosofia
 Medicina ou engenharia
 Tinha eu que ser doutor
 Mas a minha inspiração
 Era ter um violão
 Para me tornar sambista

[...]

Vejo um samba ser vendido
 E o sambista esquecido,
 O seu verdadeiro autor
 Eu estou necessitado
 Mas meu samba encabulado
 Eu não vendo não senhor

Percebemos, desse modo, que a partir do exercício, os alunos foram convidados a “viver na pele” os problemas da essência, da liberdade, da escolha, da responsabilidade, da invenção, teses defendidas pelo existencialismo e confirmadas em um poema que expressa uma realidade muito próxima das suas, uma vez que trata de temas cotidianos. Isso permitirá ao professor fazer um exercício agora direcionado para a vivência dos próprios alunos perguntando, por exemplo, quais são as suas escolhas? Se já surgiu neles a essência de ser estudante? Como eles se sentem em relação a essa escolha? Quais as responsabilidades dessa escolha? Como se sentem diante da responsabilidade de escolher para todos?

Claro que não devemos esperar que todos os alunos se sintam realmente tocados por essa prática, mas estaremos ofertando a possibilidade de que algum, motivado por condição interna, possa atender ao chamamento e incorpore essa prática em sua vida de estudante e de cidadão, caso em que estaremos contribuindo, decisivamente, para atingir a finalidade educativa, de formar indivíduos capazes de agir com autonomia.

Comentário:

O primeiro aspecto que chama atenção neste trabalho é a idade do poeta quando essa poesia foi elaborada: 14 anos. Aqui estamos diante de duas possibilidades: 1. O diálogo retratado na obra existiu entre o poeta e seu pai, sendo possível trazer para este comentário a pergunta feita pela autora já citada Eliete Negreiros (2011, p. 59): “A vida pode explicar a arte?”; 2. Ou, o diálogo não existiu, sendo a obra uma criação pura do poeta, sendo, de novo, possível trazer a outra indagação de Negreiros (2011, p. 59): “A arte explica a vida?”. Tendo o diálogo existido ou sendo criação pura do poeta, reflete, de qualquer modo, o cotidiano do poeta e/ou de outros artistas que tiveram que fazer a escolha apresentada na poesia.

Depois, é interessante perceber que a poesia, que retrata um artista frente à necessidade de escolher entre a arte ou ser doutor, faz um paralelo com a proposta de trabalho sugerida com base no existencialismo: a escolha, o escolher a consequência do escolher e a afirmação ética de escolher.

É necessário lembrar responsável por si, este ser faz escolha e quando escolhe, escolhe pela humanidade, pois, como declara Sartre (1987, p. 6): “[...] escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.”. E o poeta escolhe a arte, significando que engaja todos os artistas nesta escolha e, para além, engaja, também a humanidade toda.

Contudo, assumir as consequências desta escolha, faz parte do deste escolher: “Sambista não tem valor/ Nesta terra de doutor”, mas ainda assim o poeta faz a escolha pela arte e escolhendo-a, escolhe um caminho no qual engaja toda a humanidade na escolha da ética.

Este ser que escolhe, faz escolhas valorativas, pois, como explica Sartre (1987, p. 06): “Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhermos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.”. Logo, quando o poeta escolhe a arte, faz uma escolha valorativa, porque a arte é boa para os artistas e para todos.

Sendo uma decorrência do ato de escolher, a escolha para a humanidade, está no próprio ato de fazer a escolha, devendo-se esclarecer, por necessário, que no ato de escolher ser artista, além de escolher a arte, o poeta indica que as escolhas do indivíduo seguirem uma orientação própria, sendo este seguir que engaja e que o existencialismo afirma, no ato do indivíduo que engaja a

humanidade. No caso da segunda escolha, de não vender o produto de sua arte, vender o samba, o artista engaja, com essa escolha, a humanidade.

No caso de escolher ser artista, o valor está na capacidade de escolher por si próprio, atendendo a uma orientação interna, frente a toda pressão existente de valorização de coisas que podem não levar em conta as aptidões próprias do indivíduo. Essa escolha é de um indivíduo que tem autonomia, objetivo perseguido pela educação. No caso da resistência à venda do produto da arte, do poema, fica indicado, para além da autonomia, a percepção de como devem ser as relações entre os indivíduos, marcadas por atitudes éticas e de respeito às criações artísticas, conferindo aos autores as suas criações.

A escolha reflete sempre um problema, ser uma coisa ou outra; fazer uma coisa ou deixar de fazer. O caso de escolher ser artista e não ser doutor identifica-se com o problema, ser uma coisa ou outra; o caso de não vender o samba, identifica-se com o problema de fazer ou deixar de fazer uma coisa. Nos dois casos o poeta inventou, pois, ao escolher a arte, por intermédio de seu samba, denuncia a ditadura de uma sociedade que estabelece a valorização ou desvalorização de alguém a partir de seu fazer, de seu estatuto social e, no caso de não vender o samba, utiliza a poesia para denunciar a apropriação do trabalho artístico por pessoas inescrupulosas que, ao comprarem a arte de um artista necessitado passam por ser o que não são.

3.2 - Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida – (A Invenção do Amor sem Corpo)

Há músicas que penetram tão intensamente na vida cotidiana das pessoas que, por motivos variados, todos identificam passagens de suas vidas com elas sabendo cantá-las integralmente ou, quando não, dizer alguns versos. Poderíamos citar aqui vários exemplos, mas ficaremos apenas com *Foi um Rio que Passou em Minha Vida*, porque serve ao propósito deste esforço acadêmico.

Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida (Paulinho da Viola, 1970)

Se um dia
 Meu coração for consultado
 Para saber se andou errado
 Será difícil negar
 Meu coração tem manias de amor
 Amor não é fácil de achar
 A marca dos meus desenganos

Ficou, ficou
Só um amor pode apagar

Porém
Há um caso diferente
Que marcou um breve tempo
Meu coração para sempre
Era dia de Carnaval
Eu carregava uma tristeza
Não pensava em novo amor
Quando alguém que não me
Lembro anunciou
Portela, Portela.
O samba trazendo alvorada
Meu coração conquistou

Ah, minha Portela
Quando vi você passar
Senti meu coração apressado
Todo meu corpo tomado
Minha alegria voltar
Não posso definir aquele azul
Não era do céu
Nem era do mar
Foi um rio que passou em
Minha vida
E meu coração se deixou levar

Tratando-se da música *Foi um Rio que Passou em Minha Vida*, o professor necessitará estimular bastante a atenção de seus alunos, desafiando-os a encontrarem o ponto de partida de identificação do poema com o existencialismo, isto porque este ponto de partida deve ser a escolha, que não está explicitamente visível, sendo imprescindível um tempo maior para que estes o identifiquem. Como estratégia, talvez seja importante formar grupos para que, entre eles, os alunos discutam qual a escolha existente no poema.

Aberto o tempo para ouvir as respostas dos alunos, espera-se que estes cheguem à conclusão de que a escolha tratada no poema seja a sutilmente descrita pelo poeta: ficar preso às marcas de um desengano ou transpor essa barreira encontrando um novo amor.

Descoberta essa escolha, o professor tem um campo muito largo para reforçar a tese existencialista de que o homem é um ser que escolhe.

Identificada a escolha, estando os alunos ainda reunidos em grupos, lhes será solicitado que identifiquem no poema os versos que indicam essa escolha, ouvindo-se as repostas de todos os grupos, mas com a esperança de que todos ou um grupo significativo possa indicar o trecho que transcrevemos abaixo:

[...]

Meu coração tem manias de amor
 Amor não é fácil de achar
 A marca dos meus desenganos
 Ficou, ficou
 Só um amor pode apagar
 A marca dos meus desenganos
 Ficou, ficou
 Só um amor pode apagar.

Outro aspecto a ser explorado neste poema é o homem como ser de liberdade, isto é, a escolha existe para o homem porque este é livre, e porque é livre pode escolher. Esta será, portanto, a próxima questão a ser respondida pelos grupos: qual é a identificação possível de se fazer do homem como ser de liberdade no poema?

A resposta esperada será: o poeta resolve amar novamente, confirmando-se aqui a tese existencialista de que o homem é livre, o homem é liberdade.

O professor solicitará, mais uma vez, o trecho do poema que alude à tese de que o homem é livre, o homem é liberdade, esperando-se, no caso, que o trecho apontado seja o que transcrevemos abaixo:

[...]
 Porém, ai porém
 Há um caso diferente
 Que marcou um breve tempo
 Meu coração para sempre
 Era dia de Carnaval
 Carregava uma tristeza
 Não pensava em novo amor
 Quando alguém que não me
 Lembrou anunciou
 Portela, Portela.
 O samba trazendo alvorada
 Meu coração conquistou

Finalmente, na utilização desse poema, o professor pode trabalhar a tese existencialista de que, diante de problemas, o homem, porque é livre, inventa uma maneira de transpor esse problema. A pergunta aqui a ser formulada deve ser: diante do problema em amar de novo, qual a invenção?

As respostas esperadas devem ser próximas de: o poeta inventa uma nova maneira de amar, amor sem corpo, amor em relação a uma ideia, com nome feminino, chamada Portela, que demonstrará que os alunos entenderam o poema e sabem fazer a relação com a tese existencialista de que o homem, porque é livre, diante de problemas, inventa.

Como finalização da atividade, naturalmente, o professor pedirá aos grupos que apontem no poema o trecho alusivo à tese existencialista, esperando-se que este seja o transcrito abaixo:

[...]

Ai, minha Portela
 Quando vi você passar
 Senti meu coração apressado
 Todo meu corpo tomado
 Minha alegria voltar
 Não posso definir aquele azul
 Não era do céu
 Nem era do mar
 Foi um rio que passou em
 Minha vida
 E meu coração se deixou levar
 Foi um rio que passou em
 Minha vida
 E meu coração se deixou levar

Comentário

A poesia mais conhecida de Paulinho da Viola é o samba *Foi um Rio que Passou em Minha Vida*, sendo também a que mais popularizou esse grande compositor popular brasileiro e, a princípio, excluímo-la de análise, porquanto não tivéssemos encontrado, inicialmente, lastro que justificasse tê-la nessa tarefa de identificar a criação artística-musical do festejado compositor com a teoria existencialista, fundamento teórico e filosófico que orienta este escrito. Contudo, ficou desde sempre em nós um sentimento que não trazer essa letra para o trabalho seria um desperdício, dada a grande penetração desta poesia no meio do povo. E de tanto buscar uma relação com a proposta existencialista, acabamos identificando que existe, sim, uma ligação entre a poesia e o existencialismo. Alguns poderão imaginar tratar-se de algo forçado, mas qualquer que tenha o mínimo de sinceridade haverá de concordar tratar-se de uma relação harmoniosa.

Uma das características mais forte do existencialismo é a escolha, o homem está permanentemente diante de escolhas das quais não se pode furtar. Ora, está claro que o poeta encontra-se no caso da poesia aqui trabalhada, diante de uma escolha: ficar preso às marcas de um desengano amoroso, traduzido pelo poeta como “A marcas do meu desengano / Ficou, ficou”, marca que o entristece, retirando de si a alegria de viver, de sentir-se vivo, ou transpor essa barreira encontrando um novo amor, no dizer do poeta, para acabar esse “desengano”, afastar esse

sentimento ruim, afastar a tristeza que, na opinião do poeta: “Só um amor pode apagar”. Aqui se entende que seja um novo amor para fazer esquecer o amor perdido, o amor de uma nova mulher, mulher nova, para fazer esquecer a mulher que foi embora. Mas amor lembra o poeta: “Amor não é fácil de achar”. Encontra-se então o poeta diante de um problema: encontrar um novo amor, mas, para além, necessita romper esse estado de sofrimento que o corrói, como fazer isso?

Seguindo o modelo existencialista, o poeta inventa uma saída. O poeta inventa um novo amor, que se materializa nas cores de uma escola de samba chamada Portela, que age tão intensamente no sentimento do poeta que o faz de pronto declarar-se apaixonado: “Ai, minha Portela/ Quando vi você passar/ Sentir meu coração apressado/ Todo o meu corpo tomado/ Minha alegria voltar.”

Neste novo amor o próprio poeta se reinventa, porque agora não se trata de um amor carnal, de corpo, mas algo que transcende a tudo, porque é o amor por uma ideia. Um amor que não necessita de correspondência, mas que o faz sair da situação aflitiva em que se encontrava, podendo agora, voltar a sorrir diante do azul indefinido, não importando que seja do céu ou que seja do mar, o que importa é que seu coração se deixou levar por esse novo amor, chamado Portela, que é nome feminino, e abriu o coração do poeta para o novo amor, logo, ele, que tem essa mania, mas não pensava nisso.

3.3 – Comprimido – (Agir sem Esperança)

Trazemos para o corpo deste trabalho a poesia de Paulinho da Viola chamada *Comprimido*, que transcrevemos, para, em seguida, fazermos, dentro do modelo que estamos adotando, a utilização do poema na compreensão e exemplificação das teses existencialista, com base no texto *O Existencialismo é um Humanismo*.

COMPRIMIDO (Paulinho da Viola, 1973)

Deixou a marca dos dentes
 Dela no braço
 Pra depois mostrar pro delegado
 Se acaso ela for se queixar
 Da surra que levou
 Por causa de um ciúme incontrolado

Ele andava tristonho
 Guardando um segredo
 Chegava e saía
 Comer não comia

E só bebia
 Cadê a paz
 Tanto que deu pra pensar
 Que poderia haver outro amor
 Na vida do nego
 Pra desassossego
 E nada mais

Seu delegado ouviu e dispensou
 Ninguém pode julgar coisas de amor
 O povo ficou intrigado com o acontecido
 Cada um dando a sua opinião
 Ela acendeu muita vela
 Pediu proteção
 O tempo passou
 E ninguém descobriu
 Como foi que ele
 Se transformou

Uma noite
 Noite de samba
 Noite comum de novela
 Ele chegou
 Pedindo um copo d'água
 Pra tomar um comprimido
 Depois cambaleando
 Foi pro quarto
 E se deitou
 Era tarde demais
 Quando ela percebeu
 Que ele se envenenou

Seu delegado ouviu
 E mandou anotar
 Sabendo que há coisas
 Que ele não pode julgar
 Só ficou intrigado
 Quando ela falou
 Que ele tinha mania
 De ouvir sem parar
 Um samba do Chico
 Falando das coisas do dia-a-dia

Considerando tratar-se de um tema sensível, e considerando a faixa etária dos alunos do Ensino Médio, é importante que o professor tome cuidados no momento que considerar utilizar este texto como suporte para a atividade na sala de aula e só tomar a decisão de fazê-lo, tendo certeza da maturidade da turma para trabalhar com a temática do poema, cujo personagem central é um suicida.

O ponto de partida para o trabalho com os alunos será a escolha, podendo o professor perguntar aos alunos: há no poema uma escolha? Qual é essa escolha?

É razoável que os alunos cheguem à conclusão de que há uma escolha e que esta consiste no fato de alguém viver uma vida amargurada ou um salto no escuro, após a ingestão de um comprimido.

Após a descoberta da escolha, o professor explicita a tese existencialista de que responsável por si, o homem faz escolhas e pede que os alunos façam a identificação no texto, dos versos que remetem a essa escolha, sendo esperado que os alunos apontem os versos aqui transcritos:

[...]
 Ele andava tristonho
 Guardando um segredo
 Chegava e saía
 Comer não comia
 E só bebia
 Cadê a paz
 Tanto que deu pra pensar
 Que poderia haver outro amor
 Na vida do nego
 Pra desassossego
 E nada mais

[...]
 Uma noite
 Noite de samba
 Noite comum de novela
 Ele chegou
 Pedindo um copo d'água
 Pra tomar um comprimido
 Depois cambaleando
 Foi pro quarto
 E se deitou
 Era tarde demais
 Quando ela percebeu
 Que ele se envenenou

O passo seguinte será solicitar aos alunos que identifiquem, na escolha, a invenção?

Esperando-se que os alunos apontem como o problema a amargura do personagem e a solução o salto no escuro, o professor deve trabalhar a tese existencialista de que diante de problemas, o homem, por que é livre, inventa uma solução.

Feito isso, o professor poderá pedir aos seus alunos que façam a identificação dos versos que apontem essa solução inventada, sendo esperado que estes sejam:

[...]
 Uma noite
 Noite de samba

Noite comum de novela
 Ele chegou
 Pedindo um copo d'água
 Pra tomar um comprimido
 Depois cambaleando
 Foi pro quarto
 E se deitou
 Era tarde demais
 Quando ela percebeu
 Que ele se envenenou

Comentário

A marca registrada da arte de Pulinho da Viola está presente na poesia *Comprimido*, mas, já o título levanta uma boa discussão: o que seria o comprimido que dá título à poesia? Seria o veneno com o qual o personagem se suicida ou seria a própria vida comprimida que levava o personagem? Essa necessidade de nos fazer pensar também é muito presente na obra do poeta em questão.

Tomando o viés do existencialismo, o personagem aqui também está diante de uma escolha: viver comprimido ou libertar-se, significando essa libertação a morte. Claro que poderão alguns argumentar que escolher a morte significa uma contradição ao preceito de que só se escolhe o bem e nesta escolha se engaja a humanidade. Contudo, esquece-se um preceito mais importante que é o fato de ser o homem livre sendo-lhe, por isso, possível fazer as escolhas que entender. Para além, diante da pergunta: o que fazer? Sartre (1987, p.11) responde: “[...] você é livre, isto é, invente.”.

Onde aparece o cotidiano na poesia? Ao longo de toda a poesia. E o poeta observa e registra sem qualquer envolvimento e, quando instado a se envolver, protege sua imparcialidade de observador, colocando na boca de um personagem essa proteção: “Seu delegado ouviu/E mandou anotar/ Sabendo que há coisas/ Que ele não pode julgar”.

Mas para dar força à possibilidade de o cotidiano comprimir as pessoas, o poeta, ao tempo em que presta homenagem ao compositor Chico Buarque de Hollanda, traz a lembrança deste para demonstrar essa compressão, utilizando o mesmo personagem e mantendo completo distanciamento, condição necessária para tratar um problema dessa magnitude, conclui:

Só ficou intrigado
 Quando ela falou
 Que ele tinha mania
 De ouvir sem parar
 Um samba do Chico

Falando das coisas do dia-a-dia

Tratando do diálogo existente entre as artes, de modo particular entre as diversas formas de literatura, Negreiros (2011, p.103) lembra o diálogo possível de Paulinho da Viola, Chico Buarque e Manuel Bandeira, diálogo este feito através das obras *Comprimido* (Paulinho da Viola, 1973), *Construção* (Chico Buarque de Hollanda, 1971) e poema tirado de uma Notícia de Jornal (Manuel Bandeira). Citando José Miguel Wisnik, Negreiros (2011, p. 98-99) escreve:

José Miguel Wisnik, em seu ensaio 'A Gaia Ciência – Literatura e Música popular no Brasil', aponta para uma característica nuclear da cultura brasileira: nela há um entrecruzamento entre o erudito e o popular, entre a cultura oral e a cultura escrita e a canção popular ocupa um lugar privilegiado desta conversa entre as diversas artes, entre a música, a literatura, as artes plásticas e o cinema. E comprimido é um samba exemplar neste sentido. Há nele não só uma conversa entre sambas, entre compositores, mas também ente música e literatura. Não sei se Paulinho da Viola teve a intenção de dialogar com Manuel Bandeira, como teve a de dialogar com Chico, mas o fato é que quem quer que tenha lido o 'Poema Tirado de uma Notícia de Jornal' não pode deixar de fazer um paralelo entre este poema e o samba, tanto pela temática, pois os dois contam a estória trágica de um enigmático suicídio, quanto pela concepção de poesia que em ambos está implícita, onde o poético é desentranhado do cotidiano.

3.4 - Dona Santina e Seu Antenor – (A Escolha de Não Escolher e a Escolha)

É esse olhar de cronista social, característica muito presente nas poesias de Paulinho da Viola que encontramos na obra *Dona Santina e seu Antenor*, retratando a vida conjugal deste casal que, após a separação, resolve reatar a convivência desfeita, a exemplo de milhares de casais, que vivenciam essa experiência cotidiana.

DONA SANTINA E SEU ANTENOR (Paulinho da Viola, 1971)

Dona Santina deu
 Anteontem uma feijoada e me convidou
 Em homenagem
 À volta do seu Antenor
 Que aos vinte anos de casado escapuliu
 Quando viu os olhos da Sandrinha, se amarrou
 Ela nos seus 22
 Ele com 53
 Imaginem só, vocês
 A notícia o que causou no local
 Hoje, ele volta arrependido
 Depois de ouvir na Santina
 Um discurso especial

Foi até entrevistado
 Numa programa de televisão
 Quando disse ser o único
 Culpado da situação
 Seu Antenor chorou
 Dona Santina riu
 Todo mundo se abraçou
 O auditório aplaudiu
 O final você não sabe
 A surpresa que causou
 O programa no Ibope
 Vinte pontos levantou

Para trabalhar em sala de aula este poema, o professor deve considerar cada personagem isoladamente, Antenor, Santina e Sandrinha, pois cada um deles faz escolha. O texto pode ser aplicado em atividade individual, cada aluno fazendo a sua ou, querendo, dividir em grupos, com cada grupo trabalhando um dos personagens.

Como já anunciado que cada personagem faz escolha, será esta a primeira atividade proposta: qual a escolha feita por cada um dos personagens?

Solicitado aos alunos que identifiquem essas escolhas, espera-se que a resposta, para cada personagem seja:

Caso do seu Antenor: permanecer casado com dona Santina ou romper o casamento e viver um amor com Sandrinha.

Caso de Sandrinha: assumir o romance com um homem casado ou respeitar as convenções sociais?

Caso de dona Santina: aparentemente não escolher/escolher aceitar a volta de seu Antenor.

Obtidas as respostas, para cada um dos personagens, o professor tem um amplo campo de análise e confirmação da tese existencialista de que o homem é um ser que faz escolhas lembrando que, em referência à dona Santina, a não escolha configura-se como escolha, valendo aí lembrar a passagem do texto *O Existencialismo é um Humanismo*: “ Eu posso sempre escolher mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo.” (SARTRE, 1987, p,17).

Confirmada, a partir das respostas dos alunos, a tese existencialista de que o homem é um ser que escolhe, o professor solicitará aos seus alunos que apontem no poema os versos que indiquem as escolhas dos personagens, esperando-se que, para cada personagem:

Caso de seu Antenor:

Dona Santina deu
 Anteontem uma feijoada e me convidou
 Em homenagem
 À volta do seu Antenor
 Que aos vinte anos de casado escapuliu
 Quando viu os olhos da Sandrinha, se amarrou

Caso de Sandrinha:

Dona Santina deu
 Anteontem uma feijoada e me convidou
 Em homenagem
 À volta do seu Antenor
 Que aos vinte anos de casado escapuliu
 Quando viu os olhos da Sandrinha, se amarrou

Caso de dona Santina

Dona Santina deu
 Anteontem uma feijoada e me convidou
 Em homenagem
 À volta do seu Antenor

Após isso, agora tratando apenas de seu Antenor e dona Santina, o professor deve sugerir que a separação constituiu em um problema dos referidos personagens e pergunta: como dona Santina e seu Antenor contornaram esse problema?

Espera-se que os alunos respondam:

Caso do seu Antenor: voltar à convivência com dona Santina.

Caso de dona Santina: aceitar a volta de seu Antenor.

Com fundamento nas respostas dos alunos o professor explicará, confirmando, a tese existencialista de que diante de problemas, o homem, porque é livre, inventa.

Seguindo o roteiro, o professor pede aos alunos que façam a identificação dessas invenções utilizando os versos do poema.

Como resposta, espera-se que:

Caso de seu Antenor:

Dona Santina deu
 Anteontem uma feijoada e me convidou
 Em homenagem
 À volta do seu Antenor

[...]
 Hoje, ele volta arrependido

[...]

Foi até entrevistado
 Num programa de televisão
 Quando disse ser o único
 Culpado da situação

Caso de dona Santina:

Dona Santina deu
 Anteontem uma feijoada e me convidou
 Em homenagem
 À volta do seu Antenor

[...]

Hoje, ele volta arrependido
 Depois de ouvir na Santina
 Um discurso especial

Comentário

Seu Antenor é o protagonista desta história, é ele que vai fazer a escolha de se separar de dona Santina, após 20 anos de casado, “Quando viu os olhos da Sandrinha, se amarrou”. Aos 53 anos de idade, seu Antenor precisava viver a experiência de um novo amor, não importando a grande diferença de idade existente entre ele e Sandrinha, “Ela com seus 22/ Ele com 53”. Ele necessitava inventar uma solução para o casamento que já não estava dando certo. Lança mão da liberdade e resolve escolher a separação. Escolhe, na mais pura e legítima ação existencialista. Descobre, contudo (e só descobre depois de viver a experiência), que a escolha não corresponde aos seus anseios. O que fazer? Porque é livre, inventa: volta para casa de dona Santina. E esse cotidiano particular, de casal, ganha interesse de um programa de televisão que, para surpresa de geral, levanta 20 pontos no Ibope, porque as escolhas de seu Antenor são escolhas humanas, invenções humanas, reconhecidas e identificadas com os humanos outros, seus iguais. É o cotidiano do casal invadindo os lares de outros casais onde, quem sabe, outros Antenores e outras Santinas viviam a mesma experiência e viam, agora, suas experiências revividas na televisão.

Mas é imperioso falarmos sobre a Dona Santina e sobre a sua posição que, inicialmente, pode parecer ser de passividade e de não escolha. Poder-se-ia dizer em seu favor que ela apenas cumpriu o papel reservado às mulheres de sua época, que aceitavam, por imposição social, a submissão como forma de sobrevivência ou que, por razões morais e religiosas, preferiu representar o esperado de uma esposa nesta condição: aceitação pura e simplesmente. Não queremos nos render a essas

possibilidades. Preferimos pensar que há no gesto de dona Santina, também, uma escolha: a escolha pelo amor.

O amor como valor universal, porquanto todos os homens estejam imbuídos desse propósito, o que vale dizer: quando o homem ama, no seu gesto de amar ele engaja a si próprio e a humanidade. Mas quando acaba esse amor, qual o caminho a seguir, o que fazer? Na perspectiva existencialista, a resposta é invente. Qual é a invenção, para o caso? Um novo amor. Contudo, não é o amor enquanto sentimento que é novo, mas é novo, tão somente, a quem se dedica o amor.

O amor, como fenômeno, permanece inalterado, sendo o que sempre foi, isto é, amor. É exatamente porque é amor que o da troca igualmente fenece, sendo essa, aliás, a experiência vivenciada por seu Antenor, “quando viu os olhos da Sandrinha/ e se amarrou” para, logo em seguida, descobrir que não era bem o que pensava, sendo necessário se reinventar, voltando para Dona Santina. Dona Santina escolheu o amor pelo seu Antenor e tinha convicção de que isso era definitivo. Quem faz escolhas definitivas, porque sabe de suas escolhas, não necessita se inventar, a não ser na hipótese de por amor, por escolha, acolher alguém que necessita se reinventar.

Como se portar diante dos fatos, das escolhas dos outros? O poeta responde com a observação e o recolhimento do aprendizado que esses fatos e essas escolhas podem proporcionar, dizendo, no poema *Coisas do Mundo, Minha Nega*: “As coisas estão no mundo/ Só que eu preciso aprender”. Isso lembra muito a ideia de Sartre (1987, p.6): “O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define.”.

3.5 – Coisas do Mundo, Minha Nega – (A Má Fé; A Escolha de Si e do Outro).

É no mundo, portanto, nas relações com os outros homens, com as coisas que aí aprende que o homem se define e faz suas escolhas. Por isso, podemos dizer que a verso recolhido do poema de Paulinho da Viola é uma proposta existencialista. Porém, mais do que o verso, o poema *Coisas do mundo, minha Nega*, todo ele é repleto de teses existencialistas, perceptíveis pelas ações ou omissões de seus personagens que, não por acaso, são humanos.

COISAS DO MUNDO, MINHA NEGA (Pulinho da Viola, 1968)

Hoje eu vim minha nega
 Como venho quando posso
 Na boca as mesmas palavras
 No peito o mesmo remorso
 Nas mãos a mesma viola
 Onde eu gravei o teu nome
 Nas mãos a mesma viola
 Onde eu gravei o teu nome

Venho do samba há tempo, nega,
 Venho parando por ai
 Primeiro achei Zé fuleiro
 Que me falou de doença
 Que a sorte nunca lhe chega
 Está sem amor e sem dinheiro
 Perguntou se não dispunha
 De algum que pudesse dar
 Puxei então da viola
 Cantei um samba pra ele
 Foi um samba sincopado
 Que zombou de seu azar

Hoje eu vim, minha nega
 Andar contigo no espaço
 Tentar fazer em teus braços
 Um samba puro de amor
 Sem melodia ou palavra
 Pra não perder o valor
 Sem melodia ou palavra
 Pra não perder o valor

Depois encontrei seu Bento, nega,
 Que bebeu a noite inteira
 Estirou-se na calçada
 Sem ter vontade qualquer
 Esqueceu do compromisso
 Que assumiu com a mulher
 Não chegar de madrugada
 E não beber mais cachaça
 Ela fez até promessa
 Pagou e se arrependeu
 Cantei um samba pra ele
 Que sorriu e adormeceu

Hoje eu vim, minha nega
 Querendo aquele sorriso
 Que tu entregas pro céu
 Quando eu te aperto em meus braços
 Guarda bem minha viola, meu amor e meu cansaço
 Guarda bem minha viola, meu amor e meu cansaço

Por fim achei um corpo, nega
 Iluminado ao redor
 Disseram que foi bobagem
 Um queria ser melhor
 Não foi amor nem dinheiro
 A causa da discussão
 Foi apenas um pandeiro que depois ficou no chão

Não tirei minha viola
 Parei, olhei, vim m'embora
 Ninguém compreenderia
 Um samba naquela hora

Hoje eu vim, minha nega,
 Sem saber nada da vida
 Querendo aprender contigo
 A forma de se viver
 As coisas estão no mundo
 Só que eu preciso aprender
 As coisas estão no mundo
 Só que eu preciso aprender

Este poema permite ao professor uma atividade diferenciada, explorando exatamente o fato de que cada um dos personagens remete a uma tese existencialista e, para além, é possível explorar a posição do narrador, que outro não é senão o próprio poeta que, aqui, vai também figurar como demonstração de tese existencialista. O professor pode dividir a turma em grupos, com cada grupo ficando com um personagem que, a saber, são quatro: Zé Fuleiro, seu Bento, corpo e narrador.

A proposta de trabalho consiste em solicitar a cada grupo que identifique a situação de seu personagem com uma tese existencialista, fazendo as defesas de como chegaram a essa conclusão, indicando no poema os versos que apoiam essa conclusão.

Espera-se que os grupos possam apresentar suas conclusões com base em:

Caso de Zé Fuleiro, tese existencialista:

“[...] todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má fé.” (SARTRE, 1987, p. 19).

Identificação dos versos no poema:

Primeiro achei Zé Fuleiro que me falou de doença
 Que a sorte nunca lhe chega
 Que está sem amor e sem dinheiro
 Perguntou se não dispunha de algum que pudesse dar
 Puxei então da viola
 Cantei um samba pra ele
 Foi um samba sincopado
 Que zombou de seu azar

Caso de seu Bento, tese existencialista:

“[...] o destino do homem está em suas próprias mãos [...]”. (SARTRE, 1987, p. 15).

Identificação dos versos no poema:

Depois encontrei seu Bento, nega
 Que bebeu a noite inteira
 Estirou-se na calçada
 Sem ter vontade qualquer
 Esqueceu do compromisso
 Que assumiu com a mulher
 Não chegar de madrugada
 E não beber mais cachaça
 Ela fez até promessa
 Pagou e se arrependeu
 Cantei um samba pra ele que sorriu e adormeceu

Caso do homem assassino, tese existencialista:

“[...] algumas escolhas estão fundamentadas no erro e outras na verdade.”

(SARTRE, 1987, p. 19).

Identificação dos versos no poema:

Por fim achei um corpo, nega
 Iluminado ao redor
 Disseram que foi bobagem
 Um queria ser melhor
 Não foi amor nem dinheiro a causa da discussão
 Foi apenas um pandeiro
 Que depois ficou no chão

Caso do narrador, o poeta, tese existencialista:

“O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo” (SARTRE, 1987, p. 16).

Identificação dos versos no poema:

Hoje eu vim, minha nega
 Sem saber nada da vida
 Querendo aprender contigo
 A forma de se viver
 As coisas estão no mundo
 Só que eu preciso aprender (bis)

Comentário

Com base no aprendizado nas relações com os outros e com base nas coisas que recolhe no mundo, o poeta pode ter atitudes diferentes diante de cada fato e de cada escolha dos diferentes personagens.

No encontro com Zé fuleiro, personagem retratado pelo poeta como alguém que se habituou a viver de reclamações e faz desta condição expediente para pedir, tem uma atitude de crítica, dizendo: “Cantei um samba pra ele/ Foi um samba sincopado/ Que zombou de seu azar”.

Depois o poeta encontra seu Bento, personagem que não consegue assumir suas escolhas:

Que bebeu a noite inteira
 Estirou-se na calçada
 Sem ter vontade qualquer
 Esqueceu do compromisso que assumiu com a mulher
 Não chegar de madrugada
 E não beber mais cachaça
 Ela fez até promessa
 Pagou e se arrependeu

Compreendendo as várias possibilidades humanas, o poeta faz o que está ao seu alcance: “Cantei um samba pra ele/ Que sorriu e adormeceu.”.

Finalmente o poeta encontra uma cena de morte:

Por fim achei um corpo, nega
 Iluminado ao redor
 Disseram que foi bobagem
 Um queria ser melhor
 Não foi amor nem dinheiro a causa da discussão
 Foi apenas um pandeiro
 Que depois ficou no chão
 Não tirei minha viola
 Parei, olhei, fui-me embora

E, diante da cena de morte, conclui que o melhor para àquela hora seria o silêncio, porque “Ninguém compreenderia/ Um samba naquela hora”. Soluções humanas, para os dramas, para os problemas, para a vida, são o que, numa proposta existencialista, sugere Paulinho da Viola.

3.6. Perder e Ganhar – (É Pela Ação Que O Homem Vive)

O amor, tema recorrente nas composições de Paulinho da Viola, é tratado como uma relação humana aberta às invenções que o homem, porque é livre, cria na construção de seu interminável projeto. Como projeto, o amor é sempre otimista razão pela qual nunca fenece, uma vez que a capacidade humana de inventá-lo é igualmente inesgotável, podendo ser inventado em relação a uma mulher, à natureza, a uma ideia ou outra invenção qualquer. Mas o fato é que o poeta, também no amor, apresenta escolhas que faz para si e para a humanidade, como, por exemplo, no poema *Perder e Ganhar*, outra composição que o aproxima do existencialismo, conforme podemos verificar.

PERDER E GANHAR (Paulinho da Viola, 1971)

Perdi mas uma vez
 Agora quero prosseguir em paz
 Tanto que falei, lutei
 Mas obrigar jamais
 Fazer o que eu fiz
 Nem adianta contar
 Tudo de bom pra você
 Eu desejo porque
 Sei perder e ganhar
 Felicidade há de voltar para mim
 Vou me livrar da tristeza
 Com toda certeza
 Um dia ela pode ter fim

Este texto pode ser explorado pelo professor partindo da identificação da escolha, perguntando aos alunos: qual a escolha que aparece na poesia?

Espera-se que os alunos possam dizer que a escolha está representada no fato de alguém escolher encarar com maturidade a perda de um amor.

Feita esta identificação, comprova-se a tese existencialista de que o homem é um ser que escolhe.

Após isso, o professor pode pedir aos alunos que identifiquem no poema os versos que demonstram essa escolha, sendo esperado que apontem os versos seguintes:

Perdi mas uma vez
 Agora quero prosseguir em paz

O professor, vencido esse passo, pode perguntar aos alunos: em relação ao amor, o poeta apresenta alguma invenção?

Aqui se espera que os alunos percebam que o poeta inventa uma maneira de superar a tradição que orienta a sociedade: obrigar alguém a permanecer na relação, contra sua vontade.

Com isso fica demonstrada a tese existencialista de que diante de problemas o homem, porque é livre, inventa.

Como passo seguinte, o professor solicita aos alunos que identifiquem no poema os versos que identificam essa tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]
 Tanto que falei, lutei
 Mas obrigar jamais

Avançando, o professor pode perguntar aos alunos: nas mãos de quem está a esperança de alguém? O que é necessário fazer para viver?

Espera-se que os alunos respondam que:

A esperança está nas mãos do próprio homem. Para viver é necessário agir, fazer.

Com isso comprova-se a tese existencialista de que o homem é sua própria esperança ou que esta está em suas próprias mãos e que é pela ação que o homem vive.

Finalmente, pode o professor solicitar aos alunos que apontem no poema os versos que identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]

Fazer o que eu fiz
Nem adianta contar
Tudo de bom pra você
Eu desejo porque
Sei perder e ganhar

Felicidade há de voltar para mim
Vou me livrar da tristeza
Com toda certeza
Um dia ela pode ter fim

Comentário:

Perceba-se, de início, a escolha: diante de uma perda no amor, apesar de todo sofrimento que este instante pode significar, o poeta prefere prosseguir vivendo, isto é, fazendo escolha pela vida e, para além de viver, ele quer paz: “Agora quero prosseguir em paz”. Compreendendo os revezes da vida como consequências naturais, deseja a quem vai embora ou fica, de qualquer forma, alguém que representa um amor perdido, ao contrário do que costuma acontecer, felicidades: “Tudo de bom para você”. Assumindo os riscos do jogo do amor e sabendo da necessidade de se mostrar coerente, decreta: “Sei perder e ganhar”. Contudo, o mais significativo desta posição existencialista está no fato de que o poeta sabe que é necessário ter uma atitude otimista frente a esses fracassos humanos e propõe uma solução também humana, dependente exclusivamente do homem:

Felicidade há de voltar para mim
Vou me livrar da tristeza
Com toda certeza
Um dia ela pode ter fim

3.7. Para Ver as Meninas – (A Esperança Está Nas Mãos Do Próprio Homem)

De novo o amor está na mira do poeta, sempre sob a perspectiva de superação ao amor perdido. O que fazer? Sucumbir diante da perda do amor ou seguir em frente, continuando a amar, mesmo que seja necessário destinar a outro objeto essa energia vital chamada amor? O poeta, canalizando essa energia para seu ofício, de fazer poesia, seguindo o existencialismo, inventa sempre uma saída, transformando o sentimento em samba. Para ver as Meninas, poesia que trazemos para uma análise com base no *O Existencialismo é um Humanismo* é outra invenção do poeta para superação de um amor vivido.

PARA VER AS MENINAS (Paulinho da viola, 1971)

Silêncio, por favor
 Enquanto esqueço um pouco
 A dor no peito
 Não diga nada
 Sobre meus defeitos
 Eu não me lembro mais
 Quem me deixou assim
 Hoje eu quero apenas
 Uma pausa de mil compassos
 Para ver as meninas
 E nada mais nos braços
 Só este amor
 Assim descontraído
 Quem sabe de tudo não fale
 Quem não sabe nada se cale
 Se for preciso eu repito
 Porque hoje eu vou fazer
 Ao meu jeito eu vou fazer
 Um samba sobre o infinito

Para trabalhar esse poema em sala de aula, o professor pode perguntar aos alunos: qual a escolha encontrada no poema?

Espera-se que, como resposta, os alunos respondam: continuar sofrendo ou superar a perda de um amor.

Apresentada a resposta, confirma-se a tese existencialista de que o homem é um ser que faz escolhas.

Num segundo instante, o professor solicita aos alunos que apontem no texto, os versos identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]
 Silêncio, por favor
 Enquanto esqueço um pouco
 a dor no peito
 Não diga nada
 sobre meus defeitos
 Eu não me lembro mais
 quem me deixou assim

Em seguida, o professor solicita aos alunos que respondam: como esse problema foi superado?

Espera-se que os alunos respondam: fazendo (inventando) um samba sobre o infinito.

Dada à resposta, temos a confirmação da tese existencialista de que diante de problemas o homem inventa.

Após isso, o professor pode solicitar aos alunos que apontem no poema os versos que indicam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]
 Porque hoje eu vou fazer
 [...]
 Um samba sobre o infinito

Avançando, o professor pode perguntar aos alunos: nas mãos de quem está a esperança de alguém? O que é necessário fazer para viver?

Espera-se que os alunos respondam que:

A esperança está nas mãos do próprio homem. Para viver é necessário agir, fazer.

Com isso comprova-se a tese existencialista de que o homem é sua própria esperança ou que esta está em suas próprias mãos, e que é pela ação que o homem vive.

Finalmente, pode o professor solicitar aos alunos que apontem no poema os versos que identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]
 Porque hoje eu vou fazer
 Ao meu jeito eu vou fazer
 Um samba sobre o infinito

Comentário

Abrimos um parêntese para dialogar exclusivamente como trabalho da autora muito citada por nós, Elizete Negreiros, não para contestá-la, mas, antes, e, sobretudo, para recolher dela importantes conhecimentos sobre o tema e, particularmente sobre o poeta Paulinho da viola, contudo, fazendo uma análise com outro viés, um viés existencialista, sobre o poema *Para Ver as Meninas*, composição que levou a autora a escrever a obra *Ensaio a Canção Paulinho da Viola e outros Escritos*, onde ela declara: “Parti dela para estudar a linguagem, para procurar entender o que é poesia, para tentar entender o que é a canção e o que nos fala a canção de Paulinho.” (NEGREIROS, 2011, p. 11).

O foco da autora na análise deste poema em particular, é a linguagem, contudo, não deixa de fazer menção a aspectos filosóficos, o que, aliás, estão presentes ao longo de todo o trabalho por ela desenvolvido e nos quais bebemos para escrever esta dissertação. Encontramos ali, na análise do citado poema, por exemplo, primorosa lição da relação entre a filosofia e a poesia. Comenta Negreiros (2011, p. 20-21):

O samba começa com um pedido de silêncio. O poeta quer se esquecer de seu passado, de sua vida triste e inaugurar um marco zero a partir do qual irá criar um novo modo de ser, um novo samba, um samba que vá além das limitações cotidianas, que vá além de um mundo limitado e aflitivo. Espinosa, no livro III da *Ética*, falando sobre as paixões tristes e as paixões alegres, nos diz que as paixões tristes são aquelas que nos diminuem, que diminuem a nossa vontade de viver e as alegres, aquelas que nos aumentam, que aumentam nossa vontade de viver. O amor, para ele, é uma paixão alegre porque nos aumenta, porque aumenta esta nossa força vital e nessa medida, penso eu, coloca-nos mais próximos do infinito. Se pensarmos que tudo aquilo que nos prende, nos entristece, nos limita é o finito, então tudo o que nos liberta, nos alegra, tudo o que rompe nossas limitações é o infinito. Dentro desta concepção simples de infinito, o projeto do poeta, com sua linguagem elegante e sem excesso, sua voz calma e decidida, sua aparente humildade é de uma grandiosidade estonteante: ele quer simplesmente se libertar através do samba, e atingir, nada mais, nada menos, que o inatingível. Transcender, dizer o indizível, cantar o incantável. Será que o samba tem este potencial metafísico de ir além do visível e nos permitir tocar o invisível, o incomensurável? [...]

Em relação ao poema *Para ver as Meninas*, de Paulinho da Viola (1971), quer nos parecer que na primeira estrofe o poeta está diante de uma escolha: continuar sofrendo ou deixar de sofrer a perda de um amor, este tema tão presente em sua obra, a ponto de dizer, em outro poema, *Foi um rio que passou em Minha*

Vida, do ano de 1970: “Eu carregava uma tristeza/ Não pensava em novo amor”. E, nas palavras da autora, que registramos anteriormente isso se confirma, pois como observa Negreiros (2011, p. 20) : “O poeta quer se esquecer de seu passado, de sua vida triste, e inaugurar um marco zero a partir do qual irá criar um novo modo de ser [...]”. Ora, só existe marco zero onde há mudança e a mudança será sempre produto de uma escolha: a de ser um novo ser.

Em que consiste este novo ser? No rompimento com o sentimento? No rompimento com o amor? Não, porque sabe o poeta que o amor transcende ao objeto a que está relacionado, no caso presente à mulher amada, que o poeta supera, conforme podemos perceber pela leitura dos últimos versos da primeira estrofe, da citada letra *Para ver as Meninas*: “Eu não me lembro mais/ Quem me deixou assim”. A certeza de que o amor permanece na escolha do novo ser, podemos encontrar nos versos da segunda estrofe: “E nada mais nos braços/ Só este amor/ Assim descontraído”. É a proposta existencialista que se repete diante da pergunta o que fazer? invente. E o poeta inventa, porque é livre, porque é humano.

Mas esse novo ser é o inacabado, como diz Negreiros (2011, p. 21) “[...] o projeto do poeta [...] é [...] atingir, nada mais, nada menos que o inatingível.”. Sim, o homem é o seu próprio projeto e será aquilo que fizer de si mesmo. No caso do poeta, a sua relação com o mundo e com os outros se dá pela poesia. É através da poesia que o poeta compreende o mundo. É através da poesia que o poeta modela a sua forma de ser, de viver. E é por isso que ele diz, de maneira claramente existencialista, nos últimos versos da última estrofe: “Porque hoje eu vou fazer/ Ao meu jeito eu vou fazer/ Um samba sobre o infinito”.

3.8. Amor à Natureza – (O Otimismo Do Homem)

Mas por vezes, essa vertente existencialista se mostra na sua forma mais radical: a escolha pela humanidade. No poema *Amor à Natureza*, o poeta reflete sobre a destruição do planeta e a possibilidade do desastre maior: o fim da vida como a conhecemos. Mas o poeta é esperançoso e, existencialmente aposta na capacidade humana de escolher o bem: “Uma semente atirada/ Num solo tão fértil não deve morrer”:

AMOR À NATUREZA (Paulinho da Viola, 1975)

Relíquia do folclore nacional
Joia rara que apresento
Nesta paisagem em que me vejo

No centro da paixão e do tormento
 Sem nenhuma ilusão
 Neste cenário de tristeza
 Relembro momentos de real bravura
 Dos que lutaram com ardor
 Em nome do amor à natureza

Cinzentas nuvens de fumaça
 Umedecendo meus olhos
 De aflição e de cansaço
 Imensos blocos de concreto
 Ocupando todos os espaços
 Daquela que já foi a mais bela cidade
 Que o mundo inteiro consagrou
 Com suas praias tão lindas
 Tão cheias de graça, de sonho e de amor

Flutua no ar o desprezo
 Desconsiderando a razão
 Que o homem não sabe se vai encontrar
 Um jeito de dar um jeito na situação
 Uma semente atirada
 Num solo tão fértil não deve morrer
 É sempre uma nova esperança
 Que a gente alimenta de sobreviver

Para trabalhar esse poema em sala de aula, o professor pode perguntar aos alunos: qual a escolha encontrada no poema?

Espera-se que, como resposta, os alunos respondam: diante da destruição do meio ambiente, lutar em favor da natureza.

Apresentada a resposta, confirma-se a tese existencialista de que o homem é um ser que faz escolhas.

Num segundo instante, o professor solicita aos alunos que apontem no texto, os versos identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]
 Relembro momentos de real bravura
 Dos que lutaram com ardor
 Em nome do amor à natureza

Em seguida, o professor escreverá no quadro a tese existencialista que diz:

“[...] o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante.” (SARTRE, 1987, p. 9).

Escrita a tese, o professor pergunta aos alunos se esta está incluída no poema, pedindo que justifiquem a resposta.

Espera-se que os alunos respondam:

Sim, porque é a partir da tomada de consciência da importância do meio ambiente para a vida e diante visão da destruição deste, que o homem, mesmo sem apoio, decide lutar pela preservação ambiental, significando este gesto, uma invenção.

Após isso, o professor pode solicitar aos alunos que apontem no poema os versos que indicam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]
Sem nenhuma ilusão
Neste cenário de tristeza

Em seguida, o professor escreverá no quadro a tese existencialista que diz:

“o homem nada mais é que seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto dos seus atos, nada mais que sua vida.”
(SARTRE, 1987, p. 13).

Escrita a tese, o professor pergunta aos alunos se esta está incluída no poema, pedindo que justifiquem a resposta.

Espera-se que os alunos respondam:

Sim, porque diante da destruição do meio ambiente e consciente de que esta é uma postura errada, o homem parte para a ação de defender ao meio ambiente, preservando-o dos ataques que podem comprometer a existência da vida e do próprio homem na Terra.

Após isso, o professor solicita aos alunos que apontem no poema os versos que indicam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]
Relembro momentos de real bravura
Dos que lutaram com ardor
Em nome do amor à natureza

Em seguida, o professor escreverá no quadro a tese existencialista que diz:

“[...] algumas escolhas estão fundamentadas no erro e outras na verdade.”
(SARTRE, 1987, p. 19).

Escrita a tese, o professor pergunta aos alunos se esta está incluída no poema, pedindo que justifiquem a resposta.

Espera-se que os alunos respondam:

Sim, porque o homem pode escolher destruir ou preservar o meio ambiente. A destruição encontra-se na condição de escolha fundamentada no erro, considerando que isso, a destruição do meio ambiente, pode levar à destruição da própria vida, enquanto a preservação do meio ambiente é uma escolha fundamentada na verdade, porque representa a preservação da própria vida.

Após isso, o professor solicita aos alunos que apontem no poema os versos que indicam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

Escolha fundamentada no erro.

[...]
 Cinzentas nuvens de fumaça
 Umedecendo meus olhos
 De aflição e de cansaço
 Imensos blocos de concreto
 Ocupando todos os espaços
 Daquela que já foi a mais bela cidade
 Que o mundo inteiro consagrou
 Com suas praias tão lindas
 Tão cheias de graça, de sonho e de amor
 [...]
 Flutua no ar o desprezo
 Desconsiderando a razão

Escolha fundamentada na verdade:

[...]
 Relembro momentos de real bravura
 Dos que lutaram com ardor
 Em nome do amor à natureza

Em seguida, o professor escreverá no quadro a tese existencialista que diz: “não existe doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está em suas próprias mãos; [...]” (SARTRE, 1987, p. 15).

Escrita a tese, o professor pergunta aos alunos se esta está incluída no poema, pedindo que justifiquem a resposta.

Espera-se que os alunos respondam:

Sim, porque preservar ou destruir o meio ambiente depende de uma escolha do homem.

Após isso, o professor solicita aos alunos que apontem no poema os versos que indicam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

[...]

Relembro momentos de real bravura
 Dos que lutaram com ardor
 Em nome do amor à natureza
 [...]
 Uma semente atirada
 Num solo tão fértil não deve morrer
 É sempre uma nova esperança
 Que a gente alimenta de sobreviver

Comentário

De forma didática e buscando fazer a interpretação do poema sobre a ótica que nos interessa, a ótica existencialista de *O Existencialismo é um Humanismo*, podemos dizer que o poeta vê o problema:

Cinzentas nuvens de fumaça
 Umedecendo meus olhos
 De aflição e de cansaço
 Imensos blocos de concreto
 Ocupando todos os espaços
 Daquela que já foi a mais bela cidade
 Que o mundo inteiro consagrou
 Com suas praias tão lindas
 Tão cheias de graça, de sonho e de amor

Vendo o problema, o poeta identifica a escolha errada pela destruição da natureza e demonstra profunda preocupação com o fato, porque teme pelo futuro da humanidade. O erro aparece como consequência de o homem ainda não haver atingido a essência, condição necessária para escolher o bem:

Flutua no ar o desprezo
 Desconsiderando a razão
 Que o homem não sabe se vai encontrar
 Um jeito de dar um jeito na situação

Mas o poeta, como de resto a sua arte, é muito otimista e esperançoso, e levando em conta de que o homem é um projeto, algo que se lança para frente, em busca de sua essência, em busca da escolha correta, a escolha do bem, aposta na mudança que será feita pela humanidade nesta direção:

Uma semente atirada
 Num solo tão fértil não deve morrer
 É sempre uma nova esperança
 Que a gente alimenta de sobreviver

3.9. Roendo as Unhas – (O Homem é Liberdade)

De todas as poesias do poeta há uma que parece apresentar um maior grau de proximidade com o existencialismo. É um samba todo construído em cima de desapegos, de descompromisso com valores externos ao poeta e que por isso

não representam as suas escolhas. Como o poeta, neste samba, utiliza o verbo na primeira pessoa, pensamos poder afirmar tratar-se de uma revelação de sua maneira de pensar e, sobretudo de como a sua arte é a representação desses pensamentos.

ROENDO AS UNHAS (Paulinho da Viola, 1973)

Meu samba não se importa que eu esteja numa
De andar roendo as unhas pelas madrugadas
De sentar no meio fio não querendo nada
De cheirar pelas esquinas minha flor nenhuma

Meu samba não se importa se eu não faço rima
Se pego na viola e ela desafina
Meu samba não se importa se eu não tenho amor
Se dou meu coração assim sem disciplina

Meu samba não se importa se desapareço
Se digo uma mentira sem me arrepender
Quando entro numa boa ele vem comigo
E fica desse jeito se eu entristecer

Este poema pode ser explorado pelo professor partindo da identificação da escolha, perguntando aos alunos: qual a escolha que aparece na poesia?

Espera-se que os alunos possam responder:

Seguir ou não as convenções, as regras.

Feita esta identificação, confirma-se a tese existencialista de que o homem é um ser que escolhe.

Após isso, o professor pode pedir aos alunos que identifiquem no poema os versos que demonstram essa escolha, sendo esperado que apontem os versos seguintes:

Meu samba não se importa que eu esteja numa
De andar roendo as unhas pelas madrugadas
De sentar no meio fio não querendo nada
De cheirar pelas esquinas minha flor nenhuma

Meu samba não se importa se eu não faço rima
Se pego na viola e ela desafina
Meu samba não se importa se eu não tenho amor
Se dou meu coração assim sem disciplina

Meu samba não se importa se desapareço
Se digo uma mentira sem me arrepender
[...]

Após isso, o professor pode perguntar aos alunos: por que o poeta pode agir assim?

Espera-se que os alunos respondam:

Porque ele é livre, ele tem liberdade.

Com a resposta, confirma-se a tese existencialista de que o homem é livre, o homem é liberdade.

Em seguida o professor solicita aos alunos que apontem no poema os versos que identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

Meu samba não se importa que eu esteja numa
De andar roendo as unhas pelas madrugadas
De sentar no meio fio não querendo nada
De cheirar pelas esquinas minha flor nenhuma

Meu samba não se importa se eu não faço rima
Se pego na viola e ela desafina
Meu samba não se importa se eu não tenho amor
Se dou meu coração assim sem disciplina

Meu samba não se importa se desapareço
Se digo uma mentira sem me arrepende[r]
[...]

Após isso, o professor pode perguntar aos alunos: o poeta está diante de um problema? Como o poeta soluciona esse problema?

Espera-se que os alunos respondam:

O problema são as regras, as convenções. Supera as regras e as convenções, sendo livre, inventando a liberdade.

Com a resposta, fica demonstrada a tese existencialista de que diante de problemas o homem inventa.

Finalmente, o professor pode perguntar aos alunos: a quem o poeta escolhe?

Espera-se que os alunos respondam:

Escolhe a si mesmo.

Com a resposta fica demonstrada a tese existencialista de que ao se escolher o homem escolhe todos os homens.

Finalmente, o professor pede aos alunos que apontem no poema os versos que identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os versos seguintes:

[...]
Quando entro numa boa ele vem comigo
E fica desse jeito se eu entristecer

Comentário

E onde aparecem as escolhas feitas pelo poeta? A resposta a essa indagação só pode ser uma: na sua obra, aqui, mais especificamente falando, no seu samba, que não se importa de ele “sentar no meio fio não querendo nada”, se ele “não tem amor”, se ele “não faz rima” ou se diz “uma mentira sem se arrepender”, mas está junto quando ele “entra numa boa” e “fica triste se ele entristecer.”. Quer nos parecer que a proposta do compositor é muito clara, no sentido de dizer que não obedece, não atende ou observa padrões estabelecidos, com os quais não tenha concordância e que sua obra reflete as tristezas ou alegrias das escolhas que faz, assumindo plenamente as consequências dessas escolhas em qualquer circunstância. Nossa preocupação é especificamente voltada para a parte textual, o poema, mas abrimos uma exceção para dizer que é extraordinariamente perceptível, no andamento da melodia, o sentido de despojamento inicial e, na parte derradeira uma conotação de melancolia, na perfeita consonância entre letra e música.

O poeta coloca todas as suas escolhas no samba, contudo o samba é apenas uma metáfora, que substitui o próprio eu do poeta, significando então, que o poeta escolhe a si próprio e, conforme o existencialismo, ao fazer isso, escolhe, também, todos os homens.

3.10. Para não Contrariar Você – (O Outro é uma Liberdade Colocada à Minha Frente)

Na mesma condição de Roendo as Unhas, vamos encontrar o samba *Para não contrariar você*, que apresenta a mesma condição de desapego, de distanciamento, particularmente no que se refere ao amor. Mas aqui, esse distanciamento, esse desapego, apresenta-se como uma estratégia de defesa de um projeto específico de liberdade.

PARA NÃO CONTRARIAR VOCÊ (Paulinho da Viola, 1970)

Quem sou eu
 Pra dizer que você fica mais bonita
 Desse jeito ou daquele, quem sou eu
 Quem sou eu
 Pra falar mal do seu gosto
 Da pintura do seu rosto
 Quem sou eu, não sou ninguém
 Cada um cuida de si
 Seus olhos parecem dizer
 Muito bem
 Eu prefiro não falar

Para não contrariar você

Fico no meu samba
 Se quiser, pode ficar
 Vou lá na Portela
 Mesmo que você não vá
 Não darei ouvidos
 Se você me provocar
 Mas aceito um beijo
 Se você quiser me dar
 Se você quiser me dar

Este poema pode ser explorado pelo professor partindo da identificação da escolha, perguntando aos alunos: qual a escolha que aparece na poesia?

Espera-se que os alunos possam responder:

Amar incondicionalmente ou estabelecer limites de respeito às escolhas do outro no amor.

Após a resposta fica demonstrada a tese existencialista de que o homem é um ser que faz escolhas.

Após isso, o professor solicita aos alunos que apontem no poema os versos que identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os versos seguintes:

Quem sou eu
 Pra dizer que você fica mais bonita
 Desse jeito ou daquele, quem sou eu
 Quem sou eu
 Pra falar mal do seu gosto
 Da pintura do seu rosto
 Quem sou eu, não sou ninguém
 [...]
 Fico no meu samba
 Se quiser, pode ficar
 Vou lá na Portela
 Mesmo que você não vá

Após isso, o professor pode perguntar aos alunos: o poeta está diante de um problema? Como o poeta soluciona esse problema?

Espera-se que os alunos respondam:

O problema consiste em amar, respeitando a liberdade do outro. O poeta inventa uma forma de amar, com respeito à liberdade do outro, de suas escolhas.

Com a resposta fica demonstrada a tese existencialista de que o homem, diante de problemas, inventa.

Em seguida o professor solicita aos alunos que apontem no poema os versos que identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

Quem sou eu
 Pra dizer que você fica mais bonita
 Desse jeito ou daquele, quem sou eu
 Quem sou eu
 Pra falar mal do seu gosto
 Da pintura do seu rosto
 [...]
 Cada um cuida de si
 Seus olhos parecem dizer
 Muito bem
 Eu prefiro não falar
 Para não contrariar você

Fico no meu samba
 Se quiser, pode ficar
 Vou lá na Portela
 Mesmo que você não vá

Após isso, o professor pode perguntar aos alunos: de que maneira o outro é visto pelo poeta?

Espera-se que os alunos respondam:

Como uma liberdade colocada à sua frente

Com a resposta, fica evidenciada a tese existencialista de que o outro é sempre uma liberdade colocada à nossa frente.

Em seguida o professor solicita aos alunos que apontem no poema os versos que identificam a tese.

Espera-se que os alunos apontem os seguintes versos:

Quem sou eu
 Pra dizer que você fica mais bonita
 Desse jeito ou daquele, quem sou eu
 Quem sou eu
 Pra falar mal do seu gosto
 Da pintura do seu rosto
 [...]
 Cada um cuida de si
 Seus olhos parecem dizer
 Muito bem
 Eu prefiro não falar
 Para não contrariar você

Fico no meu samba
 Se quiser, pode ficar
 Vou lá na Portela
 Mesmo que você não vá

Comentário

Na relação amorosa, o sentimento torna-se um complicador para a liberdade, para o projeto que o indivíduo pretende estabelecer para si. O

distanciamento é uma estratégia para manter esse projeto protegido de afetações que poderiam pô-lo a perder. As coisas do amor não podem ser manifestadas, de forma que essas coisas de prestar atenção se a mulher objeto desse amor “Fica mais bonita desse jeito ou daquele/ Falar mal do seu gosto/ Da pintura do seu rosto”, são erros que não devem ser cometidos, sob pena de comprometer o projeto de liberdade estabelecido. Na relação amorosa, assim como nas escolhas, “Cada um cuida de si”, permanecendo válida a escolha como sendo uma escolha para a humanidade. A leitura que o parceiro masculino faz a partir da expressão do olhar de sua parceira é de aceitação, a ponto de pensar:

[...]
 Seus olhos parecem dizer
 Muito bem
 Eu prefiro não falar
 Para não contrariar você

Essa passagem do samba remete a uma do livro *O Estrangeiro*, de Camus (2019), onde Meursault, personagem central da história, fala de sua relação com Marie, demonstrando, também o personagem Meursault, um distanciamento desta relação amorosa com Marie, fato que se repete em outras oportunidades, toda vez que indagado por ela se ele a ama. Relata Camus (2019, p. 42):

Contei a Marie a história do velho e ela riu. Estava com um dos meus pijamas, do qual arregaçara as mangas. Quando riu, voltei a sentir desejo por ela. Instantes depois perguntou-me se eu a amava. Respondi-lhe que isso não queria dizer nada, mas que me parecia que não. Ficou com o ar triste. Mas ao preparar o almoço e a propósito de nada voltou a rir, de tal forma que eu a beijei.

Percebamos, contudo, que ao final da narrativa, na hora do almoço, diante do sorriso de Marie, indicativo de superação do momento de tristeza causada pela resposta de Meursault, ele a beijou. O beijo simboliza a aceitação de Marie às condições estabelecidas e, para Meursault, que seu projeto permanece intacto.

No seguimento do samba, também o personagem masculino estabelece condições para a companheira, condições que refletem o compromisso dele com seu projeto de distanciamento e alheamento, deixando a critério desta a decisão de aceitá-las ou não:

Fico no meu samba
 Se quiser, pode ficar
 Vou lá na Portela
 Mesmo que você não vá
 Não darei ouvidos

Se você me provocar

A conclusão do samba é extraordinária e, dentro da perspectiva da liberdade e resguardo do projeto existencialista do personagem é inteiramente lógica, guardando, extraordinariamente relação com o texto de Camus mencionado acima, porquanto o poeta coloque na boca do personagem os seguintes versos: “Mas aceito um beijo/ Se você quiser me dar”.

CONCLUSÃO

O trabalho teve início com a observação de problemas que, enquanto professor do Ensino Médio, detectamos ao fazermos aulas de filosofia para os alunos desta modalidade de ensino, com destaque para o fato de que estes alunos, muitas vezes não agem como indivíduos e parecerem alheios às suas subjetividades. Por outro lado, encontramos por parte desses mesmos alunos queixas em relação ao estudo de filosofia, destacando-se a difícil linguagem dos filósofos e de ser, a filosofia, um estudo desvinculado do cotidiano, parecendo assim, um estudo sem finalidade para enfrentamento e solução de problemas de suas vidas.

Assim, nossa tarefa precípua consistiu em oferecer um instrumento capaz de fazer com que estes alunos se percebam como indivíduos e se reconheçam cada um, como subjetividade que, individualizando-os, os diferenciam uns dos outros. Além disso, nossa tarefa também implica na capacidade de demonstrar ser o estudo de filosofia importante para a compreensão da realidade como um todo, inclusive para a compreensão dos problemas do cotidiano. Mais além, encontrar um elemento não filosófico que possa, ao mesmo tempo, facilitar o mergulho na filosofia, com uma linguagem mais acessível sem, contudo, perder a capacidade crítica de leitura da realidade, fazendo ligação, a partir de temas e problemas do cotidiano com a filosofia.

Desde logo ficou claro para nós que estávamos diante de um esforço que aliasse teoria e prática, pois só algo dessa magnitude poderia oferecer o resultado pretendido, sendo esta a razão de termos escolhido a filosofia existencialista para atuar como base filosófica de possibilitar aos alunos o reconhecimento de suas individualidades e, buscando facilitar esse encontro com o existencialismo, a partir do texto *O Existencialismo é um Humanismo*, elaboramos um roteiro para alunos do Ensino Médio pode significar uma experiência positiva na prática do ensino de filosofia, particularmente no que tange à avaliação dos alunos no próprio processo de aprendizagem, tendo como finalidade principal a autonomia destes enquanto alunos, mas, também, enquanto cidadãos, atingindo, assim, um dos um dos fins da própria educação nacional: desenvolver o educando para o exercício da cidadania.

Fazer os alunos saberem de suas subjetividades e se assumirem como subjetividades para tomar decisões que necessitam tomar, enquanto alunos,

peças, cidadãos, pode resolver esse difícil problema educacional, particularmente, no que tange à filosofia e, sobretudo, implica em atingir da proposta da educação nacional, de atingir uma das finalidades do Ensino Médio, definido na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Art. 35, inciso III: “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”(BRASIL, 1996).

Para além, abrir a possibilidade de um trabalho de sala de aula com estreita relação entre a teoria e a prática, a partir de uma proposta filosófica, partindo do pensamento do filósofo, mas relacionando-o com a poesia popular, que representa, muitas vezes, de forma direta e pela sensibilidade, os problemas humanos do cotidiano, e por isso mais próximo dos alunos.

A poesia de Paulinho da viola aparece no trabalho como um elemento não filosófico capaz de fazer, como diz Gallo (2012, p. 96), “[...] com que os estudantes vivam, ‘sintam na pele’ um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico.”. Mas esse elemento não filosófico, a poesia de Paulinho da Viola, está aqui colocado, também, porque transcende à função de sensibilizar aos estudantes para os problemas filosóficos, para alcançar o papel relevante de exemplificar algumas teses existencialistas, a partir do próprio elemento não filosófico, coisa que julgamos inovadora.

A intertextualidade entre a filosofia existencialista e a poesia popular, especificamente da poesia de Paulinho da Viola, é a ferramenta que apresentamos como possibilidade de superação do problema da linguagem dos textos filosóficos e, também para superar a ideia de que a filosofia não seja um conhecimento relacionado com o cotidiano de toda gente, pois, as escolhas feitas pelos personagens retratados, nas poesias dizem respeito ao amor, ao fim do amor, à possibilidade de continuar amando, a reconciliação de casais, o suicídio otimismo diante de problemas como o meio-ambiente respeito ao outro e a sua individualidade, às promessas não cumpridas, a tomada de decisão, a não tomada de decisão, por alegações variadas, a mentira, à liberdade, e outras questões, mas todas pertencentes ao cotidiano de qualquer pessoa.

Essas coisas todas conjugadas, uma proposta filosófica, com base no pensamento do próprio filósofo, neste caso o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, a elaboração de um roteiro prático para a compreensão das ideias mais

básicas da obra *O Existencialismo é um Humanismo*, adaptado para alunos do Ensino Médio, a utilização de poesias de um artista popular, no caso presente, as poesias de Paulinho da Viola, como exercício de intertextualidade capaz de exemplificar e facilitar a compreensão de conceitos como escolha, liberdade, engajamento, representam a relevância deste projeto, significando por isso, uma contribuição ao esforço de aliar a teoria e a prática no ensino de filosofia do Ensino Médio.

Esse esforço que alia teoria e prática assume relevância maior quando transformada em proposta pedagógica, colocada à disposição de todos os professores que trabalham com filosofia no Ensino Médio, como ferramenta experimental a ser utilizada na sala de aula, em estudos sobre o existencialismo. Não sendo uma proposta fechada, pode e deve ser enriquecida pelas experiências dos professores que dela lançarem mãos, no seu fazer pedagógico. Contudo, apresenta-se como inovador, no que tange a fazer uma leitura de identificação entre a filosofia existencialista e a poesia do artista escolhido: Paulinho da Viola.

Finalmente, a proposta pedagógica aqui referenciada, procura trazer para a sala aula, por intermédio do elemento não filosófico, o cotidiano que, em nossa observação, nem sempre está presente no ensino, fato que atinge negativamente a educação, fazendo crer que há um distanciamento entre a realidade do conhecimento formal e a do conhecimento não formal. No que diz respeito à própria filosofia, o elemento não filosófico serve para destruir a ideia de que a filosofia é um conhecimento difícil, daí só poder ser para poucos e escolhidos.

REFERÊNCIAS

AMOR À NATUREZA. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1975. 1 CD, lado A, faixa 5. (5:22 min).

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 237 p.

ANDRADE, Libero Rangel de. **XENOFONTE - Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha, tradução de Jaime Bruna, Líbero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski, - 4ª.ed., - São Paulo: Nova Cultural, 1966. Coleção Os Pensadores.

ANTONIO, João. **Noel Rosa**. São Paulo: Abril Educação, 1982. 110 p. (Literatura Comentada).

ARGUMENTO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1975. 1 CD, lado A, faixa 2 (2:24 min).

BANDEIRA, Manuel. **Bandeira de Bolso**. Porto Alegre: L&PM, 2015. 176 p.

BEBA DO SAMBA. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Beba do Samba**. Rio de Janeiro: BMG, 1996. 1 CD, faixa 14 (5:20 min).

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. – 7ª.ed. – trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação – MEC, Brasília-DF, 2017.

BOM CONSELHO. Intérprete: Maria Bethânia. Compositor: Chico Buarque de Hollanda. In: **Quando o Carnaval Chegar**. Philips. 1972. 1 LP, lado 2, faixa 4.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional**. Brasília, Distrito Federal, 1996.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia**. Brasília, Distrito Federal, 2017.

CABALLERO, Alexandre. **A Filosofia através dos textos**. – ed. 2ª, - São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Camões 200 Sonetos**. Porto Alegre: L&pm, 2017.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. – 48. ed. trad. Valerie Rumjanek., - Rio de Janeiro, Record, 2019.

CIDADE SUBMERSA. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Nervos de Aço**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1973. 1 CD, lado B, faixa 3 (3:32 min).

COISAS DO MUNDO, MINHA NEGA. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1968. 1 CD, lado A, faixa 6 (2:12 min).

COMPRIMIDO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Nervos de Aço**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1973. 1 CD, lado A, faixa 2 (3:15 min).

COX, Gary. **Compreender Sartre**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DANÇA DA SOLIDÃO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Dança da Solidão**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1972. 1 CD , lado B, faixa 1(3 min).

DE PAULO DA PORTELA A PAULINHO DA VIOLA. Intérprete: Monarco. Compositores: Monarco e Francisco Santana. In: **Paulinho da Viola – Meu Mundo é Hoje**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2003. 1 CD, faixa 11(2:30 min).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; **O Que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Muñoz., 3. ed. São Paulo: 34, 2010.

DICKER, Joel. **A verdade sobre o caso Harry Quebert**. – 1ª. ed., trad. André Tells, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

DINIZ, André. **Almanaque do Samba**. 2. ed. Rio de Janeiro, Rj: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006.

DONA SANTINA E SEU ANTENOR. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon,1971. 1 CD, lado A, faixa 3 (2:57 min).

FARACO, Sergio (org.). **Livro dos Sonetos**. Porto Alegre: L&pm, 2016.

FOI UM RIO QUE PASSOU NA MINHA VIDA. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Foi um Rio que Passou em Minha Vida**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon,1970. 1 CD, lado A, faixa 6 (2:36 min).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática Pedagógica**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

GALLO, Sílvio. **Filosofia: Experiência do Pensamento**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

_____. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio.** Capinas: Papyrus, 2012.

_____. KOHAN, W. O. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. **Filosofia no ensino médio** / Sílvio Gallo, Walter Ornar Kohan (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2000.

GÓRKI, Máximo. **Três russos e como me tornei um escritor.** – 1.ed., trad. Klara Gourianova: São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GULLAR, Ferreira. **Poesia Completa e Prosa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

HASEK, Jaroslav. **As aventuras do bem soldado SVEJK.** 1ª.ed. – trad. Luiz Carlos Cabral, Rio de Janeiro, Alfagarra, 2014.

HEGEL, Georg W. F. **Introdução à História da Filosofia.** Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**¹. Tradução de Marco Antônio Casanova., São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário de Filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

KANT, Immanuel. **Lógica.** Tradução de Guido Antônio de Almeida., 3. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

LADEIRA DO CHAPELÃO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola.** Rio de Janeiro, WAMER MUSIC, 1981. 1 CD, lado B, faixa 3 (3:22 min).

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. História da filosofia: centro ou referencial. In. **O ensino da filosofia no 2º grau.** Henrique Nilsen Neto (org.) São Paulo: SOFIA Editora SEAF, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia Completa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MELO, Thiago de. **Faz escuro, mas eu Canto**. 24. ed. São Paulo: Global, 2017.

MESMO SEM ALEGRIA. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Foi um Rio que Passou em Minha Vida**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1970. 1 CD, lado A, faixa 5(2:06 min).

MORRA, Gianfranco. **Filosofia para todos**. 4. ed. p. Tradução de Maurício Pagotto Marsola., São Paulo: Paulus, 2008.

MORAES, Vinicius de. **Antologia Poética**. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.

NÃO POSSO NEGAR. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Zumbido**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1979. 1 CD, lado A, faixa 6 (3:21 min).

NEGREIROS, Eliete Eça de. **Ensaçando a canção: Paulinho da Viola e outros escritos**. Cotia - Ateliê Editorial, 2011.

NETO, João Cabral de Melo. **Poesia Completa**. 2ª.ed. – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2007.

O TEMPO NÃO APAGOU. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Prisma Luminoso**. Rio de Janeiro: WEA, 1983.1CD, lado A, faixa 1(3:18 min).

O VELÓRIO DO HEITOR. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Memórias Cantando**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1976. 1 CD, lado B, faixa 2 (3:22 min).

O CARNAVAL ACABOU. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Memórias Cantando**. Rio de Janeiro: Odeon, 1976. 1CD, lado B, faixa 3 (02:25 min).

PARA NÃO CONTRARIAR VOCÊ. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Foi um Rio que Passou em Minha Vida**. Rio de Janeiro: Odeon, 1970. 1 CD, lado A, faixa 1 (2:35min).

PARA UM AMOR NO RECIFE. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1971. 1 CD, lado A, faixa 4 (3:01 min).

PARA VER AS MENINAS. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1975. 1CD, lado A, faixa 3 (2:52 min).

PAPO FURADO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Foi um Rio que Passou em Minha Vida**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1970. 1CD, lado B, faixa 4 (2:07 min).

PENHA, João da. **O que é Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001. 87 p. (Coleção Primeiros Passos).

PERDER E GANHAR. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1971. 1CD, lado A, faixa 1 (03:38 min).

PINTOU UM BODE. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Eu Canto Samba**. Rio de Janeiro: RCA, 1989. 1 CD, lado B, faixa 4 (2:36 min).

PLATÃO. **A República**. Tradução de Edson Bini., 2. ed. São Paulo: Edipro, 2018.

_____. **Górgias**. Tradução: Jaime Bruna., São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

PODE GUARDAR AS PANELAS. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Zumbido**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1979. 1 CD, lado A, faixa 5 (3:51min).

PRÁ JOGAR NO OCEANO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: WAMER MUSIC, 1981. 1 CD, lado A, faixa 6 (3:48 min).

QUANDO BATE UMA SAUDADE. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Eu Canto Samba**. Rio de Janeiro: RCC, 1989. 1 CD, lado B, faixa 1(3:41min).

ROENDO AS UNHAS. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Nervos de Aço**. Rio de Janeiro: Odeon, 1973. 1 CD, lado A, faixa 5 (05:00 min).

RUMOS DOS VENTOS. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Toda Hora Rola uma Estória**. Rio de Janeiro: WAMER MUSIC, 1982. 1 CD, lado A, faixa 1 (1:42 min).

SANSON, Vitorino Félix. **Textos de Filosofia**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1974. 262 p.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. 3. ed. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Fortes e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1987. Coleção Os Pensadores.

_____. **O que é a Subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 160 p. Tradução Estela dos Santos Abreu.

_____. **Que é a Literatura?** – 2.ed., trad. Carlos Felipe Moisés., São Paulo: Ática, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1966. (Educação contemporânea).

SERENO, C.B. -PISANI, M.M- VELASCO, P.N. **Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível.** Revista Páginas de Filosofia, v.2, n.1, p.139- 174, jan/jun 2010. Disponível: www.Bibliotecavital.org. Data de acesso: 06/06/2017.

SILVEIRA, Renê José Trentin. Teses sobre o ensino de Filosofia no nível médio. In: **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas.** Trentin Silveira e Roberto Goto (orgs.). São Paulo: Loyola, 2007.

SINAL FECHADO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Sinal Aberto.** Rio de Janeiro: BMG, 1999. 2 CD, faixa 9 (3:13 min).

SÓ O TEMPO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **A Toda Hora Rola uma Estória.** Rio de Janeiro: WAMER MUSIC, 1982. 1 CD, lado A, faixa 2 (2:30 min).

SOL E PEDRA. Intérprete:Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola.** Rio de Janeiro: Odeon,1971.1CD, lado A, faixa 2(3:00 min).

VITA, Luís Washington. **Pequena História da Filosofia.** São Paulo: Saraiva, 1968.

ZUMBIDO. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. In: **Zumbido.** Rio de Janeiro: Emi-Odeon,1979. 1 CD, lado B, faixa 6 (3:24 min).

14 ANOS. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: **Paulinho da Viola.** In: **Samba na Madrugada.** Rio de Janeiro: RGE, 1968. 1 CD, lado A, faixa 3 (2:34 min).